



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

MARCHAS POPULARES DE S. PEDRO NA
SEARA E NA RIBEIRA, MANIFESTAÇÃO DE
CULTURA POPULAR NO DISTRITO DE VIANA
DO CASTELO

Cristina Maria Cerqueira de Araújo



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Cristina Maria Cerqueira de Araújo

MARCHAS POPULARES DE S. PEDRO NA SEARA
E NA RIBEIRA, MANIFESTAÇÃO DE CULTURA
POPULAR NO DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

Mestrado em Educação Artística

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Doutora Manuela Benvinda Vieira Gomes Cachadinha

fevereiro de 2020

"Cada um que passa na nossa vida passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui outra. Cada um que passa na nossa vida passa sozinho, mas não vai só, nem nos deixa sós. Leva um pouco de nós mesmos, deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito; mas não há os que não levam nada. Há os que deixam muito; mas não há os que não deixam nada. Esta é a maior responsabilidade da nossa vida e a prova evidente que duas almas não se encontram ao acaso."

Saint-Exupéry

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo desencadear uma reflexão sobre a valorização do património cultural, em especial sobre a atividade das marchas populares em duas freguesias do distrito de Viana do Castelo; focando o papel e a motivação dos indivíduos que organizam, participam e desenvolvem esta manifestação cultural popular. São analisadas as atitudes e o nível de participação de pessoas de diferentes idades e de diferentes meios socioculturais; qual o papel que cada grupo desempenha, na promoção e transmissão de uma das tradições com mais significado nas duas localidades e, qual o papel que os jovens estão a ter na valorização desse património.

Sendo duas freguesias com muita tradição na comemoração e divulgação das marchas populares; nos dois casos, por altura dos festejos a S. Pedro, pretendemos compreender a influência que esta atividade tem na comunidade local, nos organizadores, participantes e no público que a acompanha; bem como, pretendemos conhecer quais as razões que estão implícitas nestas coletividades locais, no que diz respeito à valorização desta atividade cultural.

Nos últimos anos, os eventos culturais e festivos de cariz popular, têm sido procurados pelas populações em geral, o turismo cresce e torna-se um mecanismo para desenvolver a economia local, o que tem contribuído para um reforço e conhecimento da identidade de um povo. Portugueses ou estrangeiros buscam conhecer e participar mais, nos eventos de natureza popular; os locais agradecem e ficam orgulhosos, dado que desenvolvem e partilham as suas tradições, a sua cultura. Tal acontece com as duas marchas populares que servem de estudo e análise à investigadora, conduzida numa amostra intencional, com indivíduos que nos permitem identificar as principais motivações para a sua participação nas marchas, como marchantes, como organizadores, como colaboradores ou como público. Por outro lado, pretendemos avaliar se os indivíduos envolvidos estão conscientes que a sua participação no evento das marchas populares promove e valoriza manifestações do património cultural português.

Apesar de não serem as marchas populares de Lisboa, o evento principal da capital, uma tradição antiga, muito publicitada, com cobertura televisiva e com ajuda financeira de Câmara Municipal de Lisboa; a marcha da Seara e a marcha da Ribeira, sabem bem as ajudas com que podem contar e conhecem as suas limitações. Há mais de dez anos que as duas se mantêm vivas e os indivíduos destas comunidades locais se vêm integrados, em algo que é deles e lhes diz muito, transmitindo orgulho quando são vistos e apreciados no decorrer da atividade.

É fundamental reanimar e resgatar várias singularidades culturais e identitárias locais, antes que se apaguem das memórias, como é o caso das marchas populares que serviram de propósito a este estudo. A cultura popular possui características singulares e peculiares, na maioria das vezes, transmitidas por via oral, enquanto tivermos testemunhas ainda vivas. É preciso transmitir um conjunto de dados teóricos e práticos no presente, para que fiquem para o futuro, tendo por base a implementação de iniciativas, ou dinâmicas culturais e educativas que surjam com o apoio do poder local.

Palavras-chave: Património; Cultura Popular; Marchas; Ritual; Educação Artística; Participação Cívica.

Abstrat

The present dissertation aims to generate a reflection on the valorization of cultural heritage, especially on the activity of popular marches in two parishes of the district of Viana do Castelo, focusing on the role and motivation of individuals who organize, participate and develop this popular cultural manifestation. The attitudes and level of participation of people of different ages and different sociocultural backgrounds are analyzed as well as what role each group plays in promoting and transmitting one of the most meaningful traditions in both localities and what role young people are playing in cherishing this heritage.

Being two parishes with a lot of tradition in the celebration and dissemination of popular marches, in both cases throughout the festivities to St. Peter's, we aim to understand the influence that this activity has on the local community, its organizers, its participants as well on all the people that accompanies it. We also intend to acknowledge the reasons that are implicit in these local collectivities, with regards to the relish of this cultural activity.

In recent years, cultural and festive events of a popular nature have been sought after by people in general and tourism has been growing and becoming a mechanism to develop the local economy, which has contributed to the strengthening and knowledge of the identity of a people. Both the Portuguese people and the foreigners seek to know and participate more in events of popular nature and the locals thank and are proud, as they are able to develop and share their traditions, their culture. This is the case with both popular marches that serve as a study and analysis to the researcher, shown through an intentional sample from individuals who allowed us to identify the main motivations for their participation in the marches, either as marchers, organizers, collaborators or as general public. On the other hand, we intend to assess whether the individuals involved are aware that their participation in popular march events promotes and values manifestations of cultural Portuguese heritage.

Although they are not the popular marches of Lisbon, the main event of the capital of Portugal, an ancient tradition well advertised through television coverage and with the financial support of Lisbon's City Council, the March of Seara and the March of Ribeira know well the support they can count on as well as their limits. For more than ten years, these two marches have persisted in staying alive and the individuals of these local communities are united in something which is theirs and tells them a lot, conveying pride when they are seen and appreciated during the course of the activity.

It is essential to revive and rescue several local cultural and identity singularities before they are erased from memoirs, as is the case of the popular marches, which supported this study. Popular culture has unique and peculiar characteristics, most often orally diffused, while we have witnesses that are still alive. It is necessary to convey a set of theoretical and practical data now, so that they stay for the future, based on the implementation of initiatives, or of cultural and educational dynamics that result from the support of local authorities.

Keywords: Heritage; Popular Culture; Marches; Ritual; Artistic Education; Civic Participation.

Agradecimentos

Fica concluída mais uma etapa importante no nosso percurso pessoal e profissional, uma etapa preenchida de momentos no desconhecido. Sonhamos em desistir, mas por nós, pela nossa valorização, pelo que esperam e acreditam em nós, o caminho faz-se com dificuldades, com luta, com persistência, com grande esforço, com determinação e grande gosto se escolhemos um bom caminho. Foi o companheirismo, o convívio e a partilha que, também, nos fizeram crescer. Às vezes é preciso tomar decisões que nos custam, mas que nos salvam. No final temos a certeza das opções tomadas.

Foram meses gratificantes de aprendizagens constantes, de descobertas e de troca de experiências imensas. Muitas pessoas passam e cruzam o nosso caminho, umas ficam outras vão, mas tudo é aprendizagem e crescimento pessoal e intelectual.

O nosso profundo agradecimento e reconhecimento a todas as pessoas que, pessoalmente ou por qualquer via institucional, deram o seu contributo e colaboração e fizeram-nos acreditar na possibilidade deste estudo. Gratidão por terem tornado possível esta concretização. Sem referir nomes, reconhecemos a importância de todas as pessoas ligadas às marchas populares da freguesia da Seara, participantes, marchantes, organizadores, amigos, à Junta de Freguesia da Seara; às pessoas do bairro da Ribeira, marchantes femininas da freguesia de Monserrate, que nos receberam com grande simpatia, à Junta de Freguesia de Monserrate, ao responsável máximo da Escola de Música Maestro José Pedro e a todas as pessoas que incentivaram à realização deste trabalho.

À família que respeitou as nossas ausências e entendeu a necessidade de períodos de recolhimento pessoal, um enorme obrigada!

A uma amiga especial que nos levou para esta nova e grandiosa aventura, que olha por si e pelos outros e nos avisa e aconselha do que é melhor para nós agradeço imenso o ânimo que sempre passou. Um obrigada às restantes colegas do curso de mestrado por tudo que vivemos juntas.

Duas outras grandes mulheres foram importantes neste percurso, deram-nos muita coragem e um empurrão para acreditar e avançar. Obrigada amigas.

Agradeço a todo o corpo docente com quem tive o prazer de me cruzar, nestes meses de formação, no mestrado em Educação Artística, na escola Superior de Educação; um obrigada especial ao professor doutor Carlos Almeida que nunca nos deixou desamparadas, sempre nos compreendeu, apoiou, colaborou, incentivou, aconselhou e acreditou em nós.

Um grande agradecimento vai para a professora doutora Manuela Cachadinha que aceitou ser orientadora desta dissertação de mestrado, sempre disponível, encorajadora, ouvinte e aberta a propostas ou sugestões, pela sua competência profissional, que nos levou na condução de uma metodologia eficaz e à conclusão deste trabalho. Tornou-se muito importante o seu acompanhamento permanente, o seu encorajamento em momentos mais complicados e os seus conselhos durante este processo. Sinceros agradecimentos.

Siglas e Abreviaturas

CNC - Comando Numérico Computadorizado

E. - Entrevista

EGEAC - Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural

F - Feminino

GNR - Guarda Nacional Republicana

INE - Instituto Nacional de Estatística

M - Masculino

ONU - Organização das Nações Unidas

P. - Pergunta

Port. - Portuguesa

UNESCO - *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Índice

Resumo.....	ii
Abstrat.....	iii
Agradecimentos	iv
Siglas e Abreviaturas	v
LISTA DE FIGURAS	xiii
LISTA DE ANEXOS	xiv
Capítulo I.....	15
1- Introdução	15
1.1- Contexto da Investigação	17
1.2- Pertinência do Estudo	18
1.3- Declaração do problema	20
1.4- Finalidades e objetivos.....	21
1.5- Papel da investigadora.....	21
1.6- Questões - chave da investigação.....	22
Sumário.....	24
Capítulo II.....	25
2- Enquadramento teórico	25
2. 1- Definição de conceitos	28
2.1.1- Património.....	28
2.1.2- Marchas	31
2.1.3- Cultura Popular	31
2.1.4- Ritual.....	35

2.1.5- Educação artística.....	37
2.1.6- Participação cívica	43
Sumário.....	44
Capítulo III.....	45
3- Metodologia	45
3.1- Estudo de caso	46
3.2- Método Etnográfico	47
3.3- Amostra.....	49
3.4- Procedimentos, instrumentos e análise de dados	50
3.4.1 - Entrevista	52
3.4.2- Observação participante.....	55
3.5- Plano de Ação.....	57
3.6- Questões éticas	58
Sumário.....	60
Capítulo IV	61
4- Cultura e Marchas Populares em Portugal.....	61
4.1- Marchas Populares na freguesia da Seara e no bairro da Ribeira (Monserrate).....	63
4.1.1- Caracterização da freguesia da Seara	63
4.1.2- Caracterização das marchas populares da Seara com os testemunhos recolhidos.....	66
4.1.3 - Caracterização da freguesia de Monserrate, bairro da Ribeira	76
4.1.4- Caracterização das marchas populares do bairro da Ribeira, com os testemunhos recolhidos.....	81
Sumário.....	98

Capítulo V	99
5- Análise dos dados recolhidos.....	99
5.1 - Perfil sociodemográfico dos participantes/marchantes da Seara.....	101
5.2 - Relação com a marcha da Seara - participantes/marchantes da Seara	103
5.3 - Motivações dos participantes da marcha da Seara	105
5.4 - Promoção da cultura popular e identidade - participantes/marchantes (freguesia da Seara)	107
5.5 - Contributo para a valorização do património - participantes/marchantes (freguesia da Seara)	108
5.6 - Contributo para o turismo - participantes/marchantes (freguesia da Seara)	108
5.8 - Relação com a marcha do bairro da Ribeira - participantes/marchantes (freguesia de Monserrate).....	111
5.9 - Motivações dos participantes da marcha do bairro da Ribeira.....	113
5.10 - Promoção da cultura popular e identidade - participantes/marchantes (freguesia de Monserrate).....	116
5.11- Contributo para a valorização do património - participantes/marchantes (freguesia de Monserrate).....	117
5.12 - Contributo para o turismo - participantes/marchantes (freguesia de Monserrate).....	118
5.13 - Perfil sociodemográfico de elementos integrados em entidades da freguesia da Seara....	120
5.15 - Conhecimento do planeamento e concretização da marcha da Seara, elementos integrados em entidades	124
5.16 - Promoção da cultura popular (freguesia da Seara), elementos integrados em entidades..	127
5.18 - Contributo para o turismo (freguesia da Seara), elementos integrados em entidades	129
5.19 - Perfil sociodemográfico de elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate	130
5.20 - Categorização da opinião sobre a marcha da Ribeira, elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate	131
5.21 - Conhecimento sobre o planeamento e concretização da marcha da Ribeira, elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate	133

5.22 - Promoção da cultura popular e identidade do bairro da Ribeira, elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate.....	135
5.23 - Contributo para a valorização do património do bairro da Ribeira, elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate.....	136
5.24 - Contributo para o turismo do bairro da Ribeira, elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate.....	137
5.25 - Perfil sócio- demográfico - público da marcha da Seara.....	138
5.26-Opinião sobre a marcha- público da marcha da Seara	139
5.27 - Motivações para participação dos marchantes- público da marcha da Seara.....	141
5.29 - Valorização do património cultural - público da marcha da Seara	143
5.30 - Contributo para o turismo- público da marcha da Seara.....	144
5.31 - Perfil sociodemográfico - público da marcha do bairro da Ribeira	145
5.32 - Opinião sobre a marcha do bairro da Ribeira - público	146
5.33 - Motivações para participação dos marchantes- público da marcha do bairro da Ribeira ...	148
5.34 - Promoção da cultura popular e identidade- público (freguesia de Monserrate)	150
5.35 - Valorização do património cultural- público (freguesia de Monserrate).....	150
5.36 - Contributo para o turismo- público (freguesia de Monserrate)	151
5.37 - Análise comparativa das informações recolhidas nos grupos de entrevistados da freguesia da Seara e da freguesia de Monserrate (bairro da Ribeira).....	152
Capítulo VI	160
6.1- Resultados alcançados	161
6.2- Constrangimentos	164
6.3- Implicações para o futuro	166
Referências bibliográficas	169
Páginas da web.....	173
ANEXOS	174

Lista das Tabelas

Tabela 1 - Temas/categorias e objetivos da entrevista	54
Tabela 2 - Etapas da investigação	58
Tabela 3 - Resumo de semelhanças e diferenças entre as duas marchas	97
Tabela 4 - Categorização da entrevista - marchantes/participantes da Seara e da Ribeira	100
Tabela 5 - Perfil sociodemográfico dos marchantes/participantes da freguesia da Seara.....	101
Tabela 6 - Relação dos marchantes/participantes com a marcha da Seara	103
Tabela 7 - Motivações dos marchantes/participantes da marcha da Seara	105
Tabela 8 - Promoção da cultura popular e identidade no grupo dos marchantes/participantes (Seara)	107
Tabela 9 - Contributo para a valorização do património no grupo dos marchantes/participantes (Seara)	108
Tabela 10 - Contributo para o desenvolvimento do turismo no grupo dos marchantes/ participantes (Seara)	108
Tabela 11 - Perfil sociodemográfico dos marchantes/participantes do bairro da Ribeira	109
Tabela 12 - Relação dos marchantes/participantes com a marcha do bairro da Ribeira.....	111
Tabela 13 - Motivações dos marchantes/participantes da marcha do bairro da Ribeira.....	113
Tabela 14 - Promoção da cultura popular e identidade no grupo de marchantes/participantes (bairro da Ribeira)	116
Tabela 15 - Contributo para a valorização do património no grupo de marchantes/participantes (bairro da Ribeira)	117
Tabela 16 - Contributo para o desenvolvimento do turismo no grupo de marchantes/ participantes (bairro da Ribeira)	118
Tabela 17 - Categorização das entrevistas a entidades da Seara, do bairro da Ribeira (Juntas de Freguesia, Associações Locais, Organização das marchas) e público	119
Tabela 18 - Perfil sociodemográfico de elementos integrados em entidades, freguesia da Seara	120
Tabela 19 - Opinião sobre a marcha da Seara, de elementos integrados em entidades locais ...	122

Tabela 20 - Conhecimento dos elementos integrados em entidades no planeamento e concretização da marcha da Seara	124
Tabela 21 - Promoção da cultura popular e identidade, marcha da Seara (elementos integrados em entidades)	127
Tabela 22 - Contributo para a valorização do património, na Seara (elementos integrados em entidades)	128
Tabela 23 - Contributo da marcha da Seara para o turismo (elementos integrados em entidades)	129
Tabela 24 - Perfil sociodemográfico de elementos integrados em entidades locais, freguesia de Monserrate	130
Tabela 25 - Opinião sobre a marcha da Ribeira (elementos integrados em entidades locais)	131
Tabela 26 - Conhecimento do planeamento e concretização da marcha da Ribeira (elementos integrados em entidades locais)	133
Tabela 27 - Promoção da cultura popular e identidade do bairro da Ribeira (elementos integrados em entidades)	135
Tabela 28 - Contributo para a valorização do património do bairro da Ribeira (elementos integrados em entidades)	136
Tabela 29 - Contributo da marcha da Ribeira para o desenvolvimento do turismo (elementos de entidades)	137
Tabela 30- Perfil sociodemográfico do público da marcha da Seara	138
Tabela 31 - Opinião do público sobre a marcha da Seara	139
Tabela 32 - Conhecimento do planeamento e concretização das marchas da Seara (público) ...	141
Tabela 33 - Promoção da cultura popular com a marcha da Seara (público).....	143
Tabela 34 - Contributo para a valorização do património com a marcha da Seara (público)	143
Tabela 35 - Contributo da marcha da Seara para o turismo (público).....	144
Tabela 36 - Perfil sociodemográfico dos elementos do público da marcha do bairro da Ribeira..	145
Tabela 37 - Opinião do público da marcha do bairro da Ribeira	146
Tabela 38 - Conhecimento do planeamento e concretização da marcha do bairro da Ribeira (público)....	148
Tabela 39 - Promoção da cultura popular e identidade da marcha do bairro da Ribeira (público)	150
Tabela 40 - Contributo para a valorização do património, marcha do bairro da Ribeira (público)	150

Tabela 41 - Contributo da marcha do bairro da Ribeira para o turismo local (público).....	151
---	-----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estátua de Santiago, freguesia da Seara	64
Figura 2 - Primeiros carros alegóricos, S. Pedro.....	68
Figura 3 - Primeiros carros alegóricos, Maria vai à fonte.....	69
Figura 4 - Primeiros carros alegóricos, o casamento.....	69
Figura 5 - Nicho de S. Pedro, no Largo do Pinheiro Manso, Freguesia da Seara	71
Figura 6 - Primeiro cartaz das marchas populares, após alguns anos de interrupção	72
Figura 7 - Roupas e arcos nas primeiras apresentações, após alguns anos de interrupção.....	74
Figura 8 - Exemplos de figurinos desenhados para as primeiras roupas que desfilaram.....	75
Figura 9 - Seara florida, tema da marcha popular da Seara de 2019.....	76
Figura 10 - Porto de pesca e lota, na Ribeira, freguesia de Monserrate	79
Figura 11 - Busto de Amadeu Costa, no largo com o mesmo nome, freguesia de Monserrate.....	80
Figura 12 - Imagem de S. Pedro na igreja de S. Domingos, freguesia de Monserrate.....	81
Figura 13 - Versos cantados no momento da coroação a S. Pedro, freguesia de Monserrate.....	84
Figura 14 - As cantadeiras e os músicos no momento da coroação.....	85
Figura 15 - Rua dos Poveiros, Ribeira, freguesia de Monserrate.....	86
Figura 16 - Varinas na marcha do bairro da Ribeira	87
Figura 17 - Largo Maestro José Pedro, onde se localiza a escola.....	88
Figura 18 - Programa das primeiras jornadas 1987 e cartaz das jornadas de arte popular 2016...90	
Figura 19 - S. Paulo e S. Pedro (esquerda para a direita), no exterior da igreja de S. Domingos..91	
Figura 20 - Coroação de S. Pedro na noite de 28 de junho	93
Figura 21 - Traje atual das varinas da Ribeira, freguesia de Monserrate.....	95

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1.....	175
Anexo 2.....	176
Anexo 3.....	177
Anexo 4.....	178
Anexo 5.....	179
Anexo 6.....	181

Capítulo I

1- Introdução

As marchas populares de S. Pedro da freguesia da Seara, no concelho de Ponte de Lima, são uma tradição que conta com dez anos de apresentação, após uma pequena interrupção. Iniciaram-se em 1981, por isso quase há trinta e nove anos, por um casal da freguesia e seus familiares, hoje é realizada por um pequeno grupo de pessoas locais, que já se constituíram em associação local. A realidade das marchas populares acontece em mais locais no país, nomeadamente, com mais visibilidade nos distritos de Lisboa e do Porto.

Neste contexto rural, nunca antes foi estudada, só existem registos fotográficos, em vídeo, notícias em jornais e cartazes que divulgam a atividade. O mesmo acontece com a marcha do bairro da Ribeira, da freguesia de Monserrate, em Viana do Castelo; hoje faz parte da União de Freguesias de Viana do Castelo (Santa Maria Maior, Monserrate e Meadela). Esta é uma marcha que se insere num ambiente de cidade e que se desenvolve há vários anos. Diríamos há muitos anos, mas com fases de interrupção. Teve períodos de ressurgimento e de interrupção ao longo da sua história. Segundo o jornal Minho Digital, esta atividade teve o seu início nos anos setenta, sendo o grande impulsionador, Amadeu Costa, figura ilustre de Viana do Castelo que muito se dedicou a divulgar o património artístico e cultural (Digital, 2019). Contudo a atividade foi sofrendo interrupções, tendo sido retomada há mais ou menos vinte e sete anos. Contudo, outros testemunhos vivos chegam até nós, um elemento da Direção da Associação Maestro Zé Pedro e um elemento da Junta de Freguesia de Monserrate, contam-nos que o Maestro Zé Pedro já havia colaborado, muito antes da década de setenta, com a criação de músicas para várias marchas de Viana, incluindo a do bairro da Ribeira. Investigamos sobre o que nos diziam estas fontes orais e constatamos, em alguns livros de autores vianenses, que a marcha do bairro da Ribeira, já tinha desfilado em 1948. Esta abordagem fica para o capítulo IV deste trabalho.

No caso das duas localidades, as marchas dão visibilidade às pequenas comunidades locais, muitas vezes pequenas coletividades que surgem num grupo de vizinhos, amigos ou familiares. Porém, nem sempre têm recebido a devida atenção na dimensão cultural, educacional e política local. Trata-se de uma memória, que necessita ser valorizada e divulgada, para ficar registada e, auxiliar no desenvolvimento do conceito de identidade cultural. A observação e as entrevistas contribuem para um melhor conhecimento e compreensão desta tradição, ainda muito viva, cujos saberes estão na memória de muitos dos seus intervenientes. A tradição, nos dias atuais, revela várias características diferentes do passado, contudo, o interesse e aceitação social alteraram-se sendo um símbolo de identidade cultural local.

O sucesso da recolha etnográfica deu-se pelo facto de ter existido um bom relacionamento entre entrevistados, informantes e investigadora. A partir da análise do contexto em que decorrem as duas marchas, é possível perceber os meios pelos quais as tradições estão a ser passadas de geração em geração (familiares e amigos e por via oral). É pertinente refletirmos sobre as implicações de diferentes maneiras de aprender e na relação que deve existir entre a educação e a cultura.

O estudo desenvolve-se de setembro de 2019 a janeiro de 2020, com recurso à realização de reuniões com a direção da Associação “Sementes Anónimas”, as Juntas de Freguesias, os responsáveis e organizadores, pessoas particulares e individuais, envolvidas na atividade, utilizando como instrumentos de recolha de dados o inquérito por questionário, entrevistas, observações, notas de campo, diário da investigadora, análise documental, registos fotográficos, de áudio e vídeo com a participação de marchantes de várias idades, das entidades locais e do público.

A metodologia que acompanha este estudo é qualitativa, com o estudo de caso, recorrendo ao método etnográfico.

Pretendemos estudar esta atividade cultural, caracterizar os contextos em que está inserida, que meios artísticos são utilizados, como se organizam os elementos daquelas comunidades e associação, o que os motiva, o papel que a atividade desempenha nas vertentes social, económica, cultural e educacional nas localidades. As Juntas de

Freguesias, na pessoa dos senhores Presidentes, ou outro representante, mostram o seu orgulho e paixão por esta tradição permanecer viva, uma vez que a população revela uma participação cívica e o interesse por preservar a cultura popular.

Com os resultados do estudo, espera-se poder vir a caracterizar melhor esta atividade, como veículo importante para a divulgação, valorização e defesa da cultura popular, naquelas comunidades locais.

Ao longo deste trabalho de investigação nunca são referidos os nomes das pessoas que nele colaboram, por questões éticas e deontológicas. Quanto aos registos áudio e de imagem, foram solicitadas as devidas autorizações, ainda que vários documentos foram conseguidos através da plataforma YouTube, onde estavam já publicados.

1.1- Contexto da Investigação

A investigação decorre na freguesia da Seara, concelho de Ponte de Lima, e em Monserrate, no bairro da Ribeira. Contamos com a colaboração da atual Associação “Sementes Anónimas- Associação Recreativa”, formada em janeiro de 2019, no caso da marcha da Seara. Funcionou desde 2007, como Comissão das marchas populares de S. Pedro, dedicando-se a reavivar a tradição das marchas populares locais. Pretendemos identificar as etapas que antecedem à preparação da atividade, com diferentes fases de decisão, construção, ensaio e apresentação das marchas ao público, em diferentes locais do concelho de Ponte de Lima e Viana do Castelo. Este acompanhamento, não foi possível, com a marcha popular do bairro da Ribeira, porque o nosso contacto só se inicia em setembro de 2019. Os motivos e constrangimentos são explicados mais à frente neste trabalho.

Nos seus currículos de existência, ambas as marchas populares, contam com convites de outras coletividades ou Associações para desfilarem noutras freguesias do distrito.

Para estudar a marcha da Ribeira, da freguesia de Monserrate o contacto com um elemento da Junta de freguesia foi primordial, uma vez que acompanha a realização da atividade e a promove, anualmente, com muito orgulho, como faz questão de referir. Recorda-se em jovem de ver as marchas, de ter participado pela marcha do bairro Jardim onde viveu, mas nos últimos anos com outras funções, na freguesia de Monserrate. É um intermediário importante que nos coloca em contacto com os restantes elementos que colaboram e outros que participam na atividade.

Recolhemos testemunhos de pessoas com mais idade, de alguns jovens, das coreógrafas, dos marchantes, de elementos das atuais Juntas, organizadores das marchas e membros de Associações.

Deste modo, o acompanhamento que desejamos realizar, exigiu deslocações à Seara e a Viana do Castelo, ao longo de meses em que desenvolvemos o estudo. Desejamos participar, com o devido consentimento, em reuniões; na visita aos habitantes locais que, habitualmente, participam e que, novamente serão convidados; nos ensaios da coreografia; a nossa participação na marcha (dado o convite que nos é feito, pelas marchas da Seara) e nas deslocações posteriores para a realização de intercâmbios com outras Associações, de outras localidades. Posteriormente, elaboramos uma análise e reflexão dos dados recolhidos e, se possível, dar-se-á conhecimento dos resultados do estudo nas duas comunidades locais.

1.2- Pertinência do Estudo

A realização deste estudo alerta para a importância de existir um registo organizado, pondo-o posteriormente à disposição da Comunidade Searense e da Comunidade da Ribeira, freguesia de Monserrate, como resultado de uma investigação de alguém que não é habitante nas freguesias, mas que procura entender e refletir sobre as artes na educação de cada um de nós, em momentos informais e o papel que as artes ocupam na vida das comunidades locais. Se prevalecer pouco interesse, o que pode acontecer, no

futuro, é o desaparecimento desta e outras manifestações culturais populares. Importa passar esse conhecimento aos mais novos, quer sejam familiares mais próximos, ou junto das crianças de escolas das duas freguesias; veículos fundamentais para a transmissão desses saberes, que alguns intervenientes mantêm vivos na sua memória e o podem testemunhar oralmente.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2003), define Património Imaterial, de acordo com a Convenção, como sendo

(...) as práticas, objetos, artefactos e lugares culturais que lhes estão associados- que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante do seu património cultural. O património cultural é transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu ambiente, da sua interação com a natureza e da sua história, criando um sentimento de identidade, pertença, partilha e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (p. 3).

É sobre esse entrecruzar de uma dinâmica social e de uma dinâmica cultural que esta investigação se debruça. Assim as artes e, dentro delas as tradições culturais, devem ser encaradas como facilitadoras do processo de integração do ser humano num grupo social, tornando-o consciente dos seus valores, crenças, comportamentos, instituições e regras morais que caracterizam uma sociedade.

Em alguns países, o conceito de grupo de pertença diz respeito ao grupo social do qual uma pessoa faz parte pelo facto de ter valores, crenças, gostos ou comportamentos em comum. A sensação e o sentimento de pertença a estes conjuntos permitem que o indivíduo se sinta acompanhado por pares e ajudam a desenvolver a sua identidade, uma vez que se reconhece, identifica-se e apresenta-se ao resto da sociedade como parte de um grupo (Segalen, 1998).

A identidade de um povo está na sua cultura e é tudo aquilo que é construído pelo ser humano. Inclui os mitos, símbolos, ritos, todas as crenças, todo o conjunto de conhecimentos e todo o comportamento. Portanto, conhecer e valorizar a nossa cultura são autoafirmações do que somos.

Desta forma, a arte e a tradição são um meio essencial para a formação geral do indivíduo, facilitando, harmoniosamente, a sua integração na vida social.

É importante que numa época globalizada cultural, económica, social e mesmo politicamente, a nossa identidade cultural não se perca e que desde cedo seja dada a conhecer aos mais novos, permitindo-lhes o crescimento de uma compreensão relacionada com o contributo da arte, através da História, para o desenvolvimento do ser humano nos campos social, económico e espiritual.

1.3- Declaração do problema

O estudo é uma investigação sobre as ações realizadas, para que este acontecimento exista há mais de vinte anos, na comunidade da Seara e há mais anos na comunidade da Ribeira. No caso da freguesia da Seara, esta atividade realiza-se, anualmente e, ganha agora um novo fôlego, ao terem formado em janeiro de 2019, uma Associação a que dão o nome de Sementes Anónimas- Associação Recreativa. No bairro da Ribeira, em Viana do Castelo, continua a ser a Junta de Freguesia a impulsionadora do evento; colabora com um grupo de conhecidos, vizinhos e amigos do bairro. Mantêm-se fiéis às tradições locais de um bairro habitacional de pescadores e colaboram com a apresentação das marchas populares a S. Pedro, integradas na semana das Jornadas de Arte Popular, realizadas pela Junta de Freguesia de Monserrate.

A problemática que pretendemos estudar vai para além do carácter funcional da iniciativa. Trata-se de uma tradição de há vários anos, nas duas localidades, que nem sempre tem recebido a devida atenção na dimensão cultural, educacional e política local. Nem sempre o poder local participa e colabora nestas atividades, os jovens revelam pouco interesse por estas manifestações e os meios de comunicação local nem sempre lhe dão a devida importância. Esta memória necessita ser valorizada e divulgada para ficar registada e auxiliar no desenvolvimento do conceito de identidade cultural. Este legado patrimonial e artístico deve ficar perpetuado para gerações futuras, em especial nas duas freguesias.

1.4- Finalidades e objetivos

As finalidades deste estudo são:

- Investigar a origem e a evolução das marchas populares da Seara, freguesia do concelho de Ponte de Lima e as marchas do bairro da Ribeira, freguesia de Monserrate;
- Investigar o que caracteriza a prática estética e os comportamentos relacionados, dos adultos e crianças, no ritual das marchas da Seara, na freguesia da Seara, do concelho de Ponte de Lima e das marchas do bairro da Ribeira, freguesia de Monserrate, do concelho de Viana do Castelo;
- Refletir como os conceitos de estética, cultura e identidade se entrecruzam nas atitudes humanas das Comunidades da Seara e da Ribeira e o contexto em que se inserem.

1.5- Papel da investigadora

A investigadora, ainda que de forma isolada, porque é uma só, realiza uma observação participante, sendo um dos instrumentos principais na observação; procura uma oportunidade para investigar e, faz parte do meio que pretende investigar. Agrega um papel de ator social, que de uma forma mais ou menos aprofundada, procura ter acesso às perspetivas de outras pessoas com quem interage, sem ser uma intrusa, ao experimentar as mesmas vivências dos intervenientes em causa na sua investigação. A sua participação, nas marchas da Seara, como madrinha do evento em junho de 2019, teve por objetivo aceitar, em primeiro lugar, um convite que surgiu da direção da Associação Sementes Anónimas- Associação Recreativa e, em segundo lugar, porque se trata de um meio privilegiado de recolha de dados, nomeadamente no que diz respeito a ações, opiniões, à construção da marcha, à escolha e elaboração de adereços, à confeção das roupas, à construção do carro alegórico, à preparação do desfile, ao desfile,

aos intercâmbios, etc.. Qualquer outro investigador exterior não tem acesso fácil a muitas das informações recolhidas e às vivências proporcionadas.

A investigação pauta-se de um plano de trabalho, devidamente, autorizado pelos indivíduos e instituições ou Associações participantes, esclarecendo o intuito do trabalho de investigação. Qualquer indivíduo tem acesso aos dados e resultados obtidos pela investigação. A investigadora é honesta e esclarecedora, aproxima-se dos intervenientes e ganha a sua confiança, para posterior colaboração. Respeita a privacidade, confidencialidade, a segurança e proteção de dados, ciente de que há mais cuidados a ter quando há crianças envolvidas na pesquisa. A todos os intervenientes é solicitada a assinatura num termo de consentimento esclarecido, aos pais quando se tratam de menores de idade.

1.6- Questões-chave da investigação

Para responder ao problema equacionado, este trabalho objetiva responder a um estudo centrado nas seguintes questões de investigação:

1. O que caracteriza a tradição das marchas populares na Seara e na Ribeira?
2. Que influência tem esta atividade na comunidade local?
3. Quais as razões da valorização desta atividade cultural?

1.7- Plano Geral do Estudo

A investigação encontra-se organizada em seis capítulos. O primeiro capítulo, aborda e contextualiza toda a investigação, refere a pertinência deste estudo, apresenta a declaração do problema, as finalidades e objetivos, o papel da investigadora e as questões da investigação.

No segundo capítulo é desenvolvida a revisão da literatura, considerada relevante neste contexto específico deste estudo, a definição de conceitos de património, cultura popular, ritual, marchas, participação cívica e educação artística. A educação artística é investigada como um contributo na formação de qualquer indivíduo, tornando-os atores mais criativos e críticos, com um papel ativo na sociedade, porque a Arte deve fazer parte da educação, e a educação faz-se, também e muito em ambientes mais informais.

O capítulo terceiro refere a metodologia selecionada, divulgando o desenho geral de toda a investigação e é caracterizado o contexto de estudo e a amostra. Referimos as vantagens e desvantagens do método qualitativo, os instrumentos e o método escolhidos para a recolha de dados. O capítulo finaliza, referindo quais os procedimentos e as questões éticas, salvaguardadas no decorrer do estudo.

Relativamente ao quarto capítulo desta investigação, ele trata da cultura e das marchas populares em Portugal, numa visão global, particularizando depois para os dois contextos do estudo, a freguesia da Seara e a freguesia de Monserrate (bairro da Ribeira). Caracterizamos sócio e demograficamente os locais, as duas marchas populares e suas particularidades, com os testemunhos que recolhemos.

A análise e discussão de dados recolhidos, realiza-se, no quinto capítulo com a realização de entrevistas aos participantes da amostra, às quais se faz um estudo com base em categorias e subcategorias, que nos permite uma análise de conteúdo mais profunda.

No último capítulo, o sexto, sintetizam-se as conclusões, salvaguardando que, são deste estudo específico, sem se efetuar generalizações. Estas ideias finais têm em conta as finalidades e as questões-chave delineadas inicialmente, neste estudo, deixando no final, alguns constrangimentos e implicações e recomendações futuras.

Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas mencionadas ao longo do trabalho de investigação e, os anexos considerados pertinentes e enriquecedores e que apoiam a uma melhor compreensão desta investigação.

Sumário

No primeiro capítulo são abordados aspetos como a justificação da escolha do tema, a pertinência do estudo e o problema da investigação. Igualmente, são apresentadas as finalidades e objetivos, as questões a ver desenvolvidas, esclarecidas e concretizadas no final do estudo, descreve-se mais em particular o problema desta investigação, em dois contextos particulares de duas comunidades locais do distrito de Viana do Castelo. As comunidades têm a sua identidade específica, têm manifestações que incluem rituais profanos, com um fundo de religiosidade popular. Procura-se entender como os indivíduos de faixas etárias diversificadas veem a atividade das marchas populares e, se há alguma ligação com as questões-chave exibidas como justificação deste estudo.

O capítulo encerra com o Plano Geral do Estudo, que descreve a estrutura da investigação em seis capítulos.

Capítulo II

2- Enquadramento teórico

Esta proposta trata de um tema que começa a ser abordado no primeiro semestre, do Mestrado em Educação Artística, na unidade curricular de Sociologia e Antropologia da Cultura, onde nos é solicitado um trabalho de investigação sobre um evento ou atividade cultural, cuja problemática é relevante para a área da Educação Artística. Como resultado, elaborámos uma investigação que se intitulou: “*Evolução das Marchas da Seara: como uma freguesia pequena se pode organizar para estar sempre presente*”. Esse estudo procura analisar como a Seara, uma das freguesias de menores dimensões territoriais e de menor densidade populacional, do concelho de Ponte de Lima, tem defendido e valorizado o património cultural local, através da promoção anual das marchas populares, em honra de S. Pedro.

A tradição das marchas populares envolve disciplinas artísticas diversificadas, nomeadamente a música, a dança, a expressão dramática e as artes visuais, por isso, a conveniência deste estudo para descobrir e ficar a conhecer, perante um olhar etnográfico, o que representa tal tradição naquela comunidade local. Para Woods (1987), a etnografia

interessa-se pelo que fazem as pessoas, como se comportam, como interatuam. Propõe-se descobrir as suas crenças, valores, perspetivas, motivações, e o modo como tudo isso muda com o tempo ou de uma situação para outra. Procura fazer tudo isso dentro do grupo e a partir das perspetivas dos membros do grupo. O que conta são os seus significados e interpretações (p. 18).

É iniciado aí o “desbravar” de um caminho, até então desconhecido e nunca antes estudado nestes contextos locais. O tema das marchas populares, já foi foco de interesse e estudo de outros investigadores, nomeadamente, as marchas populares de Lisboa. Mas na freguesia da Seara, esta foi a primeira vez que alguém se interessou em investigar o fenómeno e procurou estudar a sua relação com questões fundamentais tais como:

associativismo, relações intergeracionais e cultura popular. Desenvolvido o estudo, juntamente com outra colega do Curso de Mestrado, concluímos que vários investigadores, na área da Educação Artística, têm constatado que a arte quando definida como uma forma de comunicação interpessoal e intergeracional, pode transformar-se no meio, particularmente, eficiente para desenvolver o conhecimento e a compreensão das experiências de outras pessoas e das suas perspetivas culturais (Chalmer, 1996, p. 7-9). Ao realizar esse trabalho, o interesse e motivação cresce, gradualmente, à medida que o estudo avança a satisfação pessoal é grande e o momento de partilha muito gratificante. Contactar com pessoas simples e de diferentes idades, anónimos, voluntários, que mostram um gosto enorme em manter “viva” a maior tradição da freguesia, sem interesses pessoais, passando-a para gerações futuras, revela-se, especificamente, importante e enriquecedor. Muito mais havia para investigar, pois precisava ser mais estudado e aprofundado na área da Educação Artística.

Segundo Fróis a “(...) arte é um importante contributo para a nossa própria identidade e para o nível de consciência na sociedade em que vivemos” (Fróis et al., 2000, p.126). A arte está presente nestas manifestações típicas de cultura popular e o ritual das marchas populares, é constituído por uma componente artística muito forte, que envolve um saber ancestral, com muitos voluntários de diversas idades, e essa memória necessita divulgação e registo.

Segalen (1998) entende o ritual como um conjunto de atos formalizados, expressivos, detentores de uma dimensão simbólica (p. 23). Para Lind (2004), os rituais ligam-nos ao passado, definem a nossa vida presente e apontam caminhos para o futuro (p. 8). Dois pontos de vista que enriquecem e que atribuem mais significado, a esta manifestação popular que desejamos investigar.

As festividades em honra de S. Pedro realizam-se, anualmente, a 28 de junho, na freguesia da Seara, onde a apresentação da marcha é o ponto alto. No entanto a estreia da apresentação ocorre antes, na vila de Ponte de Lima, no dia 24 de junho, dia de S. João, ou no sábado que antecede a data festiva. A organização é convidada, pelo município, a participar no desfile das marchas, na noite de 23 de junho. Várias freguesias

do concelho de Ponte de Lima têm participado, ao longo de vários anos, e a freguesia da Seara é uma das que ainda resiste, outras acabam ou interrompem a sua participação.

A marcha, habitualmente, tem à volta de 60 a 70 participantes que se dividem em vários grupos, conforme as idades. À frente vão as crianças, a seguir os adolescentes e os adultos e atrás vai o grupo com os elementos com mais experiência, que reiniciaram há dez anos esta manifestação cultural. Entre alguns destes participantes há relações familiares intergeracionais. Ao longo destes anos, têm vindo a transmitir às gerações mais novas que querem participar, saberes, tradições, questões de cidadania, como a participação cívica. Há outros habitantes da Seara, que colaboram ativamente, uns são iniciantes, outros repetem a sua participação. De realçar o interesse de outras pessoas, em vir para a marcha, não sendo desta freguesia.

A apresentação da marcha da Seara, primeiramente, realiza-se na vila de Ponte de Lima aquando os festejos do S. João (23 ou 24 de junho); só posteriormente, no dia da festa da freguesia da Seara, dia de S. Pedro (28 de junho). O vídeo possível de ser visto por todos nós na plataforma do youtube, deu origem às fotografias que apresentamos no capítulo IV e é revelador desta apresentação. Seguem-se outras participações e demonstrações a convite de freguesias vizinhas e de outras fora do concelho. Testemunhos ouvidos por membros da direção da Associação, nos meses de julho e agosto é difícil juntar todos os elementos da marcha, períodos de férias para muitos dos participantes, participam sempre muito menos.

Mas ficar com apenas o estudo de uma marcha popular no distrito de Viana do Castelo é redutivo. Após uma breve investigação sobre algumas marchas que se realizam, ainda no Alto Minho, optou-se pelo estudo da marcha do bairro da Ribeira, na freguesia de Monserrate, na cidade de Viana do Castelo. À primeira vista surgem particularidades e aspetos distintos da marcha da Seara. Desde logo, uma desenvolve-se num meio rural e outra no meio citadino.

A marcha da Ribeira realiza-se por altura dos festejos de S. Pedro, a 28 de junho, um dos Santos Populares com a particularidade do seu momento alto ser a coroação de S. Pedro.

Em tempos atuais, também, se junta a coroação de S. Paulo, na igreja de Santa Cruz, recentemente mais conhecida por igreja de S. Domingos. As marchas saem do largo em frente à Estação da Antiga Comboios de Portugal, os figurantes descem a Avenida dos Combatentes e, pela Rua Manuel Espregueira vão em direção ao Largo de S. Domingos onde se assiste à coroação de S. Pedro e, terminam descendo até ao Largo Vasco da Gama. Desfilam ao som dos cantares e músicas de cariz popular e, desde há uns anos, acompanhadas pela Banda Musical de Anha. O vídeo possível de ser visto, na plataforma do youtube, deu origem a algumas fotografias que apresentamos no capítulo IV. As marchas conseguem fazer reviver na sua tipicidade e o ambiente de outros tempos como pescadores e varinas. Testemunhos conseguidos com um elemento da Junta de Freguesia de Monserrate, seja qual for o dia da semana, é no dia 28 de junho que a marcha sai à rua, é o dia da coroação a S. Pedro, e o povo não aceita alterar para o fim-de-semana seguinte. Fez-se a experiência e não correu bem, os participantes e o público não concordaram. Neste caso em particular, a coroação é um momento alto, com grande importância e significado para os habitantes da Ribeira. Relatos conseguidos entre vários elementos ligados à organização das marchas populares da Ribeira, focam a dificuldade em levar os mais novos para esta atividade, ficam os mais velhos e um ou outro em que a tradição lhe diz mais alguma coisa, ou é levado por familiares. É referido que os mais velhos vão morrendo e os mais jovens não estão a substituir essas pessoas. Entre os elementos que compõe a Banda de Música e as cantadeiras, mais os indivíduos que seguram os arcos, a atividade movimenta à volta de sessenta pessoas.

2. 1- Definição de conceitos

2.1.1- Património

É um conjunto de bens materiais e/ou imateriais, que contam a história de um povo através de seus costumes, da sua gastronomia característica, religiões, lendas, cantos,

danças, linguagem, superstições, rituais, festa (Massonetto, Esteves, Ferreira, Andrade, & e Christofolletti, 2012).

A UNESCO, com a Convenção de 2003, procura colmatar uma lacuna no sistema legal de proteção internacional do património cultural e o conceito de património agrega, também, o que é imaterial.

No Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea (Lisboa, 2001), património é considerado como o conjunto de bens materiais e imateriais que são transmitidos por antepassados e que constituem uma herança coletiva, cabe ao Estado e a cada cidadão a preservação e valorização desse património nacional e mundial, nas vertentes artística, arquitetónica, cultural e natural. Rompe-se definitivamente e, está ultrapassada a ideia de Riegl que se limitou a considerar os monumentos históricos e artísticos como fazendo parte do património. Na atualidade o património é muito mais que isso, abrangendo muitos outros domínios e com maior amplitude (Almeida, 1993). Já não designa só e apenas um conjunto de dados materiais que uma geração pensa que deve passar às seguintes (Leniaud, 1992). Tal como outros termos e conceções, património é visto noutros sentidos; nomeadamente, na Revolução Francesa, durante o Séc. XIX, a passagem para o Séc. XX e após a última Grande Guerra Mundial. Respetivamente, começam a falar em património como algo artístico e monumental, passando para monumentos históricos. Estas conceções redutoras estão, presentemente, ultrapassadas. Com as transformações ocorridas aquando um dos maiores flagelos da história, aparece a denominação de património europeu, e não só o nacional. Com a Conferência da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação C. e., 1972) cresce para a denominação de património mundial, considerando-se o que é natural e cultural. Até aos dias de hoje, o conceito tem vindo a ser mais expansivo, não está estático ou estagnado. Evolui no tempo e transforma-se, mas apela sempre a uma memória histórica e estética que deve ser conservada e classificada deixando de ser só os meios urbanos.

Almeida (1993) fala em património com dualidade, como um valor de identificação e de memória e, como qualidade para a vida, sendo de uma comunidade, de um grupo ou de uma Associação. Entenda-se que, património tem qualidade para a vida cultural e física

do ser humano, para a existência de múltiplas comunidades diversificadas quer sejam de vizinhança, paroquiais, ao nível do concelho, ou regionais, nacionais ou até internacionais (p. 408).

Cresce o interesse, valorização e estudo de áreas rurais, na arquitetura das aldeias; camponesa, ligadas a uma paisagem, às suas gentes e aos trabalhos agrícolas que desempenharam, ou ainda desempenham. O património que é rural pode não nos remeter para a espetacularidade de grandes obras arquitetónicas históricas e monumentais, contudo pode dizer-se que é o património que, por sua vez, está mais vivo e é mais próximo de todos nós e do nosso quotidiano. Tem aumentado o interesse pela classificação de inúmeras paisagens naturais e humanas, que garantem qualidade de vida nos sítios e aldeamentos em que estão inseridos.

Ainda tendo em conta a perspetiva da qualidade de vida e, nos nossos dias mais do que nunca, se debatem as questões do equilíbrio ambiental, o ser humano não se esqueceu de classificar como património, os bens naturais e determinadas espécies biológicas, em que a sua conservação se encontra ameaçada no presente, possivelmente extinta no futuro (idem, p. 411).

O património é conservação, mas é, também, classificar, em especial quando implicar, neste processo uma valorização, uma reflexão. Nem sempre acontece. Recentemente, a gestão do património depende do Estado Central. Esta visão centralista conserva-se, ainda, com o pensamento em património como uma reserva de algo, que não respeita regiões, autarquias locais e comunidades. O património cultural é uma referência à memória de pessoas que fazem parte de associações locais e que garantem, através de várias ações a sua identidade fazendo parte do seu presente e perspetivando o futuro.

Neste contexto as festas populares surgem assim, como uma forma de expressar a identidade de uma coletividade ou um grupo social e envolvem a presença e a participação concreta de um determinado grupo que se articula em torno de um único objetivo sagrado ou profano, podendo assim ser consideradas património cultural imaterial.

2.1.2- Marchas

No Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea (Lisboa, 2001), o conceito de marchas deriva do francês “marche” e quando associado a marchas populares é definido como uma canção de raiz popular que surgiu nos bairros de Lisboa, geralmente, associada com as festas populares realizadas no mês de junho, em honra de S. António, S. João e S. Pedro.

As marchas populares são uma manifestação cultural que remontam ao século XVIII e estão relacionadas com a tradição das marchas militares francesas (Marche aux Flambeaux). Durante o período napoleónico, no mês de junho era festejada a tomada da Bastilha, na qual o povo desfilava com uns archotes acesos na mão. Os portugueses adotaram o conceito, trocando os archotes revolucionários por balões de papel e fogo de artifício, costumes provenientes da China. As marchas de Lisboa são uma das tradições com vários anos de existência. Sempre se formaram pequenos grupos (associações), organizados por bairros ou por mercados da capital, que desfilavam e exibiam uma simbólica coreografia, outrora em frente às portas e janelas dos Paços Reais, dos palácios da nobreza ou das casas ricas, hoje em desfiles pelas ruas (Leal, 2016).

Este conceito será abordado mais à frente no capítulo IV, deste estudo.

2.1.3- Cultura Popular

Desde sempre o conceito de cultura popular é ambíguo semanticamente e, poderemos referir que se insere num domínio muito impreciso. As duas palavras só por si, levam-nos a múltiplos significados. Numa imagem mais comum trata-se de um legado histórico de componente étnica e ética de que o povo se assegura de preservar. Normalmente, cultura popular, refere-se às representações de costumes de grupos sociais subordinados e que muitas vezes, desafiam o poder, tornando-se uma forma de resistência sistemática (Ferretti, 2007). É nas camadas mais populares que confirmamos a força, a energia, a

criatividade, a grandeza e o vigor de uma classe social mais popular, que teima em dar sentido às expressões populares. Atores sociais ativos quer ao nível coletivo, quer ao nível individual, mantendo uma vertente quer comunitária, familiar ou mais individual conseguem a sobrevivência e melhoria das mesmas (Cardoso & Cachadinha, 2018).

A cultura popular pode ser compreendida como um universo de práticas, de instituições e de bens culturais, onde múltiplos atores locais pensam nos modos como atualizam e compreendem as suas práticas; como observam e as recriam, como elaboram uma nova experiência de comunidade, na tradição modificada, quer seja nos acontecimentos, nas pessoas e nas histórias, isto é, num conturbado de condições, de tempos e de projetos em que participam (Silva, 1994).

Desde finais do século XIX e durante o século XX, a cultura popular surge com significativos fluxos de ideias, de pessoas e publicações entre o Brasil e Portugal, estruturados a partir de um interesse idêntico pelas culturas populares.

A cultura popular aparece ligada a uma instância fundadora de identidades nacionais, regionais e locais. A designação "folclore" aparece muitas vezes ligada à definição do conceito, no entanto, ela nunca foi dominante e, a partir do ano 1940, foi evitada e mesmo abandonada.

“Isso não impediu o desenvolvimento de uma forte tradição de estudos sobre a cultura popular de base rural em Portugal. Essa tradição começou por ter um recorte substancialmente folclorista, no sentido de que privilegiava o estudo da literatura e das tradições populares. Mas - segunda diferença importante -, com o tempo, essa tradição foi se espalhando para outros domínios - **arte popular, cultura material, organização social** - e essa expansão foi acompanhada de uma definição mais abrangente - sucessivamente, etnográfica, etnológica, antropológica - do campo de estudos da cultura popular. Assim definido - esta é a terceira diferença -, esse campo de estudos foi importante no processo de institucionalização da antropologia em Portugal, por intermédio da universidade e do museu.” (Leal, 2016, p. 296)

A denominação de “folclore” surge várias vezes associada e como sendo um sinónimo de cultura popular, ou como o estudo dessa cultura. No que diz respeito à sociologia poderemos dizer que a noção de “folclore” articula com conceitos como cultura local, identidade local e memória coletiva. Distintamente, o folclore dos ranchos, é um aglomerado de pessoas num grupo, com seus desfiles de trajes tradicionais, artefatos e comportamentos expressivos que transmitem nas suas práticas performativas locais, regionais ou nacionais.

Os ranchos folclóricos começaram a aparecer em muitas festas em várias regiões do nosso país e, através de melodias e textos criavam as demonstrações coreográficas, ajudando a descrever um ambiente popular.

No tempo da ditadura em Portugal, os valores e condutas de comportamento eram transmitidos através da cultura e as tradições portuguesas, umas vezes de forma genuína, de forma ideológica orientadas pelo Estado Novo, outra vezes inventadas pelo próprio Estado. Segundo Augusto Santos Silva, a cultura popular tradicional, na sua vertente “folclórica” foi o meio privilegiado para se poder reorganizar a sociedade portuguesa, na época (1994, p. 112). Foram tempos em que festas e romarias eram aproveitadas, mesmo nos momentos de religiosidade, para passarem a propaganda do culto e realizarem o controlo social por parte do Estado Novo, procurando reprimir, doutrinar e integrar. Assim, qualquer meio de comunicação e veículo de criatividade, no qual se incluía a arte popular, estava dependente da supervisão política, terminando em aprovação ou censura oficial. A tentativa era a de combater os perigos que poderiam advir de uma classe social operária mais liberal, moldando a cultura e os valores morais das massas populares, ressaltando a carência constante do desenvolvimento do país.

Segundo Leal, nos anos 1870 e 1880, a cultura popular é vista como um universo formado quase exclusivamente pela literatura e pelas tradições populares. A literatura popular, pelo seu lado, compreende três grandes géneros: o cancionero, o romanceiro e os contos. Quanto às tradições populares, formavam uma área relativamente heterogénea, onde cabiam desde crenças a «superstições», festas cíclicas, ritos de passagem, etc. (Leal, 2000).

A cultura popular integra uma representação da identidade cultural de uma comunidade local, que transmitem valores, experiências e reproduções assumidas numa comunidade grande ou pequena, citadina ou rural. Depende em grande parte do que uma comunidade decide aceitar e procura transmitir. Porém, temos de ter em conta que as práticas atuais são modificadas pela cultura influente, no entanto o grau de eficiência desse controle é inferior, comparativamente a outros tempos já referidos. Nos tempos atuais, encontramos a tradição *versus* a modernidade, dado que as manifestações desta natureza recebem influências atuais e uma evolução, que de forma mais consciente ou inconsciente acaba por se operar (Sarmiento, 2008).

Na maior parte das vezes, a cultura popular exterioriza-se através das festas religiosas. Estas festas são uma manifestação do pagamento de promessas e momentos de lazer, onde se desenvolvem laços de solidariedade em meios mais populares. Cultura popular e religiosidade popular estão intimamente ligadas, uma influência a outra de forma recíproca. A religiosidade popular é, segundo a Igreja Católica uma inculturação ou um enraizamento da religião na cultura local (Ferretti, 2007). A realização de festas com danças, músicas, cânticos, culinária, artesanato, medicina tradicional, oferendas várias (alimentos, animais, objetos pessoais) trazem à vista de todos, o seu simbolismo e a mentalidade popular. A religião e as festas fazem parte da sua vida diária e assinalam um quebra na rotina habitual. Para aqueles que as organizam, as preparam e as realizam, a par de momentos de lazer, são momentos de trabalho intenso mas de muito prazer.

Durkheim refere a existência de uma relação estreita entre a religião e as festas, apontando como um momento em que a vida religiosa atinge um grau de excepcional intensidade (Durkheim, 1989). O mesmo autor salienta a importância de elementos recreativos e estéticos na religião, sendo por vezes difícil separar a fronteira entre o rito religioso e o divertimento público (idem, 1989).

2.1.4- Ritual

Os ritos ou cerimónias são designados como ações discretas que tem um início e um fim. Estas atividades expressam os valores e as crenças de uma cultura. Para alguns estudiosos, o ritual é uma forma de ação social, na qual a identidade e os valores de um grupo são, publicamente, demonstrados ou desempenhados de maneira aprimorada, dentro de um contexto de uma ocasião ou de um evento específico (Trice & Beyer, 1986).

O ritual representa um conjunto de ações repetitivas, por vezes atos formais, expressivos, transmitindo uma dimensão simbólica em espaços temporais específicos (Segalen, 1998), que nos remetem a épocas passadas, que nos esclarecem a vida no tempo presente e que nos indicam trilhos para o futuro (Lind, 2004).

Neste contexto a atividade das marchas populares, insere-se como uma representação que ocorre num espaço temporal específico, recorre a uma variedade de objetos, opta por diferentes linguagens e comportamentos, com uso de signos representativos que foram reunidos e que fazem as honras do grupo organizador, na freguesia da Seara e, o mesmo acontece com a marcha do bairro da Ribeira, no momento da coroação de S. Pedro e S. Paulo; ainda que um momento pagão, mas com cariz de religiosidade popular.

Os intervenientes manifestam nessas alturas, das festividades com os santos, das romarias e com as festas populares, a sua autonomia espiritual e independência face à religião católica. Há uma veneração a santos, muitas vezes em meios rurais, que se aproximam da necessidade humana em pretender ter um modelo e uma afirmação para a sua própria fé. A maioria destas manifestações está relacionada com os santos da localidade, organizam-se romarias anualmente, com forte participação da emigração, que pedem proteção para a doença, amor, a paz, o trabalho, etc. Daí que se possa afirmar que é nestas alturas que está patente um forte laço social entre os promotores e intervenientes da atividade e de integração de várias culturas (Dix, 2010).

As festas em honra dos Santos Populares coincidem com o solstício de verão, entre o religioso e o profano, com rituais identificados como o acender fogueiras, tomar banho em rios, utilizar ramos, coroar santos, oferta de animais, entre outros gestos que transmitem uma riqueza de várias tradições e nos transportam para momentos de expressão e manifestação de cultura popular. Colaboram para se quebrar alguns dos comportamentos padronizados pela religião católica, trazendo a diversão, o lazer, algum excesso (por exemplo, a bebida), sendo momentos de sociabilidade, de resistência e por vezes, de contestação.

A Antropologia define os ritos de um dado grupo como sendo desenvolvidos em diversos contextos e assumindo funções cerimoniais, religiosas e outras, através das suas atitudes, crenças e valores, podendo-se distinguir na literatura especializada diferentes categorias de rituais, que contribuem deste modo, para a identificação da sua identidade. Da observação de campo do ritual das marchas populares, no contexto dos dois grupos em estudo, ressalta a sua riqueza como uma manifestação cultural do património imaterial, não como algo individual, mas como fenómeno coletivo (Peirano, M., 2001).

O estudo da festa religiosa está muito relacionado com as análises que se fazem sobre rituais, pois atraem por serem efémeras e repetitivas, considerando-se uma dimensão privilegiada e a não descorar no estudo da sociedade e dos grupos (Amaral, 1992).

O rito tem um carácter repetitivo que mostra uma continuidade com o passado como faz lembrar o passado atual. Mas o rito não se mantém estático, ele transforma-se, dado que o indivíduo se modifica, assim como as suas formas de pensar e ser, prevendo muitas vezes, mudanças e transformações relacionadas com o seu significado. A cultura é mutável e

no caso do ritual [...], a própria execução é elástica e dinâmica. Embora o texto básico de um ritual repetido possa permanecer fundamentalmente inalterado [...] a maneira exata pela qual se apresenta o cerimonial pode variar, o que por si só ser apenas para acrescentar uma nova dimensão às mudanças de “significado” (Cannadine, 1997).

As transformações ocorridas ao longo dos tempos e sob várias influências, acabam por incorporar novos elementos nos grupos. Cada indivíduo que participa vai somando, muitas vezes, características e novos elementos, como as suas preferências e os seus gostos. As suas influências sobressaem e, despertam novas formas de ver a festa e a tradição, transmitem uma nova forma de interpretar os símbolos e significados. São estes indivíduos mais jovens, que vão aprender e vão viver a manifestação popular, mantendo as tradições vivas e sem que se percam no tempo. Quando revivem, encenam e produzem sentem que fazem parte daquela história, como participante ativo, como membro do grupo, mas também como sujeito que mantém e recria a tradição local e que procura mantê-la no seu quotidiano, assim como pretende passá-la para descendentes e outros familiares próximos.

2.1.5- Educação artística

A educação artística deve compreender-se como uma área do conhecimento que procura habilitar os alunos, ainda em tenra idade, a entender e a decifrar diferentes formas de expressão, não apenas e só do mundo artístico, mas ao mesmo tempo da sua contemporaneidade. Oliveira (2017) num dos seus livros realça o que afirma Buoro “(...) a finalidade da Arte na educação é propiciar uma relação consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que, no futuro, atuarão na transformação da sociedade.” (Oliveira, 2017, *apud* Buoro, 2001, p.15).

A Comissão Nacional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2006) reconhece que através da Cultura e da Arte se pode conduzir ao pleno desenvolvimento do ser. Apesar de existirem diferentes níveis de entendimento e da natureza da interação entre diversas formas de expressão, “O desenvolvimento criativo e cultural deve constituir uma função básica da educação”. O mesmo acontece na Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989), os art.º 29.º e 31.º que aponta como uma das funções da Educação “promover o desenvolvimento da personalidade da

criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicas na medida das suas potencialidades” (art.º 29.º), o que revela uma consciencialização da pedagogia que deve ter como ponto de partida as características específicas da cada criança, tendo em conta a sua natural curiosidade de aprender através de vivências culturais, artísticas e sociais da comunidade, nas quais tem o direito de “participar plenamente” de forma intencionalmente organizada e sustentada em atividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade” (art.º 31.º).

Ao longo de várias reformas educativas que ocorreram, à Educação Estética e Artística é atribuída importância e, acentuou-se a ideia de que a mesma desempenha importante papel no desenvolvimento e formação integral da criança; particularmente no desenvolvimento das suas capacidades afetivas, lúdicas, expressivas e cognitivas, colaborando como elementos importantes da formação pessoal e social do indivíduo. Ao incentivar-se o desenvolvimento de sensibilidades e capacidades artísticas, promove-se e Educação Artística, numa ação recíproca com o desenvolvimento social e o desenvolvimento cívico do indivíduo (Moura & Cachadinha, 2007).

É fulcral que no ensino formal se contribua para o alargamento e enriquecimento das experiências visuais e plásticas das crianças, criando o gosto pela Arte, no sentido amplo, favorecendo o seu desenvolvimento global.

A Educação Artística deve ser explorada porque oferece um contributo para o domínio das emoções, uma vez que, através da experiência artística, o indivíduo tem a oportunidade de vivenciar situações que conduzem à expressão das mesmas, recorrendo a diferentes expressões de Arte. São essas formas de expressão artística que proporcionam, em cada um, instrumentos de afirmação da sua própria identidade.

Os professores devem incentivar a imaginação artística e a identidade coletiva dos seus alunos, nas suas aulas, aproveitando temáticas como os valores, as crenças, as tradições e costumes de uma raça, de uma sociedade, ou grupo (Moura & Cachadinha, 2007). Experiências curriculares que conduzam à inovação de práticas educativas, conduzem os alunos a dinâmicas da vida em grupo, que lhes vão proporcionar a aquisição e desenvolvimento de capacidades, de talentos, de informações e experiências

de que necessitará na sua vida. Para além de atitudes de responsabilidade, capacidade crítica, respeito por valores, desenvolve a cooperação, a solidariedade e o respeito pelos outros, por identidades culturais, étnicas e naturais (idem, 2007).

Novos documentos legais e orientadores do Ministério da Educação, abordam vários princípios que devem estar subjacentes no currículo escolar e em outras orientações específicas. Na alínea h), do artigo 6.º, Capítulo II, do Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho (Ministros, 2018), referem as orientações do Ministério da Educação, sendo um desses princípios que os alunos devem ter “Acesso a diversos domínios da Educação Artística”. Nas escolas abrangidas pelo projeto de autonomia e flexibilidade curricular, a matriz curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico trouxe diretrizes para levar a mudanças. No ano letivo de 2018/2019, o 1.º ano de escolaridade, viu vingar na carga horária semanal (duas horas) a disciplina de Educação Artística, onde se incluem a dança, o teatro, a música e as artes visuais. No ano letivo de 2019/2020, o mesmo aconteceu com os alunos a frequentar o 2.º ano, no ano letivo de 2020/2021, será a vez de implementar esta distribuição nos horários do 3.º ano e por último, os alunos que frequentarão o 4.º ano de escolaridade, terão essa mudança no ano letivo de 2021/2022. Em jeito de reflexão, a alteração introduzida passará quase sempre pelos mesmos docentes que acompanham o seu grupo desde o 1.º ano de escolaridade. Por outro lado, professores numa mesma escola trabalham com uma matriz curricular diferente, dadas as orientações do ministério. Numa mesma sala de aula, um docente que acumule na sua turma, dois níveis de ensino, como por exemplo o 2.º e 3.º anos; está a ensinar ao 2.º ano, a disciplina de Educação Artística e no 3.º ano ensinará a disciplina de Expressões Plásticas. Permitam-nos referir que a Educação Artística continua muito limitada a muitas escolas do 1.º Ciclo. Há este desfasamento de orientações para dentro do mesmo grau de ensino, que em nada, no nosso ponto de vista e pela nossa experiência profissional, vem ajudar a mudanças que se pretendem operar, dadas as ideias muito enraizadas, ainda, de que a Educação Artística é uma atividade extracurricular. No entanto, cada vez mais os professores investem na sua formação especializada em Educação Artística, mas diremos que são poucos. Um outro aspeto que em nosso entender poderá ajudar a esta mudança de paradigma, será se, no caso do ensino no 1.º Ciclo se acabasse com a

monodocência. Deveriam as orientações ministeriais, valorizar as especialidades que os docentes têm, como é o caso em Educação Artística.

O Ministério da Educação dá indicações para o desenvolvimento do pensamento crítico e do pensamento criativo, da sensibilidade estética e artística, que são áreas de competências previstas no documento de referência para a organização de todo o sistema educativo, o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Educação M., 2017) que articula com outro documento orientador, *As Aprendizagens Essenciais*, por disciplina e ano de escolaridade (Educação M. , 2018).

Ao pretender-se familiarizar a criança com a Arte, espera-se que a mesma encontre uma forma de se expressar, experimentando e descobrindo as mais variadas formas de expressão e técnicas, num equilibrado desenvolvimento pessoal. Reading (citado por Godinho, 2006), afirma que:

O desabrochar da sensibilidade artística pela descoberta dos diferentes campos de criação das artes plásticas, música, dança, teatro, cinema ou da escrita pode contribuir largamente para o desenvolvimento harmonioso da personalidade da criança e facilitar a sua integração social. Essa sensibilidade mais desenvolvida coloca-os em melhor posição para valorizar as capacidades próprias e, mais ainda, a sua liberdade de expressão (p. 39).

Mas este estudo não enverdou pela análise da Educação Artística, em contexto formal, como a escola, contudo torna-se importante falar em educação em ambientes mais escolarizados, dado que nos encontramos num mestrado em Educação Artística. Outros investigadores seguirão esse caminho e estaremos atentas às suas conclusões.

Desde muito novo o indivíduo está exposto a outros contextos não formais de aprendizagem que contribuem, também, para sua sua formação integral. Como refere Eça (2008), o conhecimento do indivíduo aparece como um processo dialético (p. 25), como o significado de arte de dialogar, a arte de debater, de persuadir e de raciocinar, que ocorrem em contextos muito diversificados e específicos, como acontece na esfera social, cultural, educacional, política e histórica.

Os ambientes não formais ajudam na aquisição do conhecimento aos jovens e às crianças e, outros ambientes formais devem-se abrir à cultura dos jovens e das crianças para que a aprendizagem e o conhecimento se desenvolvam. Só assim se poderá chegar às suas identidades, tendo a Educação Artística, nos dois ambientes, um papel primordial que os ajudem a examinar e a compreender a realidade; questionar e intervir na realidade que conhece, mas que criará ferramentas para resolver outros problemas noutras realidades.

A Educação Artística abordada no contexto desta investigação, relaciona-se mais com estes contextos não formais. Queremos chegar aos ambientes e contextos em que o indivíduo vai influenciar e receber influências de projetos empreendidos na Comunidade, através de associações culturais, teatros, instituições culturais, centros culturais e muitos outros espaços. Há uma evidência de que na diversidade de ambientes multiculturais, com os quais se relaciona ao longo da vida, são esses ambientes que estimulam a aprendizagem e desenvolvimento de competências, entre as quais se destacam a criatividade, a inovação, o pensamento crítico e o crescimento individual (idem, 2008).

Levi Leonido defende que “a educação deve englobar o processo de individualização e conseqüentemente o processo de integração” (2008, p. 2).

Para Leontiev (citado por Fróis J. P., 2000),

“a Arte, quando orientada para uma atividade de socialização, fornece informação sobre o mundo, sobre os valores culturais e normas, sobre padrões de comportamento e modelos de identidade pessoal. Quando direcionada para o desenvolvimento pessoal, pode promover a (re)construção de significados e novos modos de perspectivar a realidade” (p.143).

Eça (2013) faz referência a grupos, coletividades e organizações que têm por fim a preservação de interesses comuns relacionados com a Arte, com a Educação Artística. Desenvolvem trabalhos e projetos que orientam a criatividade e o espírito dos indivíduos. A educação pela Arte, de maneira informal, cruza os caminhos da criatividade, da emoção e da reflexão. São oportunidades basilares para que o indivíduo crie a sua identidade pessoal, com a ajuda dos elementos e atividades do grupo, ou grupos a que pertence.

Desenvolvem neste trabalho coletivo, por vezes intergeracional, a consciência para uma tomada de opiniões ativas e decisões participativas e de questionamento.

As festas populares em várias regiões do país divulgam múltiplos sentidos, para além de serem uma expressão de identidade cultural e afirmação de valores, de revelar formas de organização popular e de ação social, demonstra ainda, uma forma de expressão artística. Desenvolvem projetos e trabalhos que levam os elementos do grupo ou coletividade a apresentar, por vezes, rituais, tradições populares e outras manifestações culturais locais, sob forma de variadas linguagens ou *performances* artísticas, nomeadamente as artes visuais, a música, a dança e a representação. É o que acontece com a atividade das marchas populares, sobre as quais incide este estudo. Através da expressão cultural, que privilegiam em divulgar incrementam uma atitude de cidadania e de crítica, descobrindo e compreendendo o *eu* e o *outro*.

Ainda que com mais poucos recursos financeiros, o contextos não formais parecem ter mais facilidade em criar e desenvolver estes projetos, do que os contextos formais. Porém, muitos deste projetos deverião ser aproveitados e levados para dentro das escolas, arranjando parcerias locais e fomentando um crescente gosto pelo conhecimento e preservação do património português, em especial pelas marchas populares. Arte e Cultura relacionam-se e é a através da Arte que o indivíduo aprenderá a respeitar a Cultura. Locais, situações e grupos onde se porpocionam experiências colaborativas, com a transmissão de valores, regras, crenças, vão colaborar para ampliar e expandir os conceitos de pertença e de responsabilidade social do indivíduo.

Presentemente, algumas destas festas, ostentam um crescimento em luxo e participação (Amaral, 1998). As comunidades locais, nessas alturas, revelam a sua identidade social e é o momento em que o grupo projeta, simbolicamente, a sua representação do mundo. Ritualiza a atividade, anualmente, com a colaboração entre os seus membros participantes, através da organização e da criatividade popular.

A Educação Artística como uma área que valoriza a cultura e o património, não se cinge, a considerar apenas a conservação de artefatos e locais artísticos, abrange "(...) todo o registo sistemático que quer os nossos antepassados, quer os nossos contemporâneos

deixam para trás que é julgado essencial preservar para as futuras gerações” (Moura, 2002, p.195).

2.1.6- Participação cívica

Este conceito insere-se no contexto de uma cultura de cidadania, de pertinente importância na sociedade dos nossos tempos, tendo em conta que não vivemos isoladamente. Não nos podemos esquecer, que existe uma dimensão sociocultural, que influencia o pensamento e comportamento de cada um. Uma cidadania global e participada, tem em ponderação a identidade individual e coletiva, no que diz respeito a uma educação para o desenvolvimento. As gerações atuais devem estar aptas para apreender e mobilizar conhecimentos e capacidades, atitudes e valores que lhes possibilitem a compreensão do mundo que as rodeia. Devem, ainda, realizar uma participação pró-ativa, colaborando na resolução de problemas (Oliveira, 2017, p. 29 *apud* Ortega y Mínguez, 2001, p. 31-32).

O cidadão é ativo quer seja individualmente ou coletivamente, participa de forma popular mobilizando grupos organizados, como sendo as associações de carácter social, cultural e desportiva; muitas vezes, dentro de um bairro e de um grupo de pessoas que se conhecem. São contextos organizados, espaços de interação e intervenção social. Indivíduos de várias idades, do género masculino e feminino que aderem, voluntariamente, a comissões e associações, tomando iniciativa para realizar atividades cívicas, muitas vezes em contextos informais, como acontece com as marchas populares da Seara. Há elevada motivação na participação dessas atividades, sobressaindo o gosto de interagir com os mais novos, onde as aprendizagens se fazem de forma recíproca. Daí o aparecimento das associações que promovem uma participação ativa com regularidade, onde muitos desses indivíduos assumem responsabilidades na gestão.

Sumário

No presente capítulo abordam-se as palavras-chave traçadas para o estudo, tendo por base várias teorias sobre cultura, património, marchas, ritual, participação cívica e educação artística. Reflete-se, ainda, sobre temas como memória, festa popular, religiosidade popular e identidade cultural.

Concluimos que a revisão de literatura possibilita à investigadora, a familiarização com as metodologias estudadas e adquiridas no curso de Mestrado, deixando para trás a maior parte das inseguranças e das fragilidades sentidas. De realçar a importância e a ação das artes no conhecimento da prática cultural nacional, e no conhecimento e compreensão de práticas performativas e ritualizadas no contexto deste estudo. A revisão bibliográfica destaca as mudanças ocorridas na tradição, que em comunidades e meios mais pequenos continua a valorizar-se pouco, mas que continua a manter-se viva na atualidade.

Capítulo III

3- Metodologia

A metodologia adotada é a qualitativa e o estudo de caso. A pesquisa processa-se a partir de observações no mundo real, da recolha e análise sistemática de dados, pois esta investigação procura um aprofundamento da realidade de um fenómeno.

A investigação científica implica dois tipos de abordagem, a quantitativa e a qualitativa (Sampieri et al., 2006). A metodologia adotada é a qualitativa, pois esta investigação tem o intuito de realizar um aprofundamento da realidade de um fenómeno. Procurar-se-á conhecer o sentido e a função social da atividade em estudo, através de uma experiência vivida, na primeira pessoa e que se estabelece na relação entre os intervenientes e o produto dessa mesma cultura. Para Albarello

capta o que escapa nas estatísticas, às regularidades objetivas dominantes, tornando acessível o particular, o marginal, as ruturas e os equívocos que são elementos fundamentais da 'realidade' social (1997, p. 219),

Para Crespi, este método está relacionado com a exigência de compreender os significados vividos, e os conteúdos que comunicam os participantes que integram o estudo. Permite-nos interpretar e avaliar as intencionalidades dos agentes sociais, a que influências estão submetidos, nomeadamente valores, regras, contribuindo para o aparecimento daquela realidade social (1997, p. 227).

A pesquisa qualitativa processa-se a partir de observações no mundo real, de questões, da recolha e análise sistemática de dados, através das palavras e de imagens que nos proporcionam os participantes, durante uma interação contínua.

3.1- Estudo de caso

O estudo de caso é o método que mais se adequa à investigação, uma vez que se trata de uma abordagem empírica que vai analisar um só fenómeno, um caso em dois contextos particulares. A investigadora detém atenção especial às generalizações, uma vez que se tornam problemáticas. Isto porque o estudo para o qual realiza levantamento de dados, apenas se refere a uma individualidade ou grupo, estudada em maior profundidade. Trata-se de uma observação realizada aos fenómenos, aos processos, às instituições culturais, às formas particulares que orientam a ação dos indivíduos ou do grupo que se pretende estudar. Torna-se, por isso, uma forma ativa de compreender a realidade, muitas vezes demasiado complexa, mas cabe à investigadora selecionar e retirar os aspetos que considera mais significativos para o estudo (Crespi, 1997). Os atores sociais e a investigadora, cada qual com as suas ações e com base nas experiências de vida que comportam, dadas as influências recebidas socialmente e culturalmente; podem transmitir que uns aspetos são mais relevantes do que outros. Os contextos socioculturais, as tradições e as experiências de vida pessoais vão condicionar conteúdos e significados investigados (Crespi, 1997).

Como refere Bell, J. (2004) o estudo de caso “proporciona uma oportunidade para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspeto de um problema em pouco tempo” (p. 22).

Segundo Fonseca (2002) um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma instituição, de um sistema educativo, de uma pessoa, ou de uma unidade. Com esse estudo planeamos conhecer o que é mais importante e característico, numa dada situação, que se julga única, ou pelo menos diferente de outras. Espera-se que os indivíduos que colaboram na investigação acabem por partilhar as suas posições sociais face ao grupo, face à sociedade em que se inserem e à qual pertencem. O conhecimento dessas representações sociais de diferentes indivíduos, ajudam na explicação e na compreensão das dinâmicas dos próprios, num dado contexto social (Crespi, 1997, p. 223).

Realizamos observações com recurso a notas de campo e diário da investigadora, a registos fotográficos, de áudio e vídeo; análise documental de jornais, de fotografias, gravações de áudio e entrevistas a vários indivíduos. Pretende-se estabelecer um cruzamento de dados e de informações que permita a triangulação de dados.

3.2- Método Etnográfico

O método etnográfico é um método que permite obter uma visão holística de fenómenos, e que procura chegar a todos os elementos de uma situação, das suas interações e influências recíprocas. A etnografia é vista, no âmbito da antropologia social e cultural, segundo Geertz (1973), como sendo a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo.

Spradley (1979), afirma que um trabalho de campo, envolve o estudo disciplinado de como as pessoas aprendem a ver, ouvir, falar, pensar e agir de forma diferente. Tem como base a comparação e contextualização, a interpretação de um dado grupo social, com base em documentos que contextualizam a história, a demografia, ações políticas, as tendências económicas e o sistema sociocultural de uma determinada comunidade. Ainda segundo o mesmo autor, os etnógrafos fazem referências culturais a partir de três fontes:

1. Através do que as pessoas dizem;
2. Através dos atos das pessoas;
3. Através dos artefactos que as pessoas utilizam.

Recorremos a instrumentos como a observação participante, porque auxiliam a compreensão do contexto em que se dão os acontecimentos, com recurso a outros suportes como a entrevista e a revisão documental, sempre que se torna possível. Desta forma, temos a possibilidade de estudar e entender o aspeto cultural das marchas populares de S. Pedro. Efetuamos uma abordagem sobre a natureza geral da questão em estudo, procuramos conhecer o lado artístico, musical, estético e cultural da atividade.

Quando o entrevistador controla o conteúdo de uma forma demasiado rígida, quando o sujeito não consegue contar a sua história em termos pessoais, pelas suas próprias palavras, a entrevista ultrapassa o âmbito qualitativo (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134)

Segundo Bogdan e Biklen (1994, pp. 47-51), este tipo de investigação assenta nos seguintes princípios:

- a análise da sociedade é feita através das suas palavras (investigador) – a descrição do contexto, das ações e palavras dos investigados, deve ser pormenorizada, tal como menciona Geertz (1973), de forma a ajudar a compreensão do contexto em que se dão os acontecimentos, nomeadamente as marchas de S. Pedro;
- as pessoas que entram no estudo, oferecem um ponto de orientação e partida para a investigação, permitindo à investigadora explorar o significado das questões colocadas no início da investigação, com base nos testemunhos das pessoas que estuda, sendo aquele fenómeno interpretado pela perspetiva destes, de modo a ser possível adquirir um conhecimento sociocultural e artístico;
- a investigação decorre no ambiente natural e, neste caso, a investigadora está nesse contexto, sem ter preparado nada;
- é da investigação que nascem os conceitos e teorias e não o contrário segundo Bogdan e Biklen (1994);
- os acontecimentos e as relações entre os participantes no contexto selecionado influenciam a investigação – os acontecimentos não são estáticos, permitindo à investigadora acompanhar o processo da construção e o desenvolvimento das marchas;
- a abordagem deve ser flexível, de forma a adaptar-se às necessidades que vão surgindo;

- a finalidade deste método consiste em procurar compreender o comportamento, os valores, as crenças, as atitudes dos participantes, características e significados dos fenómenos em estudo.

Apesar das muitas vantagens já enumeradas, o método apresenta algumas desvantagens. Uma delas prende-se com o tempo de investigação, porque é reduzido para investigar um número considerável de questões. Contudo, torna-se importante desvendá-las, pois podem auxiliar na recolha de dados ou informações. Neste caso particular, está a realizar-se nas localidades, uma pesquisa, ou investigação para a construção de uma memória patrimonial coletiva. A descrição investiga sobre a atividade das marchas, as relações do grupo e das atividades locais em prol da arte e dos valores culturais. Isto envolve o revelar de aspetos artísticos da música, dos trajes, dos adereços e do cortejo, algumas vezes não valorizados pelo cidadão comum local.

Bogdan e Biklen (1994), sugerem outras desvantagens que se relacionam com o perigo de algum enviesamento na interpretação dos dados, resultantes da observação e das entrevistas.

3.3- Amostra

A amostra deste estudo tem um total de vinte quatro participantes, indivíduos que colaboram ou acompanham a apresentação das marchas locais. Construiu-se uma amostra intencional e por conveniência. Assim, as entrevistas são realizadas aos seguintes indivíduos, com conhecimentos e experiências diversificadas:

- 10 participantes/marchantes da marcha da Seara e da marcha do bairro da Ribeira;
- 7 indivíduos do público residentes e não residentes na freguesia da Seara e na Ribeira, em Viana do Castelo;
- 7 elementos de diferentes entidades locais (Junta de Freguesia, Associações, organização das marchas).

No capítulo V, desta investigação, realiza-se a análise dos dados recolhidos nas entrevistas, com base em tabelas, devidamente, identificadas com as categorias e subcategorias, atribuídas às questões e nomeando os grupos de estudo, em análise.

Para o grupo dos participantes/marchantes da freguesia da Seara, os indivíduos são denominados com a letra E, que designa entrevista, com numeração árabe 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (seis indivíduos). No caso dos participantes/ marchantes da freguesia de Monserrate, utiliza-se a mesma numeração 1, 2, 3 e 4 (quatro entrevistados).

Um segundo grupo de estudo, os elementos de entidades locais, designam-se como E para identificar a entrevista, mas a enumeração é feita com o recurso às letras do alfabeto latino. No caso dos entrevistados que permitem a recolha de dados sobre a marcha da Seara, identificam-se com as letras A, B, C, D e E (cinco indivíduos). Para o mesmo grupo em estudo, mas indivíduos que revelam conhecimentos sobre a marcha do bairro da Ribeira, apenas se usam as letras A e B (dois indivíduos).

O terceiro e último grupo, que permite a recolha de dados sobre as duas marchas, são indivíduos do público que, habitualmente, seguem as apresentações. Neste caso as entrevistas são indicadas para cada indivíduo com numeração romana; no caso dos elementos que colaboraram pela marcha da Seara, designam-se com I, II, III e IV (quatro indivíduos), em relação à marcha do bairro da Ribeira, são identificados com I, II e III (três indivíduos).

3.4- Procedimentos, instrumentos e análise de dados

No sentido de obter respostas ao problema da investigação, é necessário ter em atenção a escolha dos instrumentos de recolha de dados. Segundo Bell (2004) estes são, as ferramentas que permitem proceder à recolha de informação com base em entrevistas realizadas a diferentes elementos que mantêm uma relação com as marchas populares.

A recolha de dados irá decorrer em vários momentos com as seguintes ações:

- reunião com os diferentes elementos para o consentimento e autorização do estudo;
- calendarização da realização do estudo;
- marcação de entrevistas e recolha de imagens;
- participação em reuniões;
- se for possível, realização de visitas regulares à construção e desenvolvimento da marcha, de adereços como arcos, as roupas dos participantes, o carro alegórico, a construção da letra, a gravação da música, os ensaios da coreografia. Assim, a investigadora ao poder contactar diretamente com os sujeitos envolvidos é uma oportunidade de

conseguir obter os dados que melhor respondem à questão em estudo, não correndo, entre outras coisas, o risco das respostas omissas, tal como se verifica especialmente com a utilização dos questionários, nos estudos quantitativos (McMillan & Schumacher, 2010, p.82)

No ponto de vista de outros investigadores, relativamente à pesquisa etnográfica, parecem apoiar a seguinte ideia:

As técnicas de recolha de dados mais utilizadas pelo investigador qualitativo são a observação participativa (etnográfica), a entrevista etnográfica (ou não estruturada) e a consulta de documentos (McMillan & Schumacher, 2010, p.82).

Ainda de acordo com as mesmas fontes:

A entrevista etnográfica e a observação participativa podem ser consideradas como técnicas interativas (...) uma vez que envolvem uma interação pessoal entre o investigador e os participantes, sendo, muitas vezes, o primeiro, o principal instrumento de recolha de dados (McMillan & Schumacher, 2010, p.82).

Para além das entrevistas gravadas, recolhemos notas de campo e a propósito Bogdan e Biklen escrevem,

“Na condução de entrevistas gravadas, por exemplo, o significado e contexto da entrevista podem ser capturados mais completamente se, como suplemento a cada entrevista, o investigador escrever notas de campo. O gravador não capta a visão, os cheiros, as impressões e os comentários extra, ditos antes e depois da entrevista. As notas de campo podem originar em cada estudo um diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados”, (Bogdan & Biklen, 1994, p.150).

“Quando o entrevistador controla o conteúdo de uma forma demasiado rígida, quando o sujeito não consegue contar a sua história em termos pessoais, pelas suas próprias palavras, a entrevista ultrapassa o âmbito qualitativo”, (Bogdan & Biklen, 1994, p.150).

3.4.1 - Entrevista

Segundo Bell, J. (2004) a entrevista é um instrumento que traz uma grande vantagem que é a sua adaptabilidade. A entrevista permite, desde que o entrevistador revele algumas habilidades nesse papel, que se testem ideias e respostas, se investiguem determinados sentimentos e emoções que decorrem quando se realiza a entrevista. No decorrer da entrevista vários sinais podem ser elementos de informação primordial, desde o tom da voz, a expressão facial e corporal, as hesitações proferidas, entre outras que não recorrendo à entrevista são difíceis de captar. Quando realizamos uma entrevista as respostas às questões podem ser reformuladas para serem mais desenvolvidas ou melhor esclarecidas.

É um meio de recolha de informação que demora o seu tempo, é presencial e em investigações com tempo limitado para a sua realização, o número de entrevistados terá de resultar num número menor. Era o que se previa nesta investigação, além de ser muito subjetivo e que nos podia levar a ser parciais. A formulação das questões é difícil, temos

de equacionar aquelas que nos vão trazer respostas importantes e que nos ajudem na posterior análise.

Para Bogdan e Biklen (1994) a entrevista é uma técnica que resulta de uma conversa intencional, um encontro interpessoal desenvolvida num contexto social, pelo menos entre duas pessoas, onde o entrevistador procura obter informações sobre o entrevistado e determinados assuntos ou temas.

Carmo e Ferreira complementam a ideia do que é a entrevista como um meio de abrir a porta do entrevistador e entrevistado em relação à temática da entrevista, acabando com portas fechadas ou trancadas que podem acontecer entre os dois interlocutores e condicionar toda a recolha de dados (Carmo, 1998).

Das entrevistas realizadas aos grupos definidos como alvo, algumas foram efetuadas com recurso à gravação, outras, conforme solicitado pelos entrevistados foram realizadas por escrito. Por conveniência e maior representatividade, selecionaram-se as que permitiriam uma melhor análise do conteúdo. O modelo utilizado contém questões semiestruturadas ou semidiretivas, que nos permitem aprofundar o tema ou assunto em estudo, obtendo o maior número de ideias, opiniões, expectativas e conhecimentos do entrevistado sem limitações. Conhecem-se as experiências vividas e a sua ligação com a realidade em estudo.

Elaborou-se uma determinada estrutura de guião de entrevista, para servir de orientação, embora não fosse um documento fechado. Raras são as vezes que conseguimos seguir fidedignamente o que lá está, porque aproveitamos novas ideias, novas pistas que o entrevistado nos deixa e nos permite, ainda, explorar (Bell, 2004).

Com este guião de entrevista o intuito era abordar os assuntos que nos propomos investigar. Segue a tabela 1, explicativa dos temas/categorias e objetivos a direcionar na conversação:

Tabela 1 - Temas/categorias e objetivos da entrevista

Temas/categorias	Objetivos
Enquadramento do estudo a realizar e justificação da entrevista.	Legitimar a entrevista e o estudo, assim como, a investigadora. Criar um ambiente de abertura e confiança entre os dois interlocutores. Assegurar a confidencialidade e as questões de ética.
Caracterização sociodemográfica dos entrevistados.	Recolher dados como: idade, género, atividade profissional, naturalidade e nacionalidade, habilitações literárias.
Opinião sobre as marchas populares da Seara ou da Ribeira.	Conhecer opiniões sobre as marchas e o conhecimento que têm.
Conhecimento sobre a participação dos jovens.	Conhecer a opinião sobre a participação dos jovens nesta atividade.
Conhecimento sobre várias dinâmicas da marcha: horários, construção de adereços, ensaios, padrinhos, rivalidades.	Recolher informações sobre vários aspetos relacionados com a elaboração e apresentação de uma marcha.
Motivação ou motivações dos participantes.	Averiguar o que motiva as pessoas a manter a tradição e gostar de participar.
Opinião sobre a identidade cultural.	Conhecer a opinião dos entrevistados sobre se as marchas promovem a cultura popular e a identidade do povo.
Opinião sobre a valorização do património.	Conhecer a opinião dos entrevistados sobre se a atividade valoriza o património cultural português.
Papel da atividade no desenvolvimento do turismo.	Averiguar se a atividade promove o desenvolvimento local.

Forneceu-se o guião para conhecimento do entrevistado, antes de se proceder à gravação da entrevista. Estabeleceu-se um limite de quarenta minutos para a realização da mesma, poucas vezes, foi ultrapassado. O local calmo e com privacidade e os

horários, foram sempre combinados; tendo em conta a disponibilidade das pessoas, facultando aos entrevistados um ambiente com as condições necessárias, ao nível físico e psicológico, para que a entrevista fosse bem-sucedida. Em algumas situações foram realizadas nos locais designados pelos próprios.

A aceitação da pessoa da investigadora foi fácil, logo numa primeira abordagem por correio eletrónico ou telefonema. Houve a devida partilha de informação, a apresentação da investigadora, explicaram-se os objetivos do estudo, revelando disponibilidade para outros esclarecimentos designados como oportunos. Cumpriram-se os princípios éticos que devem estar presentes neste tipo de estudo, confirmando o sigilo das informações e o anonimato das identificações (Bogdan & Biklen, 1994).

As primeiras tentativas presenciais foram bem sucedidas, possibilitando a concretização da investigação nos dois contextos. Procuramos iniciar com entrevistas informais, sendo para uma apresentação e primeira abordagem, averiguando a qualidade das fontes e estabelecendo posteriores apresentações para as entrevistas mais formais. À medida que íamos entrevistando algumas pessoas, elas próprias nos levavam ao encontro de outras suas conhecidas.

3.4.2- Observação participante

A observação participante enquadra-se na técnica da investigação qualitativa, método selecionado para levar a cabo este estudo e segundo Bogdan & Biklen

Os investigadores qualitativos tentam interagir com os seus sujeitos de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora. (...) Como os investigadores qualitativos estão interessados no modo como as pessoas normalmente se comportam e pensam nos seus ambientes naturais, tentam agir de modo a que as atividades que ocorrem na sua presença não difiram significativamente daquilo que se passa na sua ausência (1994, p. 68).

Procura uma vertente, essencialmente, prática da resolução de um problema, tornando-se mais atraente esta investigação. Temos por objetivo alcançar um conhecimento específico para um problema identificado em duas comunidades do distrito de Viana do Castelo, cada uma representa uma situação específica, no concelho de Ponte de Lima e no concelho de Viana do Castelo. O intuito da investigadora é alcançar, se possível, uma nova abordagem para uma realidade existente (Cohen, 2007).

A investigação pauta-se de um plano de trabalho, devidamente, autorizado pelos indivíduos e entidades ou Associações participantes, esclarecendo o intuito do trabalho de investigação. Todos os interessados gozam do acesso aos dados e resultados obtidos pela investigação. Com honestidade e esclarecendo as pessoas que nos dão testemunhos orais e fotográficos, há uma maior aproximação, ganhamos a confiança para posterior colaboração. Respeitamos a privacidade, a confidencialidade, a segurança e proteção de dados, cientes de mais cuidados a ter, quando há crianças envolvidas na pesquisa.

Assumindo o papel de estudiosa junto da população ou grupo que observa, goza de um lugar privilegiado para recolha de informação para o estudo. Participa, assim, da vida da população observada (Carmo, 1998). É entrar a fundo em situações sociais, em ambientes naturais e contextos sociais e culturais e manter uma papel ativo. Impõe uma reflexão constante, atenção aos factos, eventos e interações que se estabelecem (Sampieri *et al.*, 2006).

Realizamos uma observação participante, sendo objetiva é possível de interpretação por parte da investigadora. De referir que só possível, junto da marcha da freguesia da Seara, onde sabíamos que daríamos continuidade ao estudo desta marcha. Para este estudo, ainda, não estavam definidos todos os caminhos a seguir, nem tão pouco imaginávamos que seria a marcha do bairro da Ribeira. Só depois do desafio lançado e de várias pesquisas no distrito de Viana do Castelo, optamos por esta realidade, dado que à partida teria peculiaridades diferentes da marcha da freguesia da Seara.

Registámos vivências em ambiente natural do grupo que organiza e dos participantes da marcha da freguesia da Seara, desde janeiro a agosto de 2019, tendo sido feita a apresentação do estudo, o propósito e o pedido das devidas autorizações para participantes menores e adultos. As visitas eram constantes às reuniões, às inscrições, à construção dos adereços, aos ensaios, à véspera da apresentação da marcha e aos desfiles em três momentos distintos. Em muitas ocasiões excedendo as horas estabelecidas, no local e no momento era fundamental conviver, conhecer, perceber e participar na construção da marcha, sob uma perspetiva antropológica, etnográfica e artística. Fundamental, foi o registo destes aspetos que possibilitou um acompanhamento e anotação do ciclo de preparação, de desenvolvimento e o depois da atividade.

3.5- Plano de Ação

O Plano de Ação desta investigação é desenhado para os meses de setembro de 2019 a janeiro de 2020, com a seguinte ordem e como mostra a tabela 2.

1. Consentimento informado aos participantes no estudo-setembro;
2. Revisão de literatura, recolha de dados, realização de entrevistas- setembro e outubro de 2019;
3. Implementação e análise de dados, estabelecimento de categorias de codificação e procura de regularidades e padrões com base nos dados que constituam categorias a estudar- novembro de 2019;
4. Apresentação dos resultados e conclusões, estabelecimento de relações e exploração do reagrupamento de ideias em relação aos temas ou categorias para compreensão dos dados, conclusões de modo a estruturar a teoria e apresentação de recomendações para futuras investigações com este tema - dezembro de 2019;
5. Relatório Final – janeiro de 2020.

Tabela 2 - Etapas da investigação

Plano \ meses	setembro	outubro	novembro	dezembro	janeiro 2020	fevereiro 2020
Revisão da Literatura						
Palavras Chave						
Seleção do método de investigação						
Implementação da Investigação: -recolha de dados/Observação e entrevistas						
Análise dos Dados						
Resultados e conclusões						
Relatório final						

3.6- Questões éticas

Diversos autores mencionam a relevância das questões éticas a ter em conta durante o desenvolvimento de um projeto de investigação. Bogdan e Biklen, (1994) e, também, Merrian (1998), entre outros referem que qualquer investigação deve ter em conta os problemas éticos. Em todas as etapas de qualquer processo de investigação, o investigador deve manter fiáveis os dados da pesquisa, de forma, a que nunca sejam

alterados. Todos os participantes no estudo devem ser conhecedores dos aspetos que envolvem a investigação e que lhes diga respeito, diretamente. Segundo Bogdan e Biklen (1994) a ética diz respeito às normas relativas e aos procedimentos, julgados corretos e incorretos por determinado grupo. Os dois autores referenciam, ainda, duas questões relevantes a ter em conta no âmbito da ética: o consentimento informado e a proteção dos participantes contra qualquer tipo de danos.

No decorrer desta investigação são tidas em linha de conta estas questões éticas entre as quais, o pedido de autorização (consentimento informado) para todos os participantes na investigação. É prestada toda a informação sobre os objetivos da investigação, garantindo aos indivíduos a confidencialidade e o anonimato.

Segundo McMillan & Schumacher (2010), o investigador deve proteger a privacidade e confidencialidade dos assuntos. Com base nestes princípios éticos, a investigadora garante:

- a obtenção das informações essenciais para concretizar entrevistas, para fotografar, gravar em vídeo e áudio e publicar, posteriormente, só depois do consentimento informado (para entrevistas e conversas informais) e antes da recolha dos dados;
- o respeito pela confidencialidade e anonimato dos temas, quando manifestado pelos participantes, ou, por outras palavras, garantir uma investigação protegida;
- e partilhar com os participantes os dados que forem analisados, no sentido de verificarem se estão de acordo com a autenticidade dos registos.

Previamente foi negociado que, os registos áudio seriam, essencialmente, utilizados como suporte de registo para uma análise do conteúdo e os registos visuais e sonoros seriam usados não só na apresentação dos dados do estudo, como também em exposições e/ou conferências.

Sumário

Este capítulo enuncia a metodologia seguida no estudo, a escolha do método, a sua pertinência e ferramentas utilizadas durante a recolha dos dados no meio naturalista da Seara e do bairro da Ribeira. Abordamos como foi selecionada a amostra, os procedimentos realizados para a recolha e análise de dados, enuncia-se o plano de ação da investigação e as fazem-se as considerações éticas tomadas em consideração.

Capítulo IV

4- Cultura e Marchas Populares em Portugal

Na noite de doze de junho, véspera de Santo António, a Avenida da Liberdade enche-se de música e de brilhos. As marchas dão uma nova vida à cidade, que espera um ano inteiro para ver os vestidos mais exuberantes, o carro mais animado e os cânticos mais originais. Mas, afinal, como surgiram as marchas populares?

Lisboa é atualmente vista como uma cidade de oportunidades e de uma melhor qualidade de vida, no entanto, o mesmo acontecia no início do século XX. Pessoas provenientes dos vários pontos do país, juntavam-se nos bairros lisboetas e assim nasciam pequenos grupos que tinham um objetivo comum: a diversão (Leal, 2000).

Segundo Leal (2000) os primeiros registos relativamente a estes ajuntamentos falam das “Marchas ao Filambó”, uma adaptação das francesas “marches au flambeaux”, em que os grupos criam cantigas para competir uns com os outros e deslocam-se com tochas pelas ruas da cidade. Em 1932, o chamado “pai das marchas populares”, José Leitão de Barros, com o propósito de chamar a atenção dos lisboetas e de reanimar o Parque Mayer, anuncia o primeiro concurso de marchas populares.

O mesmo autor refere que os primeiros ranchos eram provenientes do Alto do Pina, Bairro Alto e Campo de Ourique e participam numa produção a cargo do Parque Mayer. Apesar de faltar o sotaque alfacinha como tema principal, a competição estava presente - Campo de Ourique é o vencedor da primeira edição e levava trajes minhotos.

Segundo a organização das Festas de Lisboa, que está a cargo da Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC), Leitão de Barros tem, na altura, mais intenções, pois tem como objetivo aumentar o público e tornar as marchas cada vez mais

lisboetas. Para isso, percorre as coletividades de forma a descobrir as suas particularidades e em resultado disso em 1934, desfilam 12 bairros e 800 marchantes, desde o Terreiro do Paço até ao Parque Eduardo VII - cada um com a sua marcha, traje, música, e coreografia inspirada num costume ou característica do bairro. Trezentas mil pessoas assistem ao cortejo (Leal, 2000).

No ano seguinte, são implementadas regras como o número de marchantes, músicos e acompanhantes e canta-se, pela primeira vez, uma composição comum, da autoria de Raul Ferrão e Norberto de Araújo, a “Grande Marcha de Lisboa Lá vai Lisboa”, explica a mesma fonte.

Durante a II Guerra Mundial, e depois do êxito do ano de 1935, segue-se um período de interrupção, à exceção do ano de 1940 - em que se fez a comemoração dos trezentos anos da Independência e trinta da República - e de 1947, data em que celebram o 8.º Centenário da Conquista aos Mouros (Leal, 2000).

A partir dos anos 50, o prestígio associado às marchas aumenta, uma vez que começam a ser assistidas por dirigentes do Estado, mas também apadrinhadas por figuras públicas. É nessa década que se passa a realizar o percurso que conhecemos até hoje, do Marquês de Pombal aos Restauradores. Já a década de 60 fica marcada por exposições em recinto fechado, mas também pelo aparecimento dos carros alegóricos e das mascotes (Leal, 2000).

O mesmo autor refere que nos anos 70 assiste-se a um declínio, e após o 25 de Abril, estas comemorações acabam por ser extintas, por serem associadas ao Estado Novo. Nos anos 80, voltam “em força”, e hoje continuam a ser um símbolo dos Santos Populares.

4.1- Marchas Populares na freguesia da Seara e no bairro da Ribeira (Monserrate)

4.1.1- Caracterização da freguesia da Seara

A Seara, freguesia da margem esquerda do Rio Lima, que dista cerca de 5 km de Ponte de Lima, é uma das mais pequenas freguesias do concelho, com apenas “4,00 km² de área e 714 habitantes (INE, 2011). Para além disso, apresenta uma densidade populacional de 178,5 hab/km². Tendo por base os Censos 2011, existem 365 mulheres e 349 homens como população residente, distribuídos por 216 famílias e por 282 alojamentos.” (Seara, s.d.).

Confronta com grandes freguesias do concelho sendo a norte, Correlhã; a sul, Facha; a nascente, Correlhã e Rebordões-Santa Maria, e a poente, Vitorino das Donas. Desde 2009 a Seara deixou de estar dividida em lugares para serem atribuídos arruamentos. A Seara é atravessada no sentido este/oeste pela Estrada Nacional 203, entre Ponte de Lima e Darque (Viana do Castelo). Não menos importante é o Caminho de Santiago proveniente de Barcelos, por isso de sul para norte. A lembrar e a realçar esta atividade, em agosto de 2019, é inaugurada uma estátua em pedra, em homenagem aos peregrinos e a Santiago, junto à estrada nacional (figura 1).



Fonte: a autora

Figura 1 - Estátua de Santiago, freguesia da Seara

Como é referido no sítio da internet da freguesia da Seara, “sobre o seu remoto povoamento existem argumentos definitivos, desde a arqueologia local até à toponímia antiga e moderna. O próprio topónimo Seara, conquanto pareça moderno, não o deve ser: no português antigo, significava não só terra de pão e vinho, definição corrente nos documentos medievais, mas também toda e qualquer propriedade, fazenda ou pertença de herdade” (Seara, s.d.).

Ainda segundo o mesmo site “existem em Seara, testemunhando tempos passados de uma certa prosperidade senhorial ou burguesa, algumas residências brasonadas, de algum aparato, como a Casa Grande, a de Nabais e a Quinta do Bom Gosto. Esta última resultou da vontade de um rico brasileiro local que a iniciou em 1891. Trata-se de um enorme casarão, sem qualidade pitoresca amálgama de estilos, em que se descobrem

estruturas e ornatos de arte gótica e muçulmana, renascentista e barroca, etc., mas que não deixa de ser uma razoável manifestação do gosto revivalista do tempo, mormente no seu portal principal” (Seara, s.d.).

Em termos culturais, segundo o Presidente da Junta de Freguesia, a Seara destaca-se pela proporção de dinamismo que apresenta face à sua dimensão e ao tipo de população que lá reside. De destacar o papel da Junta de Freguesia, nos últimos dois mandatos e todo o papel que os seus elementos ativos desempenham. Valorizam e elevam os seus habitantes, as memórias e as tradições locais. Procuram melhorar a sua qualidade de vida dos locais, investindo em infraestruturas e dinamizando rastreios à população da Seara (colesterol, diabetes, hipertensão), tornando-se próximos todos uns dos outros. Recentemente cria um espaço a que designa o nome de arquivo histórico da freguesia (pessoas e bens materiais), fomenta ano após anos a comemoração da Semana da Seara, não esquecendo os emigrantes que regressam em agosto e vivem, o que começou por ser uma semana, agora já são duas, vivendo com tradições e as suas raízes. Foi erguido, na freguesia, um monumento em sua homenagem. Segundo testemunhos recolhidos por várias pessoas que habitam e, habitualmente, costumam colaborar, realizam vários momentos de voluntariado para limpeza de ribeiros, para arranjos e manutenção de espaços públicos.

A mesma fonte da Junta de Freguesia, menciona a existência da Associação Desportiva e Cultural de Seara, fundada em 1984, a qual tem contribuído para a revitalização da freguesia, designadamente na área do desporto (futebol, atletismo, judo, passeios de mota, caminhadas) e cultura.

De referir que a freguesia não tem escola do 1º ciclo, sendo os alunos transportados, gratuitamente, para o Centro Educativo da Facha que dista cerca de 1 km. De há uns anos para cá a Junta de Freguesia, tomou a iniciativa de colaborar com os encarregados de educação, na aquisição dos manuais escolares que o Estado não oferecia gratuitamente. Todos os alunos da freguesia da Seara que frequentem o 1.º Ciclo, não têm qualquer despesa com manuais escolares.

O seu padroeiro é S. Mamede, no entanto, a maior festa realizada é a de S. Pedro por existir no centro da freguesia um nicho dedicado ao santo e é nessa festa que acontece o ponto alto das marchas (Seara, s.d.).

A freguesia tem como setores laborais a agricultura, a pecuária, o pequeno comércio, a restauração e hotelaria. Tem uma feira quinzenal aos domingos no principal largo. Como valores patrimoniais e aspetos turísticos podemos enunciar: Igreja Paroquial, Capela Nossa Senhora do Desterro, Capela de S. Pedro, Alminhas, Quinta de Nabais, Quinta Casa Grande, Quinta do Paço, Quinta do Bom Gosto, Penedo da Janelinha e Monte da Nó e um Polidesportivo.

No artesanato há pessoas locais que ainda se dedicam à tecelagem do linho e de mantas de farrapos (Seara, s.d.).

Realiza-se, quinzenalmente, uma feira no largo do Pinheiro Manso, o mesmo local onde decorrem as festividades ao S. Pedro de 28 para 29 de junho.

A Junta de Freguesia publica, trimestralmente, o *Jornal da Seara*, (Seara, s.d.) na sua página de Facebook e realiza a sua impressão para distribuir à população local, gratuitamente. Divulgam as iniciativas da Junta e de grupos associativos da freguesia (protocolos estabelecidos, obras realizadas, passeios, exposições, festividades, homenagens, poesia, voluntariado).

4.1.2- Caracterização das marchas populares da Seara com os testemunhos recolhidos

Constatamos junto dos organizadores das Marchas, bem como reunidos testemunhos de elementos da Junta de Freguesia, que esta atividade se começou a desenhar há mais de trinta anos na freguesia da Seara. As fontes orais que resultaram dos testemunhos recolhidos, presentemente, junto do grupo de familiares e amigos que iniciou a atividade, como uma brincadeira animada. Na década de oitenta, mais precisamente na noite de S.

João, em 1981, um casal de Searenses, e seus familiares, juntamente com a empregada da casa, lançam um pequeno desafio uns aos outros.

Acabados de jantar uma bela de uma sardinhada, na noite de S. João e sentados nos degraus de pedra, da Casa Grande, como assim a designam; a senhora e a empregada começam por ter a ideia de ir a cantar até ao principal largo da freguesia, chamado Pinheiro Manso. Vestem-se com roupas mais antigas, capotes, saias compridas, arranjam roupas de um filho para vestir ao cão, o Piloto, carregam ramos de mimosas enfeitadas com hortências, iluminam o caminho com pequenas candeias, uma vez que a eletricidade pública era pobre. Os filhos e sobrinhos, também, vão, levam testos de panelas para fazerem barulho. São cerca de dez pessoas envolvidas e os adultos sabem quadras alusivas aos Santos Populares e, foi com essa “cantoria” que desfilaram. Simples, mas divertidos porque em pouco tempo foram rua abaixo e não houve tempo de preparar mais nada. O sucesso da atividade deu-se logo, populares que estavam em dois comércios locais saem à rua para os ver e aplaudir, fazendo questão que os mesmos repetissem mais uma volta de desfile. Registos fotográficos deste início não conseguimos obter.

No ano seguinte mais gente agarra a ideia, não é apenas um grupo, mas dois a organizarem a marcha; a parte de cima da freguesia e a parte de baixo. Em anos seguintes, começam a aparecer os primeiros arcos com ramos de palmeiras e balões de papel, mas sempre a desfilarem a pé. Nos anos subsequentes começam a levar carros alegóricos, têm mais tempo para se organizar, planeiam com mais exatidão, retratam os temas com mais rigor e decidem a atribuição de prémios. A competição só se realiza uma vez, por comum acordo decidem juntar-se todos e realizar apenas uma marcha. Em anos posteriores põe em prática a decisão tomada no ano anterior e é assim que prevalece até aos dias de hoje. Apenas durante dois ou três anos, não sabem precisar com muita certeza, não houve Comissão de Festas, logo não houve marchas populares.

Os locais mostram o papel das artes na vida daquela comunidade, recriando manualmente lugares, edifícios, adereços e personagens que fazem parte da história e tradições (figuras 2, 3 e 4).



Fonte: a autora com base nos registos fornecidos pelos primeiros participantes e criadores das marchas

Figura 2 - Primeiros carros alegóricos, S. Pedro



Fonte: a autora com base nos registos fornecidos pelos primeiros participantes e criadores das marchas

Figura 3 - Primeiros carros alegóricos, Maria vai à fonte



Fonte: a autora com base nos registos fornecidos pelos primeiros participantes e criadores das marchas

Figura 4 - Primeiros carros alegóricos, o casamento

A população interessa-se e procura participar, envolvendo, posteriormente, mais de trinta participantes. O público procura saber, antecipadamente, se as marchas se vão realizar e, no dia, é uma imensidão de gente, como contam os intervenientes principais, alguns deles ainda vivos.

Desde sempre houve interesse pelas marchas, por parte da Comissão das Festas de S. Pedro. Ainda que com pouco poder económico, moralmente sempre apoiou e, se interessou para dar continuidade a esta ideia. Nos anos seguintes começam a desfilar na vila de Ponte de Lima.

A ideia do casal que iniciou tudo por brincadeira e aos quais se juntaram seus familiares, foi de imediato aproveitada pela Comissão de Festas da Seara. Por influência das festividades de S. Pedro, na freguesia da Correlhã, que é vizinha da Seara, mas com pouco espaço físico para a sua comemoração; uma vez que implicava a deslocação de pessoas para o meio de uma estrada nacional. Alguém da freguesia da Seara, pega na ideia e transporta-a para lá. Na Seara espaço não faltava para o desfile e para a festa.

O nicho de S. Pedro é construído na década de noventa. A Comissão de Festas e a Junta de Freguesia da altura, unem-se para construírem o que idealizaram. A Comissão de Festas encerrava as contas com saldo positivo, a Junta autoriza a sua construção em espaço público, mas como a ação era profana, acharam por bem dar conhecimento ao arcebispado de Viana do Castelo. A tarefa não foi fácil, uma vez que a festividade não partia da religião católica. O Bispo ouviu os populares que foram conversar com ele, em representação da população da Seara. No final “encolheu os ombros” como nos conta um testemunho oral, confirmando que o mesmo não podia dar essa autorização, contudo frisou que se o fizessem partia da intenção dos locais, não tendo nada a ver com a paróquia. Até hoje o mesmo nicho nunca foi benzido (figura 5).



Fonte: a autora com base nos registos fornecidos pelos primeiros participantes e criadores das marchas

Figura 5 - Nicho de S. Pedro, no Largo do Pinheiro Manso, Freguesia da Seara

Na década de oitenta, o associativismo¹ arranca com força em Portugal e, também, nesta freguesia. Vários grupos mobilizam-se para revitalizar, localmente, as tradições e o desporto. Como já foi referido anteriormente, esta freguesia retrata esta realidade.

Em 2008, um desses grupos foca-se na ideia de continuar a renascer as Marchas Populares em honra de S. Pedro, uma vez que há gente que viveu as origens deste

¹ A expressão *associativismo* designa, por um lado a prática social da criação e gestão das associações (organizações providas de autonomia e de órgãos de gestão democrática: assembleia geral, direção, conselho fiscal) e, por outro lado, a apologia ou defesa dessa prática de associação, enquanto processo não lucrativo de livre organização de pessoas (os sócios) para a obtenção de finalidades comuns. Este mesmo não deve ser utilizado para ferir suscetibilidades nem para ataques morais. (ASSOCIAÇÃO - DEFINIÇÃO, s.d.)

fenómeno na década de 80 (figura 6). Mobilizam-se familiares e amigos e, nesse ano de 2008, organizam as Marchas na freguesia da Seara. Resultante deste grupo de amigos forma-se a Comissão das Marchas Populares de S. Pedro que teve esta denominação até janeiro de 2019; atualmente, é uma Associação onde esses elementos compõem os seus diferentes órgãos sociais.



Fonte: a autora com base nos registos fornecidos pela Junta de Freguesia da Seara

Figura 6 - Primeiro cartaz das marchas populares, após alguns anos de interrupção

O grupo que se constitui por essa altura pretende continuar a manter a atividade; são destemidos e com muita vontade, persistência e resiliência e revivem, anualmente, a tradição. O que os faz continuar é, principalmente, o orgulho, o amor à terra natal e o interesse que outras pessoas manifestam em participar ou assistir a esta atividade, - conceção de multiculturalidade - sendo esse objetivo atingido à custa de muitas horas de voluntariado e convívio.

Todos sentem que é uma expressão da cultura popular, tal como definido por Leal ((Etnografias Portuguesas (1870-1970))), com a pretensão de manter viva e transmitir, aos mais novos, este conjunto de práticas sociais e culturais. São tradições que têm vindo a renovar, atendendo aos tempos atuais, procurando retratar vivências quotidianas e não esquecem a transmissão de uma mensagem. Procuram fazer isto, como nos dizem nos testemunhos que nos dão. Há prazos a cumprir e, desde que se reúnem para escolher o tema, ou lançar as primeiras ideias, todos se dedicam até que tudo ganhe forma e temática. Depois desta fase, começam a construir os versos que embelezam a melodia, normalmente, já existente. Já houve, segundo nos explicam, um leque maior de propostas para esses versos, o que exigia mais trabalho na seleção e escolha final. Na atualidade, é a coreógrafa com a ajuda do grupo que constrói os versos que vão ser cantados. O tema, a letra da música, a melodia, a coreografia, os adereços e roupas, escolhem-se ano após ano. Há sempre novidades e trabalhos diferentes todos os anos.

Nos primeiros anos em que se organizam, os arcos são muito simples, os motivos são feitos em papel e cartão, as roupas guardam, também, essa simplicidade, feitas em algodão e cetins coloridos, alguns motivos são bordados pelas pessoas, sendo que os chapéus são construídos de raiz com papelão e pintados à mão.

Mais tarde surgem os chapéus de palha enfeitados de acordo com o tema daquele ano. Com a globalização dos mercados, outros materiais chegam e facilitam muito do trabalho que é feito, manualmente (figura 7).



Fonte: a autora através dos registos documentais fornecidos pela Associação Sementes Anónimas

Figura 7 - Roupas e arcos nas primeiras apresentações, após alguns anos de interrupção

Segundo as pessoas que organizam as marchas, hoje idealizam os adereços e roupas com esses materiais mais modernos; fazem testes em diferentes tecidos, enviam a uma fábrica de Vila do Conde para estampar com os motivos definidos e experimentam várias soluções; aconselham-se, também, com a costureira (que desde sempre confeccionou os fatos), passando ao produto final quando estão satisfeitos com o resultado obtido. Há uns anos atrás incluía-se neste grupo da Comissão, uma figurinista que desenha vários dos modelos que desfilam nas marchas, conforme pode ser observado na exposição que existe na sede da Associação, uma sala concedida pela Junta de Freguesia, no edifício centenário da antiga escola primária (figura 8).



Fonte: a autora através dos registos documentais fornecidos pela Associação Sementes Anónimas

Figura 8 - Exemplos de figurinos desenhados para as primeiras roupas que desfilaram

Nos arcos, também, se vê evolução ao nível dos materiais, hoje embelezados com muito mais elementos decorativos, com menos papel, com mais plástico e luzes com pilhas. O que antigamente é feito com ramos de palmeiras, em forma de arco, hoje são estruturas feitas em madeiras, esferovite ou plásticos, tendo noutras marchas anteriores passado por uma fase de materiais menos resistentes como o papel e o cartão.

Os testemunhos orais mencionam que desde que terminam umas marchas, começam a pensar nas seguintes, mas o trabalho começa a ser mais árduo em janeiro e mais exaustivo em maio e junho. Até aos últimos minutos trabalha-se em prol de que nada falte, as flores saíam frescas e vistosas no carro alegórico que é um trator. Elementos de várias idades acusam momentos de stress para finalizar a composição do carro, a iluminação e o som. Tudo tem de sair perfeito naquela noite em que apresentam a marcha na vila de Ponte de Lima. As pessoas da freguesia deslocam-se à sede do concelho para os ver, têm o apoio de familiares e amigos e da autarquia local (figura 9).



Fonte: a autora através do vídeo publicado no youtube

Figura 9 - Seara florida, tema da marcha popular da Seara de 2019

4.1.3 - Caracterização da freguesia de Monserrate, bairro da Ribeira

Os testemunhos orais da Junta de Freguesia, permitiram o registo destas informações, fazendo uso do diário de bordo e de um gravador, permitindo caracterizar sócio e demograficamente esta freguesia. Assim, foi-nos dito que o bairro da Ribeira insere-se, na freguesia de Monserrate que, por sua vez, inclui-se na união de freguesias de Viana do Castelo, juntamente com Santa Maria Maior e Meadela. Monserrate fica na margem direita do rio Lima, tem como freguesias vizinhas, Areosa, Santa Maria Maior e Meadela.

A freguesia de Monserrate tem aproximadamente 4.927 habitantes (I.N.E. 2011) com 2,07 km² de área e densidade: 2 723,2 hab/km². A santa padroeira é Nossa Senhora de Monserrate. No âmbito das tradições festivas comemoram a Senhora das Candeias, S. José, Nossa Senhora da Agonia e as Jornadas de Arte Popular, que se realizam há mais ou menos trinta e cinco anos. Ponto alto desta atividade, é a apresentação das Marchas Populares e a Coroação de S. Pedro e de S. Paulo.

A freguesia de Monserrate conta com a realização da feira semanal, no campo de Nossa Senhora da Agonia. Por altura das festas concelhias, realiza-se a feira franca, no mês de agosto.

Os habitantes da freguesia concentram as suas atividades laborais em setores como a indústria naval (Estaleiros Navais de Viana do Castelo), a pesca, o artesanato e o comércio. Os habitantes do bairro da Ribeira, também, fazem disto as suas atividades.

Dada a extensão da freguesia, os valores patrimoniais e os aspetos artísticos são imensos. Assim, destacam-se o Castelo de S. Tiago da Barra, o Convento de S. Domingos, a Igreja de Santa Cruz-S. Domingos, a Igreja das Ursulinas, Santuário da Senhora da Agonia, as Capelas de Santa Catarina, da Senhora das Candeias e de S. Tiago, o Palácio dos Tramas, o Palácio da Vedoria, o Estádio Dr. José Matos, o Museu Municipal, o Museu da Arte Sacra, o Museu Gil Eanes (barco), o Monte de Santa Luzia, a Praia Norte, o parque junto à praia Norte, o Jardim de D. Fernando, o Monumento ao Pescador, o Monumento à Mulher Vianense, o busto de Amadeu Costa e o Campo da Senhora da Agonia.

Quanto à gastronomia o bairro da Ribeira, assim como grande parte da freguesia de Monserrate, recebe as múltiplas influências do rio Lima e do Mar (oceano Atlântico). De realçar pratos como a caldeirada de peixe, o arroz de peixe e a lampreia. Na doçaria, as meias-luas que estão relacionadas com o recolhimento de S. Tiago (dado bíblico).

No artesanato são de salientar as redes de vários tipos, que os pescadores levam ao mar, cada vez mais em desuso dado o fabrico industrial se ter sobreposto ao artesanal. As rendas de Viana que tinham na Ribeira as grandes obreiras, pelo uso nos seus aventais e as miniaturas de barcos em madeira.

Monsserrate conta com as seguintes coletividades culturais e desportivas, que desenvolvem o sentimento de associativismo: Associação de Moradores do Bairro dos Pescadores, Associação de Moradores do bairro da Misericórdia, Escola Desportiva de Viana (com diferentes modalidades desportivas), Sport Club Vianense, Associação de Moradores do bairro da Escola Técnica, Escuteiros de Monsserrate (Agrupamento 343), Escuteiros do senhor do Socorro (Monsserrate e Areosa), Clube Desportivo de Monsserrate (voleibol feminino), Juventude de Viana (hóquei em patins), Zé Pedro Associação Musical, Viana Academia FutFenix (futebol de salão juvenil), Futebol Clube de Santa Luzia (futsal), Amigos do Mar. É em Monsserrate que fica sediado o jornal Aurora do Lima, que conta já com mais de cem anos; é um periódico bi-semanal.

As Jornadas de Arte Popular realizam-se em junho, na freguesia de Monsserrate e a entidade organizadora é a Junta de Freguesia. Realizam-se desde 1987, no período dos festejos dos Santos Populares e nelas se podem ver as marchas populares. Presentemente vai já na sua 9.^a edição e o respetivo programa tem sido, substancialmente, enriquecido. Assim, juntamente com as tradições populares, o programa convive com manifestações culturais, jogos tradicionais, exposições de pintura, concertos musicais, exibições de tunas académicas e jornadas de folclore.

O bairro da Ribeira, que é porto de mar e porto de frota de pesca costeira e artesanal, desde o séc. XVI, é um dos locais onde se concentra o nosso estudo e onde recorreremos a vários testemunhos vivos. Este bairro tão pitoresco, pertence à freguesia de Monsserrate. Quanto ao número de habitantes, o mesmo colaborador da Junta não sabe com toda a certeza o número real, mas estima que este bairro terá 600 a 750 habitantes, que não são todos eleitores.



Fonte: a autora

Figura 10 - Porto de pesca e lota, na Ribeira, freguesia de Monserrate

Nesta zona piscatória existem a lota e as instalações frigoríficas (figura 10). Em tempos passados, a atividade da pesca representou uma mais valia económica para a população que ali habitava, hoje é uma atividade em declínio. É um bairro característico de pescadores e varinas, com costumes de uma notável riqueza etnográfica. De referir que entre muitos ilustres investigadores e etnógrafos, não podíamos deixar de evidenciar o ilustre Amadeu Costa (1998), que muito se interessou, estudou, investigou, publicou e fez pela divulgação e registo de tradições da Ribeira, inclusive das festas da Senhora da Agonia e das marchas populares do seu bairro (figura 11).



Fonte: a autora

Figura 11 - Busto de Amadeu Costa, no largo com o mesmo nome, freguesia de Monserrate

O porto de mar ali existente, conserva ainda parte das suas estruturas na freguesia de Monserrate, contudo devido à reconversão que ocorreu na década de oitenta, muito do movimento começou a operar-se nas novas estruturas portuárias situadas no rio Lima, mas do lado de lá, na freguesia de Darque (Costa, 1998).

O mesmo autor refere que a população desde muito cedo se estabeleceu e constituiu residência neste local, formando um casario de marinheiros, pescadores e varinas; sempre manifestou a sua religiosidade e fé. Numa atividade tão perigosa e que é o seu sustento, por muitos sustos passavam e algumas tragédias ocorriam. Os bravos pescadores vianenses em embarcações tão frágeis, na época, faziam frente, diariamente, a ondas revoltadas, com momentos de grande aflição para os próprios e suas famílias

que ficavam em terra. Corriam sérios momentos de perigo e, por isso, recorriam a orações e até promessas aguardando chegar a terra, salvos e com o meio de subsistência da sua família (figura 12).



Fonte: a autora

Figura 12 - Imagem de S. Pedro na igreja de S. Domingos, freguesia de Monserrate

4.1.4- Caracterização das marchas populares do bairro da Ribeira, com os testemunhos recolhidos

Amadeu (Costa, 1998) no seu livro *Tradições da Ribeira*, faz um breve referência a que a marcha da Ribeira terá acabado já nos anos trinta; extinção esta que terá ocorrido devido à brejeirice que aplicavam às loas que dedicavam a S. Pedro. Os mais crentes mostraram desagrado e acreditam que o castigo foi grave, quando a escultura em pedra cai no dia da festa, no momento da coroação. Como comprovar esta referência do autor, com

testemunhas vivas, não houve, não encontramos indivíduos que recordassem este episódio (p. 147).

Em 1948, por altura do cinquentenário do S. C. Vianense, as marchas reaparecem, mas têm uma durabilidade efémera. Nesse ano, pela mão e a insistência de Amadeu Costa, revivem-se as marchas na cidade de Viana. Na altura, o S. C. Vianense tem à disposição as instalações do mercado municipal (hoje onde se situa o prédio Coutinho) e Amadeu Costa, lembra-se de iniciar um festival de marchas populares. A ideia vingou e teve seguidores em outras figuras ilustres de Viana. Segundo, o padre Artur (Coutinho, 1986) (Viana, 1990), o bairro da Ribeira, a rua da Bandeira e a freguesia de Darque, interessam-se e participam; mas o objetivo é, também, apoiar e angariar fundos para o clube da terra, através do bilhete que cobravam à entrada.

As marchas saem dos seus bairros ou ruas e a população vem, num amontoado de gente para ver as cores e as luzes, ouvir as músicas e ver o ritmo de cada uma. Há, naquela altura, grande animação e o espaço do mercado enche. Trata-se de uma novidade, era dia de festa e a população esquece as agruras da vida.

A marcha da rua da Bandeira é, naquele tempo, das mais bairristas (idem, 1986); como pretendia uma participação em pleno, contava com vários animadores. Recordam-se que a primeira marcha de que há registo sai em 1948, a segunda em 1951 e a terceira em 1952. Na primeira apresentação das marchas, um júri está presente e avalia a *performance* de cada uma. Logo na primeira apresentação, a marcha da Ribeira é a vencedora, em segundo lugar fica a rua da Bandeira e em terceiro a marcha de Darque.

Em 1951, surge a marcha do bairro Jardim, que se une à marcha da rua da Bandeira contra o bairro da Ribeira. Os marchantes da rua da Bandeira não ficaram satisfeitos e não concordaram com a atribuição do 1.º prémio à marcha da Ribeira. Agudizam-se os primeiros sinais de rivalidade entre o bairro da Ribeira e a rua da Bandeira. Aparecem letras de canções em que a Bandeira acusa a Ribeira de transportar lagostas, enquanto que a primeira, mais pobre apenas desfila com peixes do rio. A animosidade é entre as mulheres dos dois locais, porque os homens, ainda que, uns no mar, outros no rio, continuam com as boas relações de camaradagem.

Na segunda participação, a marcha da Bandeira convida o maestro Zé Pedro para fazer a música. Figura ilustre da cidade, que se destaca em atividades no campo da formação musical da juventude de Viana do Castelo.

Manuel Couto Viana (1990) no seu livro de estudos e memórias intitulado Ferro-Velho, volume II, confirma a existência de comemorações aos Santos Populares em vários locais da cidade como: Ribeira, Praça da Erva, Rua da Bandeira onde existem nichos dedicados aos Santos que são embelezados, como os fontanários e bebedouros públicos onde os jovens convivem. Por altura do S. António, S. João e S. Pedro, as populações organizam as suas cascatas, dedicadas ao Santo que escolhem e os mais novos pedem pelas ruas da cidade aos transeuntes. O mesmo estudioso, revela que no ano de 1969, há a presença de fogueiras acesas e música espalhada pelos locais mencionados.

Já na altura, as mulheres da Ribeira, faziam a coroação a S. Pedro, santo padroeiro dos pescadores, na igreja de S. Domingos, presenteando o Santo com as suas grinaldas de flores. O conjunto de mulheres de pescadores e outras familiares, organizam a Coroação com três grupos: a Tocata, as Cantadeiras e as Mordomas, estas últimas, só podiam ser crianças, donzelas (figura 13 e 14). A atividade com simbolismo religioso de cariz popular, para muitos, desenvolve a alegria e o sentido de festa com vários foguetes, daí que os bailes populares que estas comunidades locais organizam têm grande relevo na cidade (Viana, 1990).

COROAÇÃO DE S. PEDRO

Quando chega São Pedro
A Ribeira muda d'ares.
Toda a gente se aperalta
Para as Festas Populares

Monsserrate sai p'rá rua,
Enfeitiçar a cidade
Vem saudar de noite a lua
Com alegria e saudade

Juntam-se moças e moços
Nascem amores na folia.
É Monsserrate que canta
Nesta noite de alegria

Saem de noite a cantar,
Com as ondas no olhar
E o mar no pensamento,
Caras bonitas ao vento,

Vão-se as festas, fica a vida
Mais o embalo no mar.
O mar que nos dá o pão
E nos embala o cantar

Nossa Ribeira velhinha
Que de Viana és madrinha,
Vem para a rua mostrar
Que no porte és a Rainha

Nossas vozes são antigas
Dos tempos das caravelas
É com elas que cantamos
Nossas cantigas singelas.

Na noite de S. Pedro
Com toda a devoção
A gente da Ribeira
Cumpriu a tradição.

Fonte: a autora com base nos registos fornecidos na Junta de Freguesia de Monsserrate

Figura 13 - Versos cantados no momento da coroação a S. Pedro, freguesia de Monsserrate



Fonte: a autora com base nos registos fornecidos na Junta de Freguesia de Monserrate

Figura 14 - As cantadeiras e os músicos no momento da coroação

Um dos testemunhos recolhidos na Junta de Freguesia de Monserrate, diz que as marchas da Ribeira iniciam, novamente, a sua atividade, quando durante a época do Antigo Regime, participam num concurso, na cidade do Porto. Vários habitantes da rua dos Poveiros, rua principal do bairro da Ribeira, se associa ao evento e participa (figura 15). A atividade desenvolve-se num espaço que existia, onde é hoje Palácio de Cristal. Mas desta altura, não conseguimos mais nenhuma confirmação, a não ser este testemunho vivo.



Fonte: a autora

Figura 15 - Rua dos Poveiros, Ribeira, freguesia de Monserrate

Em 1987, a Junta de Freguesia de Monserrate, iniciou a comemoração das Jornadas de Arte Popular. O reviver da tradição surge com mais assiduidade há mais ou menos trinta anos, tendo Amadeu Costa, o grande estudioso vianense, de histórias e tradições de Viana, desempenhado um papel determinante com os habitantes da Ribeira, que aderiram com entusiasmo e genuinidade com os seus trajes tradicionais e típicos de vendedoras de peixe, as mulheres varinas e os pescadores, os homens. Ao longo deste encontro, foi-nos dada a possibilidade de ver, de fotografar e consultar vários registos fotográficos e documentais que guardam neste pólo da Junta de Freguesia.



Fonte: a autora com base em registos documentais da Junta de Freguesia de Monserrate

Figura 16 - Varinas na marcha do bairro da Ribeira

Sempre existiram esforços para reativar a iniciativa de realizar as marchas populares, contudo, passado algum tempo não resistiam às boas intenções. Mais uma vez em 1993, por iniciativa do Presidente da Junta de Freguesia de Monserrate, à época, é solicitada a colaboração do, ainda, Centro Cultural Juvenil, fundado pelo Maestro José Pedro, pelo contributo e animação cultural dada à cidade. Tudo isto resultado de uma peça de teatro que levaram a cena e que retratou o naufrágio de um pescador da Ribeira, que sobreviveu. Por outro lado, a mesma coletividade enalteceu as marchas populares da Ribeira no mesmo espetáculo. Nesse ano, alunos e colaboradores, do que veio a ser uma escola de Música, entusiasmam-se e dão realce aos trajes típicos da Ribeira,

homenageando, Amadeu Costa, mas também as gentes da Ribeira. Recordam as primeiras marchas do ano de 1948 (figura 16).

A partir do ano de 1996, esta Escola que se dedica ao ensino da música e de outras artes, nunca mais deixa de participar no Encontro de Marchas Populares. Segundo nos conta e nos permite registar e gravar, um dos elementos da Direção da Escola de Música Maestro Zé Pedro, o encontro era promovido pela Câmara Municipal, com o propósito de revitalizar uma alegre tradição popular, reconhecendo um valioso contributo cultural e artístico (figura 17). O Encontro que se realizava, anualmente, por altura dos festejos dos Santos Populares, perdeu-se, novamente, nos tempos, terminando no ano de 2011. O propósito da Escola de Música foi e é, envolver os jovens alunos em atividades didáticas, explicando-lhes os fundamentos da sua realização e ensinando-lhe o que ainda não sabem. Abordam temas relacionados com a cidade de Viana ou arredores, como o rio Lima, ao mar, às joias de granito de Viana, as leiteiras, as caravelas, a pesca do bacalhau, o ouro e bordados de Viana, entre outros. Tivemos a possibilidade de ver, de fotografar e consultar vários registos fotográficos e documentais que guardam nesta escola.



Fonte: a autora

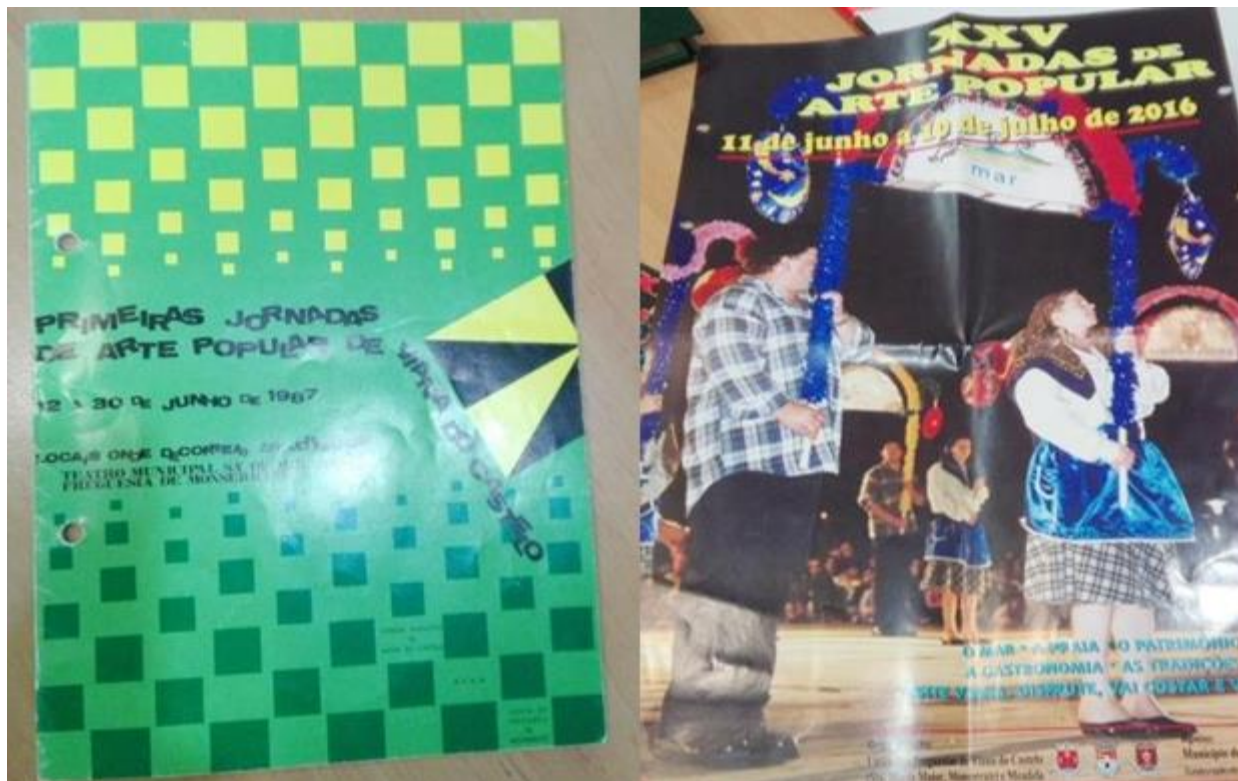
Figura 17 - Largo Maestro José Pedro, onde se localiza a escola

Atualmente, na cidade só se conservam ativas as marchas da Ribeira, pelos festejos de S. Pedro, noite de 28 de junho e, a marcha da Escola de Música Maestro José Pedro, no primeiro fim de semana de julho. Esta última convida sempre, a marcha da Ribeira para participar.

Recorrendo, novamente à nossa fonte da Junta de Freguesia, as marchas populares, mantém-se, hoje, com menor número de participantes. Os jovens a manifestar interesse em participar, são poucos; são as pessoas mais idosas que preservam o orgulho, a ligação ao bairro e a uma atividade com história para não deixar cair no esquecimento.

As Jornadas de Arte Popular pretendem valorizar e vitalizar o território do bairro da Ribeira, cada vez mais envelhecido e com os jovens a "fugir" de participar em algumas atividades locais. Hoje, muitos deles, empregam-se na indústria naval, em serralharias, carpintarias, no setor da panificação, nos serviços e quase nenhuns são pescadores. Muitos, também, não mantêm a residência lá, os estudos e as atividades profissionais, têm levado esses nativos para outras freguesias, ou mesmo para fora do seu distrito (figura 18).

Durante o mês de junho, a Junta de Freguesia de Monserrate fomenta a valorização de várias tradições locais, chamando mais visitantes e curiosos ao bairro, dando-lhe mais "vida" e chamando os jovens a participar. Revivem-se as fogueiras dos Santos Populares, as marchas e a coroação de S. Pedro e S. Paulo (28 de junho), ensinam-se jogos tradicionais, divulgam-se as artes das redes e da construção de miniaturas de embarcações; há concursos, nomeadamente o de pesca, realizam-se exposições com diversas temáticas, enfeitam-se os nichos, degustam-se os petiscos e os pratos culinários em tascas e restaurantes locais.



Fonte: a autora com os dados recolhidos na Junta de Freguesia de Monserrate

Figura 18 - Programa das primeiras jornadas 1987 e cartaz das jornadas de arte popular 2016

Para acompanhar os tempos mais modernos promovem-se atividades como o fado e os bailaricos. Inicialmente enfeitavam-se as ruas, mas com o tempo e dada a despesa que acarreta, este gesto caiu em desuso. Segundo as palavras deste testemunho da Junta, como as festas da Senhora da Agonia são próximas, e muda-se tudo, deixa-se de gastar esse dinheiro.

Nos dias de hoje, confirmou-nos que as marchas populares continuam a realizar-se nas freguesias de Darque, Subportela, Lanheses e Santa Marta (com anos em que interrompem). Outrora desfilaram na cidade, hoje em dia já não. Cada uma realiza a sua marcha na sua localidade e, pontualmente, algumas convidam outras para se deslocarem às suas freguesias.

A marcha popular da Ribeira executa a sua coreografia, no largo de S. Domingos, junto à igreja com o mesmo nome, na cidade de Viana do Castelo. Após essa apresentação realiza-se a tão esperada coroação de S. Pedro e, nos últimos anos a S. Paulo (figura 19). Segundo reza a tradição referida, também, por Amadeu Costa, “É esse o momento mais significativo da cena: cingir com cravos a cabeça de S. Pedro” (1998, p. 146).



Fonte: a autora

Figura 19 - S. Paulo e S. Pedro (esquerda para a direita), no exterior da igreja de S. Domingos

É uma criança a coroar os Santos com flores na cabeça. As pessoas que participam referem que muitas vezes, também, são hortências. O rito mantém-se, com a ajuda dos bombeiros municipais de Viana do Castelo. A escassas horas do Sol ter deixado de brilhar o ato da coroação iniciava-se e terminava antes do acaso, como conta Amadeu Costa. Hoje com umas vidas mais ocupadas, os participantes e o público elegem horário mais tardio. Com duas escadas, a criança que recebe a ajuda e proteção de um bombeiro, sobe até atingir o Santo e coloca-lhe a coroa de flores na cabeça e um ramo de

flores (cravos ou hortências) junto aos pés. Amadeu Costa esclarece que a mordoma, que é aquela que vai coroar os santos, deve ser uma donzela e, por isso mesmo e para que não restem dúvidas é uma criança. É ela que se mantém pura e conserva a sua virgindade, é ela que se “leva ao ar”, porque foi ela a escolhida para coroar e beijar a face do S. Pedro (idem, 1998). As mulheres que donzelas deixaram de ser, integram o grupo como dançarinas ou como cantadeiras, os atributos exigidos são apenas que saiba dançar e tenha uma linda voz.

S. Pedro e S. Paulo, duas imagens em pedra granítica, encontram-se na fachada exterior do adro da igreja de S. Domingos. A igreja está encerrada e não há lugar a qualquer cerimónia religiosa, nem se revela qualquer participação do pároco. Apenas fornece a energia eléctrica através da igreja, para as festividades da noite, ajudando a iluminar o largo. O ritual é, absolutamente, de origem profana. Ao par de pedidos e agradecimentos, as mulheres casadas não omitem a sua satisfação por terem realizado o seu matrimónio. O público graceja a criança com palmas e o simbolismo do momento, agradecem ao Santo e pedem mais um ano proteção dos perigos do mar para os seus familiares, vizinhos e amigos e de boas pescarias para todos aqueles que vão ao mar, noutros tempos de boa sardinha (figura 20).



Fonte: a autora através do vídeo publicado no YouTube

Figura 20 - Coroação de S. Pedro na noite de 28 de junho

A mesma fonte que nos dá testemunhos, na Junta de Freguesia, conta que há cerca de cinco anos, a Escola do 1º Ciclo da Avenida, passa aos seus alunos esta manifestação de cultura popular. Ao terminarem o ano letivo, crianças de várias turmas e de diferentes anos de escolaridade, fazem as suas marchas e desfilam pela cidade. A Junta sempre se mostrou disponível para colaborar com o estabelecimento de ensino, nomeadamente no empréstimo de trajes de varinas e os cestos e atribuindo algumas verbas para compra de material necessário. Desfilam no último dia de aulas do 3.º período e encerram a atividade na Praça da Liberdade. Vários encarregados de educação colaboram com as escolas dos seus educandos na confeção dos trajes, nos ensaios da coreografia e no dia do desfile.

Este foi um testemunho dado por mães, avós da Ribeira e uma docente da escola da Avenida. A escola fez a recolha de testemunhos antigos para reviver uma das tradições mais antigas da cidade.

No seu espólio a Junta, conforme nos foi dada a possibilidade de ver, conta com cerca de trinta fatos femininos e alguns masculinos, contando com adereços, como socos, os cestos e arcos mais antigos e mais recentes. Contudo, foi referido que as mulheres da Ribeira que se vestem de varinas, têm as suas vestimentas de que muito se orgulham, tendo-se tornado mais vaidosas e com muita “chieira”. Cada uma gosta de exhibir o seu avental e o seu lenço, que muitas vezes é passado de geração em geração e que suporta todo um valor sentimental. Os trajés da Junta de Freguesia começam a ficar obsoletos, pelo que saem menos do armário. Nas marchas o trajar é sempre o mesmo, ainda que se verifiquem evoluções, mais nas varinas (figura 21). Uma das marchantes explica-nos que a mulher leva o cabelo apanhado, num rabo de cavalo, a blusa tem de ser florida, aos ombros põe um lenço cachené e veste saia de fazenda. Atualmente, a saia pode ser noutro tecido desde que xadrezado, o avental é às riscas verticais ou com bordado Recheliu (onde têm muita chieira) e socas de verniz preto. Transportam pequenas canastras, onde levam flores ou redes. Os homens que trajam como pescadores, vestem calça preta de fazenda, presentemente substituem por calça de ganga, camisa de xadrez de flanela e boina preta.



Fonte: a autora com base em registos fornecidos pela Junta de Freguesia

Figura 21 - Traje atual das varinas da Ribeira, freguesia de Monserrate

Outra marchante acaba por confirmar o que nos disseram na Junta de Freguesia, habitualmente, a marcha da Ribeira tem grande dificuldade em angariar indivíduos do sexo masculino, pelo que maioritariamente as marchas mantêm-se vivas com um grupo de amigas, as com mais idade tornaram-se as cantadeiras que ficam num friso, junto à banda que os acompanha e que toca ao vivo. É a Banda de Vila Nova de Anha encarrega-se de fazer os ensaios e apresentação da marcha no dia do desfile.

As letras e as músicas contam com a colaboração de um elemento da Direção, da atual, Zé Pedro Associação Musical. Muitas são fruto da criação de antepassados, o Maestro José Pedro e realçam sempre as vivências da gente da Ribeira com o mar, a pesca, a fé e as suas tradições. Todos os anos acabam por recuperar músicas e letras já antes utilizadas. Não há o fator surpresa, reciclam arcos, vestem as roupas de varinas e pescadores e usam letras e músicas de tempos mais antigos. Em muitas letras exalta-se a beleza das raparigas da Ribeira, a proteção de S. Pedro aos que vão para o mar, as mordomas que vão coroar os Santos, pedidos de casamento, o regresso a terra com boa pescaria, as fogueiras, etc. Tudo isto nos foi assegurado na Junta de Freguesia e na Escola de Música Zé Pedro, pelos elementos que colaboraram neste estudo.

A marcha pode ser formada por sessenta elementos, incluindo os músicos da banda já referida, mas depende muito de ano para ano. Em 2019, os participantes foram à volta de quarenta, maioritariamente mulheres e apenas dois rapazes. Daí que só levassem dois arcos. A origem dos participantes e dançarinos é o próprio bairro, mas há outros familiares que vem de Darque, Meadela, Lanheses e Vila Franca.

Já contaram com a colaboração de vários coreógrafos, mas atualmente é uma senhora, com origem na Ribeira e que está com o grupo nos últimos três anos.

Os arcos que os participantes levam na mão são feitos por um senhor da Meadela. É, também, o responsável por recolhê-los, no final da apresentação e por os guardar para serem utilizados no ano seguinte. Os arcos são reutilizados até ser possível, evitando-se gastos maiores. Anteriormente estragavam-se mais, havia mais desleixo. O tema dos mesmos é o mar e os Santos Populares. Por vezes tem mais arcos, do que gente para os pegar e para ser possível formar mais pares mistos; informações recolhidas com o testemunho da Junta local.

Tabela 3 - Resumo de semelhanças e diferenças entre as duas marchas

Semelhanças entre as duas marchas	Diferenças entre as duas marchas
Valorização da atividade e apoio na realização, pelas Juntas de Freguesias locais	A marcha da Seara todos os anos muda de tema, arcos, roupas, a marcha da Ribeira não
Os arcos revelam evolução nos materiais e na eletrificação, assim como as roupas, mais na marcha da Seara. Na marcha da Ribeira é notório o empenho e vaidade com os aventais e o seu bordado Recheliu	A marcha da Ribeira tem mais dificuldades em que os jovens participem, é uma marcha mais envelhecida, enquanto que a marcha da Seara é uma marcha mais jovem
Semana cultural promovida pelas Juntas de Freguesia, uma em julho, outra em agosto	A marcha da Ribeira, dada a disponibilidade das pessoas e da coreógrafa ensaiam apenas um mês antes, na marcha da Seara os preparativos começam 6 meses antes
Ambas as marchas são um fenómeno de religiosidade popular	A marcha da Ribeira tem como ponto alto, a coroação a S. Pedro, um ritual de religiosidade popular
As duas marchas são em honra de S. Pedro; no caso da marcha da Ribeira o simbolismo tem a ver com o S. Pedro ser o protetor dos pescadores e viúvas; no caso da marcha da Seara, coincidiu com a falta de movimento e festejos na freguesia, tendo sido iniciadas por altura de S. Pedro	A marcha da Ribeira tem mais antiguidade que a marcha da Seara
As duas marchas fazem alguns intercâmbios com outras freguesias locais	A marcha da Ribeira cada vez mais é possível pela representação feminina
São os familiares e amigos a convidar os participantes	As roupas da marcha da Ribeira dão ênfase a profissões ligadas ao bairro, o tradicional representar das varinas e pescadores, na marcha da Seara, todos os anos o tema é diferente, logo as roupas, arcos e carro também são
Ambas tiveram anos de interrupção/não realização	A marcha da Ribeira desfila sozinha no dia de S. Pedro (é única)
Há três grupos nas suas marchas Seara: crianças, adolescentes, adultos	Colaboração/intercâmbio com a Escola Básica da Avenida
Ribeira: a Tocata, as Cantadeiras e as Mordomas (donzelas)	
Levam músicos de uma banda local ao vivo	Seara forma uma Associação

Sumário

No presente capítulo são expostos o trabalho de campo e o contexto da investigação, a partir do uso de instrumentos diversificados mencionados no capítulo da metodologia. Exibem-se aspetos diversos desta atividade de caráter popular, que permitem afirmar que a tradição atual apresenta algumas características diferentes do passado, e que o seu estatuto tem vindo a melhorar em termos de aceitação social e símbolo de identidade. É entendida como uma mais valia para a economia local, no caso da freguesia da Seara, ao contrário do que acontece com a marcha do bairro da Ribeira, freguesia de Monserrate. Mantiveram algumas das práticas culturais existentes, tendo sido inseridas algumas transformações e variações, em relação ao vestuário, adereços, música e coreografia.

Permanece um ritual, a coroação de S. Pedro, simbolismo de religiosidade popular, na marcha da Ribeira; uma tradição que sobrevive graças à persistência dos populares que participam. Salvaguardam e preservam um aspeto que os distingue e diferencia de outros, apesar dos poucos apoios do poder local.

A recolha dos dados foi iniciada entre janeiro e dezembro de 2019, com visitas regulares aos contextos locais selecionados. De realçar esta forma de conviver, conhecer, perceber e descobrir as perceções de marchantes, organizadores da atividade e do público, numa perspetiva antropológica e artística, facultando dados relevantes para o estudo.

O sucesso da recolha etnográfica contou com o bom relacionamento entre informantes e investigadora.

Capítulo V

5- Análise dos dados recolhidos

Após a recolha de dados procede-se a uma análise do conteúdo. O principal objetivo desta análise é transcrever as informações a que chegamos, durante as entrevistas realizadas, através de uma análise com categorias. De realçar que as transcrições resultam nas palavras que são ditas e utilizadas pelos entrevistados, sem sofrerem alterações.

Segundo Maroy (1997), a operação intelectual básica de uma análise qualitativa do que é conseguido na entrevista «consiste essencialmente em descobrir “categorias”, quer dizer, classes pertinentes de objetos, de ações, de pessoas ou de acontecimentos. Seguidamente (...) conseguir construir um sistema ou conjunto de relações entre essas classes» (pp.118-119).

Neste trabalho é essencial usar o sistema de categorização, com o objetivo de simplificar a tarefa de uma análise de conteúdo, com a identificação de subcategorias ou atributos intrínsecos às categorias; isto é, conceitos de ordem hierarquicamente inferior aos da categoria e que devem concorrer para caracterizar a amostra (tabela 4). Enquanto as unidades de registo são o mínimo do conteúdo que é necessário para se situar uma categoria, a unidade de contexto “constitui o segmento mais longo de conteúdo que o investigador considera quando caracteriza uma unidade de registo, sendo a unidade de registo o mais curto.” (Carmo & Ferreira, 1998, p.128). Devido ao número reduzido de entrevistas, não é utilizado nenhum programa informático, sendo que os dados são todos analisados manualmente.

Tabela 4 - Categorização da entrevista - marchantes/participantes da Seara e da Ribeira

Categorias	Nº da pergunta
Perfil sociodemográfico do marchante	1,2,3,4,5,6
Relação com a Marcha	7,8,9,10,11,12
Motivações para participar	13,14,15,16,17,18,19,20
Promoção da cultura popular	21
Contributo para a valorização do património	22
Contributo para o turismo	23

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

A análise inicia-se com a categorização das entrevistas realizadas aos marchantes/participantes na marcha popular da freguesia da Seara.

5.1 - Perfil sociodemográfico dos participantes/marchantes da Seara

Tabela 5 - Perfil sociodemográfico dos marchantes/participantes da freguesia da Seara

Categoria	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4	E. 5	E. 6
Perfil sociodemográfico do Marchante						
Subcategorias						
P.1 - Idade	8	17	26	35	41	63
P.2 - Género	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino
P.3 - Atividade profissional	Estudante	Estudante	Operária Fabril	Auxiliar de Geriatria	Operador de CNC	Doméstica
P.4 - Naturalidade/Nacionalidade	Viana do Castelo/Port.	Ponte de Lima/Port.	Ponte de Lima/Port.	Brasil/Port.	Ponte de Lima/Port.	Ponte de Lima/Port.
P.5 - Habilitações Literárias	2.º ano/1.º Ciclo	11.º ano	12.º ano	Licenciatura	12.º ano	3.º ano-Ensino Primário
P.6 - Residência	Vila Mou	Seara	Seara	Seara	Seara	Seara

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Com a análise da tabela 5 podemos ver que grupo de marchantes/participantes entrevistados, na freguesia da Seara, são, no total, seis indivíduos. Equitativamente, temos três elementos do sexo masculino e três do sexo feminino (pergunta 1).

A amostra é caracterizada por pessoas de idades diferenciadas, o mais novo tem apenas oito anos e o elemento com mais idade, conta com sessenta e três anos (pergunta 2).

Dois entrevistados são estudantes, por sinal os elementos mais novos; outros três trabalham por conta de outrem, e um elemento dedica-se a trabalhos domésticos (pergunta 3).

Todos têm nacionalidade portuguesa, ainda que a naturalidade varie entre os concelhos de Viana do Castelo e Ponte de Lima, e um elemento, é natural do Brasil (pergunta 4).

Relativamente, às habilitações literárias, dois elementos concluem o ensino secundário até ao 12.º ano, um elemento tem uma Licenciatura, um outro elemento completa o 11.º ano, um outro tem o 2.º ano, do 1.º Ciclo e por fim, um elemento conclui o 3.º ano, do Ensino Primário (pergunta 5).

Maioritariamente, os entrevistados são residentes na freguesia da Seara, no concelho de Ponte de Lima; apenas um reside fora, na freguesia de Vila Mou, concelho de Viana do Castelo (pergunta 6).

5.2 - Relação com a marcha da Seara - participantes/marchantes da Seara

Tabela 6 - Relação dos marchantes/participantes com a marcha da Seara

Categoria	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4	E. 5	E. 6
Relação com a marcha						
Subcategorias						
P.7 - Descrição das marchas	Uma grande diversão	Momento de alegria entre toda a gente	Uma das melhores atividades da freguesia, une e mexe com a freguesia	Trabalho feito com muita dedicação e empenho	Divertidas e há boa disposição	Passatempo, convívio e divertimento
P.8 - Incentivo a outros	Atividade divertida e engraçada	Desfile giro e é um convívio entre as pessoas	É divertido, conhecemos outras pessoas, passamos bons momentos, é diversão	Representa a freguesia, é um convívio, enriquecimento pessoal	Orgulho em representar a minha freguesia	São algo engraçado para toda a gente participar
P.9- Desfila pelo bairro ou freguesia	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
P.10/11 - Inscrição e acesso	Ficha de inscrição/Direção ou página de Facebook	Identificação pessoal/Direção ou página do Facebook	Ficha de inscrição, cartazes de divulgação no comércio local, publicidade na sede, fala-se com a população, redes sociais	Ficha de inscrição cartazes, Direção, redes sociais, fala-se com as pessoas	De forma voluntária/direção ou grupo criado no Facebook	Ficha de inscrição/nos convívios, Direção
P.12 - Rivalidade	Há, entre os mais velhos	Não há	Há uma pequena, mas saudável	Não há, trata-se de um desfile, não há concurso	A rivalidade existe e é transversal a todas as idades, mas é motivadora	Há pequenas rivalidades, mas na brincadeira

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Os participantes na marcha da Seara, conforme nos indica a tabela 6, revelam conhecimento sobre a atividade. Retratam as marchas populares como um momento de diversão, de alegria e de convívio entre pessoas de diferentes gerações. Consideram que é a melhor atividade da freguesia; é a altura em que todos se unem e há agitação na Seara. De realçar que, uma das entrevistadas salienta que é um trabalho com empenho e dedicação, não apenas o momento do desfile, mas durante todos os meses de preparação. Encara a sua participação como algo responsável, valoriza o tempo que disponibiliza durante vários meses e a dedicação às marchas, sem receber nada em troca, a não ser a satisfação e o orgulho (pergunta 7).

Para incentivar outras pessoas a participar na atividade, os entrevistados, apontam alguns fatores como: a graça, o convívio e o divertimento. Uma entrevistada refere o enriquecimento pessoal, e um outro entrevistado, o orgulho em representar a sua freguesia (pergunta 8).

Quanto à questão se desfilam ou participam pelo seu bairro, ou freguesia, cinco referem que sim, apenas um entrevistado refere que não (pergunta 9).

Na subcategoria que os questiona sobre a inscrição nas marchas e de como é possível o acesso, todos mostram conhecimento e apontam a facilidade e acessibilidade a todos os interessados. Mantém-se o meio mais tradicional de divulgar a atividade das marchas, na freguesia, com cartazes colocados no comércio local; assim como à porta da sede da Associação. Mas, também, se modernizam e divulgam nas redes sociais, em particular na página de Facebook, *Sementes Anónimas- Associação Recreativa das Marchas da Seara* (pergunta 10 e 11).

Finalizando esta categoria da relação dos marchantes com a atividade, na subcategoria que questiona sobre se há ou não rivalidade, nas marchas populares, apenas duas pessoas referem que não existe. Outros quatro entrevistados, referem que existe, ainda que pequena. Afirmam que se faz de forma saudável, por brincadeira e para servir de motivação (pergunta 12). Todos retratam que querem que a sua marcha seja sempre a melhor; ficam orgulhosos e com mais vaidade.

5.3 - Motivações dos participantes da marcha da Seara

Tabela 7 - Motivações dos marchantes/participantes da marcha da Seara

Categoria	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4	E. 5	E. 6
Motivações para participar						
Subcategorias						
P.13 - Qual a motivação	Gosto de ouvir música e dançar, é divertido	Promover a minha freguesia	Amor pela marcha, a equipa que se forma	Gosto pela dança e colaboração na atividade	Orgulho em participar, boa disposição e gosto das coreografias	Faz-me bem, alivia a alma
P.14 - Família/amigo	Com amigos, a minha mãe é a coreógrafa	Com amigos, já participei com os pais, tios e avós	Com a mãe e amigas	Com a mãe	Com a filha	Com a filha e outros familiares, e amigos
P.15 - Como começou	A minha mãe levou-me	Desde o início, era novidade	Algo novo, uma brincadeira, passou a vício	Gosto pela dança e representação da freguesia	Levado por um amigo	Foi uma brincadeira e gostei
P.16 - Lugar/papel que desempenha na marcha	Sim	Sim	Não	Sim, porta-bandeira, lugar importante para a marcha	Não	Não
P.17 - Tempo disponibilizado- O atual/se fosse mais	Sim	Sim	Sim	Sim	O tempo que disponibilizamos para a marcha faz diferença no dia a dia	Sim
P.18 - Anos que participa	Há 3 anos	Há 11 anos, desde o início	Há 12 anos, desde o início	Há 7 anos	Há 9 anos	Sempre fui marchante, há 11 anos
P.19 - Continuar na atividade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim, enquanto for possível	Sim
P.20 - Gostaria de ver uma marcha no seu bairro/freguesia	Sim	Sim	Sim	Não responde	Não responde	Não responde

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Relativamente às motivações que os participantes encontram para que, ano após ano, continuem a colaborar nas marchas populares da Seara, as opiniões são diferentes como é possível observar na tabela 7. Três entrevistados mencionam as áreas artísticas pelas quais têm interesse, a música e a dança (coreografia). Sugerem, também, como motivação a diversão, a boa disposição, o sair das rotinas diárias, a promoção da sua localidade, através desta atividade, assim como o orgulho em participar e representar uma atividade da freguesia (pergunta 13).

Dos indivíduos entrevistados todos indicam que participam nas marchas com familiares diretos, como mães e filhos, ou com amigos (pergunta 14).

Encetaram a sua participação por iniciativa de familiares ou amigos que os levaram, ou os convidaram. De destacar que, dois entrevistados interpretam a questão de uma outra forma, referido ser por brincadeira e por ser uma novidade. Uma entrevistada assinala que a representação da freguesia e a dança é o que a leva a colaborar (pergunta 15).

Três indivíduos mencionam que o lugar ou papel que, habitualmente, ocupam ou desempenham na marcha conta na decisão de participar. Outros três elementos expõem que esse lugar ou papel não é importante e decisivo para a sua participação (pergunta 16).

Os entrevistados referem que o tempo disponibilizado, nesta atividade, conta para a sua participação; todos fazem sacrifícios, em especial quando a realização da atividade está próxima, todos se unem e com a força e disponibilidade de todos, é possível a sua realização (pergunta 17).

Metade dos entrevistados participa e desfila na marcha desde que se iniciou com este grupo, há onze anos, ainda que uma entrevistada faz confusão entre o ano de organização, com o ano do desfile (pergunta 18). Os restantes marchantes, desfilam na marcha há três, sete e nove anos, respetivamente.

Quanto à sua intenção de continuar a participar, todos aludem que pretendem continuar até que seja possível (pergunta 19).

Por último, quando se questionam os entrevistados, sobre a possibilidade de o seu bairro, ou freguesia não ter uma marcha, se gostavam de ver isso a acontecer; três dizem que sim, ainda que só um não reside na Seara. Os outros dois, já têm uma marcha na freguesia não tendo entendido a pergunta com a intenção com que ela foi feita. Só três indivíduos, que habitam na Seara e já têm uma marcha na freguesia, optam por não responder a esta questão.

5.4 - Promoção da cultura popular e identidade - participantes/marchantes (freguesia da Seara)

Tabela 8 - Promoção da cultura popular e identidade no grupo dos marchantes/participantes (Seara)

Categorias	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4	E. 5	E. 6
P.21 - Promoção da cultura popular e identidade	Sim, estamos a manter uma tradição	Sim, porque se deve manter a tradição	Sim, é a essência da união do povo. É algo que não é só nosso, quem quiser pode participar	Sim, promovem a cultura popular e identidade de um povo. As marchas fazem parte desta cultura, desde há anos fazem parte da história portuguesa, representam-se tradições das freguesias	Sim, é uma tradição antiga na nossa freguesia. Há continuidade nas gerações seguintes	Sim, é uma tradição que faz parte do povo e não se deviam deixar acabar

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Quanto às marchas populares como uma atividade que promove a cultura popular e a identidade de um povo (tabela 8), os entrevistados concordam; cinco deles fazem referência às tradições, a uma representação das tradições do povo, que deve ter continuidade nas gerações mais novas (pergunta 21).

5.5 - Contributo para a valorização do património - participantes/marchantes (freguesia da Seara)

Tabela 9 - Contributo para a valorização do património no grupo dos marchantes/participantes (Seara)

Categorias	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4	E. 5	E. 6
P.22 - Contributo para a valorização do património	Sim	Sim	Sim, é uma demonstração do que é português, união, alegria e cultura	Sim, porque são uma representação da cultura e tradição do povo português, deve ser preservado	Todas as tradições valorizam o património português	Sim, faz parte da nossa cultura

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Os indivíduos que fazem parte da amostra dos participantes, evidenciam que a atividade das marchas populares contribui para a valorização do património português (tabela 9), sublinhando que é algo que faz parte da “nossa” cultura (pergunta 22).

5.6 - Contributo para o turismo - participantes/marchantes (freguesia da Seara)

Tabela 10 - Contributo para o desenvolvimento do turismo no grupo dos marchantes/ participantes (Seara)

Categorias	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4	E. 5	E. 6
P.23 - Contributo para o turismo	Sim, porque é atraente	Sim, são poucas as freguesias que o fazem. A freguesia apesar de pequena consegue fazer uma marcha. A freguesia fica conhecida	Sim, as marchas são sinónimo de festa, alegria e animação, com mais movimentação e população	Sim, as pessoas deslocam-se mais à nossa freguesia, gostam de ver e valorizam as marchas	Sim, muita gente, quer seja na festa de S. Pedro ou na semana da Seara	Sim, porque são engraçadas

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Finalmente, concordam que aumenta o número de pessoas que visita a freguesia; o público valoriza a atividade e a animação, como se verifica na tabela 10. Na atualidade, são poucas as freguesias do concelho que as fazem (em 2019, apenas três), há um momento de festa e de alegria; as pessoas saem à rua, há mais gente e mais movimento nas ruas.

A análise continua com a categorização das entrevistas realizadas aos marchantes/participantes na freguesia de Monserrate (bairro da Ribeira).

5.7 - Perfil sociodemográfico - participantes/marchantes do bairro da Ribeira

Tabela 11 - Perfil sociodemográfico dos marchantes/participantes do bairro da Ribeira

Categorias	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4
Perfil sociodemográfico do Marchante				
Subcategorias				
P.1 - Idade	16 anos	89 anos	53 anos	49 anos
P.2 - Género	F	F	F	F
P.3 - Atividade profissional	Estudante	Reformada	Empregada doméstica	Auxiliar de Ação Educativa
P.4 - Naturalidade/Nacionalidade	Monserrate- Viana do Castelo, portuguesa	Ponte de Lima-portuguesa	Monserrate-portuguesa	Monserrate-portuguesa
P.5 - Habilitações Literárias	10.º ano	4.º ano, do Ensino Primário	9.º ano	9.º ano
P.6 - Residência	Ribeira-Monserrate-Viana do Castelo	Monserrate (bairro da Ribeira), Viana do Castelo	Monserrate (bairro da Ribeira), Viana do Castelo	Meadela-Viana do Castelo

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Na tabela 11 constatámos que as quatro marchantes do bairro da Ribeira, freguesia de Monserrate, apresentam gerações diferentes, desde a mais nova com dezasseis anos e a mais idosa, com oitenta e nove anos (pergunta 1 e 2).

As profissões de cada uma revelam uma maior ou menor atividade; a mais nova, ainda estuda, a entrevistada de quarenta e nove anos, é auxiliar de ação educativa, hoje denominados como assistente operacional, a senhora de cinquenta e três anos, mantém a sua atividade laboral como empregada doméstica em casa de outrem. A entrevistada mais idosa, não mantém uma atividade laboral, está aposentada depois de uma vida dura a “servir” desde jovem (empregada doméstica). Acrescenta no desenrolar da sua entrevista que foi uma ajuda para o marido, pescador de terra e de mar (pergunta 3).

Três das entrevistadas são naturais da freguesia de Monserrate, mais propriamente do bairro da Ribeira; apenas uma nasce no concelho de Ponte de Lima, mas cedo vai viver e trabalhar para Monserrate. Ali faz a sua vida até hoje. Todas são de nacionalidade portuguesa (pergunta 4).

Tendo em conta os tempos, os modos e condições de vida de cada uma, a senhora com mais idade, apenas consegue realizar os seus estudos até ao 4.º ano, antigo Ensino Primário, logo de seguida vai trabalhar como empregada doméstica. A entrevistada com cinquenta e três anos, relata que primeiro completou os estudos até ao 7.º ano e, mais tarde, com o programa das novas oportunidades completa o ciclo até ao 9.º ano (pergunta 5). A senhora de quarenta e nove anos de idade, leva os seus estudos académicos até ao 9.º ano e a entrevistada mais jovem tem já o 10.º ano completo.

Presentemente, todas se conhecem, porque além de participarem na marcha, três são residentes na freguesia de Monserrate, especificamente no bairro da Ribeira, enquanto que apenas uma refere que o seu dormitório passou a ser na freguesia da Meadela (pergunta 6).

5.8 - Relação com a marcha do bairro da Ribeira - participantes/marchantes (freguesia de Monserrate)

Tabela 12 - Relação dos marchantes/participantes com a marcha do bairro da Ribeira

Categoria	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4
Relação com a marcha				
Subcategorias				
P.7 - Descrição das marchas	Atividade estimulante, permite a interação entre gerações e não deixa que a tradição caia no esquecimento.	É uma vaidade sair à rua com a marcha. É um convívio, uma alegria, um divertimento.	É uma atividade importante para quem gosta, para nós que somos ferranhos. É um convívio.	Uma tradição muito antiga e bonita que não quero ver acabar.
P.8 - Incentivo a outros	Ótima experiência de convívio, onde se criam laços de amizade.	Está difícil, os jovens não querem, têm outros interesses. Vêm algumas pessoas de outras freguesias porque têm gosto pela atividade.	Há alegria, gostamos do convívio, somos amigas e gostamos de manter a tradição.	É um orgulho representar a Ribeira com as marchas. Como as marchas fazem parte da nossa cultura não devem acabar.
P.9 - Desfila pelo bairro ou freguesia	Sim, pela minha Ribeira (Monserrate).	Sim, sempre pela Ribeira como cantadeira.	Sim, sempre pela Ribeira.	Sim, onde nasci e morei, onde tenho as minhas raízes.
P.10/11 - Inscrição e acesso	Simple. Falar com algum participante ou ensaiadora. Um simples telefonema e depois ir aos ensaios.	A mim telefonam-me, já nem preciso de me inscrever. Já ando há muito tempo. Mas podem falar com a Junta de Freguesia ou alguma das pessoas que já são participantes.	A mim já só me telefonam a dizer que vai haver uma reunião na Junta, quem quer ir e quem pode aparece. Quem quiser ir pode ir à Junta, falar com algum participante e ver os cartazes espalhados.	A mim telefonam, porque já é habitual participar. Mas qualquer pessoa pode ir à Junta de Freguesia e dar o nome.
P.12 - Rivalidade	Sim, mas saudável. Dá uma certa “pica” e é mais visível nas pessoas mais velhas.	Havia entre a Ribeira, bairro jardim e rua da Bandeira. Todos queriam que a sua marcha fosse a melhor. No final tudo ficava bem.	Entre marchas havia, antigamente. Agora é entre nós, para ver quem vai melhor vestida, temos muita chieira.	Atualmente não acontece, dado o reduzido número de marchas.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

A atividade da marcha é descrita pelas participantes da Ribeira como uma atividade estimulante, de convívio e alegria onde várias gerações se relacionam e interagem, como está assinalado na tabela 12. Para os habitantes do bairro, há um sentido de pertença onde dão o seu contributo, sentem-se felizes e não querem que a tradição desapareça (pergunta 7).

Incentivar os jovens a participar nesta atividade, não é tarefa fácil como apontam as duas entrevistadas com mais idade. Realçam que, nesta atividade, há o convívio, há o espírito de amizade e se mantém uma tradição. É essa a mensagem que podem passar, participar nesta atividade é um orgulho, as marchas fazem parte da tradição, por isso, é cultura e não se deve querer que acabe. (pergunta 8).

As entrevistadas participam e sempre participaram só nesta marcha, na marcha da Ribeira. Uma das entrevistadas fez vários anos de interrupção, após a sua juventude e enquanto era moradora no bairro, tendo regressado há cinco anos, uma vez que via a marcha a ficar cada vez com menos participantes. Consegue hoje levar dois filhos do sexo masculino para a marcha, com quinze e com dezoito anos. Mas como refere com muito esforço da sua parte, com persuasão e negociação (pergunta 9).

Em relação à inscrição e ao acesso à atividade, o elemento feminino mais novo considera algo fácil, apontando meios como o falar ou contactar a Junta de Freguesia de Monserrate, a ensaiadora ou qualquer uma das pessoas que já sabem e que participam, habitualmente (perguntas 10 e 11). As outras três senhoras confirmam estas soluções, assim como a Junta faz a divulgação através de cartazes. Como são participantes habituais, a Junta de Freguesia faz-lhes um telefonema a comunicar a data e horário da primeira reunião.

Quanto à rivalidade nas marchas, as opiniões são diversificadas. A marchante mais nova refere que existe alguma rivalidade, dando uma certa “pica” (um estímulo) aos participantes. As outras duas senhoras, com mais experiência na atividade, afirmam já ter visto essa rivalidade, no passado, quando mais marchas da cidade participavam. No final, da exibição, ficava tudo bem entre todos. Presentemente, há alguma rivalidade entre as participantes da mesma marcha, porque cada uma quer exhibir a melhor apresentação,

com as suas roupas; a blusa às flores, o lenço cachené aos ombros, o seu avental em bordado Recheleu e as suas socas de verniz. Uma das entrevistadas aponta que não há rivalidades, já que o número de marchas que exhibe a sua atividade é muito reduzido e não atuam na mesma data (pergunta 12).

5.9 - Motivações dos participantes da marcha do bairro da Ribeira

Tabela 13 - Motivações dos marchantes/participantes da marcha do bairro da Ribeira

Categoria	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4
Motivações para participar				
Subcategorias				
P.13 - Qual a motivação	Desde pequena me levaram, os ensaios e convívio, a sensação de estar em palco, agrada-me. Manter viva uma tradição.	O convívio nos ensaios e no dia do desfile.	A diversão, ou convívio. É algo que é nosso e não devemos deixar acabar.	Participava em jovem com raparigas e rapazes e éramos mais de uma dezena. Voltei há 5 anos, porque vejo pouca participação nas marchas e não quero que acabem.
P.14 - Família/amigo	Com a mãe e madrinha.	Com uma filha e amigas.	Hoje só com a minha mãe.	Pessoas amigas e levo os meus dois filhos com muito esforço.
P.15 - Como começou	Com a mãe que pedia para participar.	Foi uma senhora amiga.	Com a mãe, porque lhe disse que não havia cantadeiras.	Na minha juventude a tradição mantinha-se.
P.16 - Lugar/papel que desempenha na marcha	Não importa o lugar onde vou. Interessa-me participar.	Sim, só gosto de cantar. Não gosto, nem nunca quis andar lá aos ziguezagues.	Antes sim, porque só queria cantar. A partir deste ano experimentei como marchante e gostei, posso ir em qualquer lado.	Não.

Categoria	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4
Motivações para participar				
Subcategorias				
P.17 - Tempo disponibilizado - O atual/se fosse mais	Não é um fator decisivo. Participava na mesma se fosse mais tempo.	Eu vou sempre, mas antes ensaiávamos por mais tempo. Agora é muito pouco tempo devido à disponibilidade das pessoas.	Eu vou sempre porque gosto, não me importava que fosse mais tempo. Até acho que devíamos ensaiar mais.	Cada vez há menos disponibilidade, se fosse mais tempo, tinha de ver os horários.
P.18 - Anos que participa	Desde que tem memória. Já foi marchante, porta bandeira, cantadeira e marchante, novamente.	Há mais de 32 anos, como cantadeira.	Há 27 anos.	Muitos anos na adolescência regressei há 5 anos.
P.19 - Continuar na atividade	Sim, enquanto puder.	Sim, até poder.	Sim.	Enquanto puder lá estarei.
P.20 - Gostaria de ver uma marcha no seu bairro/freguesia	Não responde, já existe uma marcha.	Já existe uma marcha no meu bairro.	O bairro já tem a sua marcha.	Não, só me identifico com a marcha da Ribeira. Na Meadela é onde durmo.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Os elementos femininos que permitiram esta recolha de dados, mencionam que as suas motivações para participar, anualmente na marcha, tem a ver com o convívio durante os ensaios, e o desfile, na camaradagem e alegria que transportam e tentam passar para o público, não esquecendo que mantém uma tradição popular viva, indicado na tabela 13 (pergunta 13).

Colaboram na marcha, juntas com as mães ou pessoas amigas (pergunta 14). Quem as encaminha para a participação nesta atividade são, também, familiares (pergunta 15).

Para duas entrevistadas, o lugar ou papel que desempenham ou representam na marcha, não é um ponto importante. Uma das participantes refere que, ao longo dos tempos tem sido marchante, porta-bandeira e cantadeira. Já para a entrevistada, com oitenta e nove anos, tem de ocupar sempre um lugar de cantadeira, porque sempre gostou de cantar e é isso que quer continuar a fazer. Refere que nunca gostou de realizar os ziguezagues e fazer os desenhos, como ela menciona na entrevista. O outro elemento participante, aponta que até 2018 se importa em ser sempre só e apenas cantadeira; mas em 2019, aventura-se como marchante e gosta. Por isso, daqui em diante pode vir a explorar outros papéis, ou os mesmos (pergunta 16).

Apresentam disponibilidade para continuar a participar na marcha. Arranjam tempo, porque é uma atividade que gostam de realizar (pergunta 17). Duas das participantes sugerem que devia ser mais tempo de ensaio; mas dada a pouca disponibilidade de alguns elementos que ainda participam, fazem com menos ensaios.

Quando se questionam as participantes relativamente ao número de anos em que já colaboram, são muitos (32, 27 anos e desde que “têm memória”). Nenhuma é iniciante, pelo contrário são pessoas experientes na atividade, ainda que, de gerações diferentes. Uma das entrevistadas, participou sete a oito anos na sua juventude e enquanto era moradora no bairro. Deixou de participar durante vários anos (vinte e cinco), até que há cinco anos atrás voltou. Sentiu um decréscimo nas participações e na envolvimento das pessoas, levando-a a acreditar que estava a terminar. Participa novamente e conseguiu, como muito esforço como a própria referência, levar para a marcha, dois filhos de quinze e de dezoito anos de idade (pergunta 18).

Todas pretendem continuar a participar e representar a marcha do seu bairro, mostra-se mais preocupada a entrevistada mais idosa. Como não vê os jovens a interessarem-se, teme que mais dia, menos dia tudo acabe. Com nostalgia recorda outros tempos em que eram várias marchas na cidade e em períodos com menos recursos, referindo as saudades que tem e o desejo de que nunca caíssem no esquecimento (perguntas 19 e 20).

5.10 - Promoção da cultura popular e identidade - participantes/marchantes (freguesia de Monserrate)

Tabela 14 - Promoção da cultura popular e identidade no grupo de marchantes/participantes (bairro da Ribeira)

Categories	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4
P.21 - Promoção da cultura popular e identidade	Sim. Continua-se o costume de sair para a rua e mostrar as danças, músicas, os trajes, às novas gerações.	Sim. Só me entristece que não entre mais gente para a marcha; gente mais nova. Assim ia ter a certeza que esta tradição ainda ia continuar.	Sim, e nós fazemos o nosso papel. A Junta e a Câmara deviam pegar nesta atividade e dar-lhe mais importância, incentivando mais os jovens.	Sim. São as nossas roupas, as músicas e a coroação de S. Pedro que nos identificam.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

As entrevistadas identificam as marchas como uma atividade que promove a cultura popular e a identidade de um povo (tabela 14). Dão continuidade a esta atividade para promovê-la, junto da comunidade local e de quem a possa desconhecer, em especial os jovens. Consideram que desempenham o seu papel, oferecendo-se ano após ano, para divulgar o traje típico de varinas e pescadores, a música, a dança e o ritual da coroação de S. Pedro. Para quem já tem mais idade, pensar no futuro traz alguma angústia, dado que se vê que as participações têm vindo a diminuir, o que leva as pessoas a pensar na possível extinção da atividade. Por outro lado, há falta de entendimento face ao término do Encontro de Marchas Populares, que se realizava na cidade de Viana do Castelo, por altura dos Santos Populares. Apontam a desvalorização da atividade por parte de entidades competentes (pergunta 21).

5.11- Contributo para a valorização do património - participantes/marchantes (freguesia de Monserrate)

Tabela 15 - Contributo para a valorização do património no grupo de marchantes/participantes (bairro da Ribeira)

Categories	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4
P.22 - Contributo para a valorização do património	Sem dúvida. Em cidades mais pequenas valorizam-se o património não esquecendo a tradição das marchas.	Sim, as devíamos ter mais divulgação e mais apresentações. Assim é só uma ou duas vezes no ano e só naquele mês. Os ranchos também andam sempre de um lado para o outro.	Sim. E se não fossemos nós e a escola de música Zé Pedro não havia nada. Se eles não nos convidam só temos a possibilidade de mostrar isto uma única vez.	Sim, é uma tradição nossa, por isso, é cultura sim.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

As marchantes/participantes do bairro da Ribeira, indicam que as marchas e a sua divulgação, desempenham uma função importante na valorização do património local e do país, fazendo referência à tradição das Marchas Populares de Lisboa (tabela 15).

A entrevistada mais jovem acha que, o facto de Viana, uma cidade mais pequena que outros grandes centros, como a capital, faz por não esquecer a tradição cultural das marchas. Muito fazem as pessoas do bairro da Ribeira, cada vez menos a participar (uns vão morar para outras freguesias, concelhos, distritos, outros são idosos, outros já morreram), para não deixar esta atividade cair no esquecimento. As duas participantes com muito mais experiência, voltam a referir a pouca divulgação da atividade, o pouco tempo de apresentação da marcha; podendo ser um dos fatores a contribuir para uma menor divulgação da atividade e, por isso, menor captação de participantes e público. A pessoa com mais idade, alude e compara a “vida” de um rancho folclórico, que anda daqui para acolá, com apresentações durante o ano e em vários locais, considerando que o mesmo devia acontecer com as marchas.

Uma outra entrevistada foca-se, em apenas, duas atuações que a marcha tem. Uma no âmbito das Jornadas Populares da freguesia de Monserrate, a 28 de junho, com a coroação de S. Pedro, a outra, no intercâmbio com a escola de Música e Associação Maestro Zé Pedro, no primeiro fim de semana de julho (pergunta 22).

5.12 - Contributo para o turismo - participantes/marchantes (freguesia de Monserrate)

Tabela 16 - Contributo para o desenvolvimento do turismo no grupo de marchantes / participantes (bairro da Ribeira)

Categorias	E. 1	E. 2	E. 3	E. 4
P.23 - Contributo para o turismo	Como em qualquer festividade, as pessoas saem à rua para se divertirem e lembrarem as tradições.	Sim, aparece muita gente no largo S. Domingos. E pelas ruas até chegarmos aqui, também.	Não muita. Quem aparece são os familiares dos participantes e depois é mais as pessoas que naquela altura do ano andam na rua, está calor; muitos acabam por nos ver.	Hoje em dia, nem por isso. É pouco divulgado.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

As opiniões divergem quando questionadas sobre o contributo das marchas para o desenvolvimento do turismo (tabela 16). Duas das entrevistadas, a mais jovem e a mais idosa, vem mais gente na rua, nesse dia de apresentação da marcha; enquanto que as outras duas entrevistadas não acham o mesmo. A participante de cinquenta e três anos, expõe que as condições meteorológicas e as temperaturas estão mais agradáveis; o que faz com que as pessoas andem na rua a passear um pouco e, são surpreendidas com a atuação da marcha. Maioritariamente quem os acompanha, e aparece no Largo de S.

Domingos, aquando da coroação do Santo, são os familiares dos participantes, ou poucos habitantes do bairro da Ribeira que ainda se podem deslocar.

De seguida, prosseguimos com o estudo da categorização das entrevistas realizadas com entidades, Junta de Freguesia, Associações, organização das Marchas Populares, na freguesia da Seara

Tabela 17 - Categorização das entrevistas a entidades da Seara, do bairro da Ribeira (Juntas de Freguesia, Associações Locais, Organização das marchas) e público

Categorias	Nº da pergunta
Perfil sociodemográfico	1,2,3,4,5
Opinião sobre a Marcha	6,7,8
Planeamento e concretização da Marcha	9, 10, 11, 12, 13,14
Promoção da cultura popular	15
Contributo para a valorização do património	16
Contributo para o turismo	17

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

5.13 - Perfil sociodemográfico de elementos integrados em entidades da freguesia da Seara

Tabela 18 - Perfil sociodemográfico de elementos integrados em entidades, freguesia da Seara

Categorias	E. A	E. B	E. C	E. D	E. E
Perfil sociodemográfico					
Subcategorias					
P.1 - Idade	36	36	58	63	38
P.2 - Género	F	M	M	M	M
P.3 - Atividade profissional	Professora de Música	Professor de Geografia	Militar da GNR- Reserva	Operário da Construção Civil	Empregado fabril
P.4 - Naturalidade/ Nacionalidade	Ponte de Lima- portuguesa	Seara- Ponte de Lima-portuguesa	Vila de Punhe- Viana do Castelo- portuguesa	Ponte de Lima- portuguesa	Seara- Ponte de Lima- portuguesa
P.5 - Habilitações Literárias	Licenciatura	Licenciatura	9.º ano	4.º ano, do Ensino Primário	12.ºano

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Consultando a tabela 18 reconhecemos, facilmente, que os indivíduos entrevistados têm idades compreendidas entre os trinta e seis anos e os sessenta e três anos, maioritariamente quatro são do sexo masculino e um é do sexo feminino (pergunta 1 e 2).

Quanto à atividade profissional, dois são docentes, um é aposentado da GNR, um é operário da construção civil e um é empregado fabril (pergunta 3).

Na generalidade, são naturais de Ponte de Lima, apenas um indivíduo é natural da freguesia de Vila de Punhe, concelho de Viana do Castelo, mas todos têm nacionalidade portuguesa (pergunta 4).

Quanto às habilitações literárias, dois indivíduos possuem o grau de licenciatura, um completou estudos até ao 12.º ano, outro indivíduo até ao 9.º ano e o indivíduo com mais idade, concluiu o 4.º ano, do Ensino Primário.

5.14 - Opinião de elementos integrados em entidades da freguesia da Seara, sobre a marcha da Seara

Tabela 19 - Opinião sobre a marcha da Seara, de elementos integrados em entidades locais

Categoria	E. A	E. B	E. C	E. D	E. E
Opinião sobre a marcha					
Subcategorias					
P.6 - O que pensa da marcha	Tradição importante; há cumplicidade entre os participantes; União, envolvimento; é gratificante.	Trabalho sustentado, pela imagem da freguesia; a disponibilidade dos participantes; participam os mais velhos, os mais novos e pessoas de outras freguesias.	Expressão de cultura popular; com cenários do quotidiano, procuram transmitir uma mensagem: há sacrifícios dos participantes para acompanhar todas as fases.	As marchas vieram dar alegria às pessoas e à freguesia.	Algo importante, dinamiza a população e a coletividade.
P.7 - Participação dos jovens/motivação	Um número razoável de jovens, mantem a tradição viva, revelam interesse pela música, dança e pelo que se faz na freguesia.	Participam várias gerações, jovens também, passa nas famílias este gosto. Estabelecem uma ligação com a freguesia.	Alguns jovens participam. Gostam de música, dança, do convívio; pela alegria de representar a freguesia.	Sim, participam, seguindo os pais, outros familiares e amigos. É um divertimento.	Já participaram mais. O associativismo deles nunca foi apoiado e eles afastaram-se.
P.8 - Semelhanças/Diferenças nas marchas do passado/presente	Sim. O espírito e a tradição mantem-se; modernizam nas cores e brilhos do adereços, roupas, arcos.	Sim. Há inovação e profissionalismo. Há inovação nos temas e nas músicas. Modernizam-se com o tempo do presente e pensam no futuro.	Sim. Há sofisticação nos trajes, do que vejo de há 5 anos para cá.	Sim. Procuramos seguir a ideia dos antepassados, mas depois evoluímos nas roupas, nos adereços.	Sim, em especial nos materiais. Os arcos eram muito pesados e de difícil equilíbrio, mudaram para esferovite.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Sobre as opiniões que os elementos de várias entidades têm sobre as marchas da Seara, as respostas indicam variações distintas, mas com significado (tabela 19). Há entrevistados a enfatizar o aspeto de ser uma manifestação de cultura popular, onde se expressam cenários que fazem parte do quotidiano e que visam transmitir uma mensagem; é considerado um trabalho sustentado pela imagem da freguesia; é uma tradição que mobiliza pessoas da Seara como de outras freguesias vizinhas; os participantes de diferentes idades revelam cumplicidade, união e agrado pela sua participação; há dinamismo da população e de uma coletividade local (pergunta 6).

A motivação, ou motivações que levam os jovens a participar, são apontadas como a influência dos pais, outros familiares e amigos; o quererem manter a tradição e a ligação com a freguesia; por ser um divertimento, ou porque gostam de música e dança. Um dos entrevistados aponta que os jovens já participaram mais na atividade, mas que o seu afastamento, provavelmente, tem a ver com a falta de reconhecimento ou valorização do seu sentido de associativismo (pergunta 7).

Em relação à subcategoria que os questiona sobre semelhanças e diferenças encontradas na marcha da Seara, todos os entrevistados, deste grupo, indicam que há diferenças. Consideram que há evolução, constatando inovações nos brilhos, roupas, adereços, materiais, temas, músicas e coreografias. Procuram manter a tradição das marchas, acompanhando os tempos em que vivem (pergunta 8).

5.15 - Conhecimento do planeamento e concretização da marcha da Seara, elementos integrados em entidades

Tabela 20 - Conhecimento dos elementos integrados em entidades no planeamento e concretização da marcha da Seara

Categoria	E. A	E. B	E. C	E. D	E. E
Motivações para participar					
Subcategorias					
P.10 - Seleção de convidados e padrinhos da marcha	Não há critérios definidos. É uma decisão da Direção da Associação, mas é gente com importância para a marcha.	É a Direção da marcha que sabe. Não tenho conhecimento.	Em reunião de Direção. Seleccionam-se pessoas que transmitam alegria ao grupo e ao público durante os desfiles. É alguém com disponibilidade. Não têm de ser residentes na Seara, nem são figuras públicas.	São convidados pela Direção da Associação. Podem ser residentes, ou não. Nunca tivemos uma figura pública.	Não são figuras públicas. É alguém com espírito para ajudar as marchas.
P.11 - Antecedência da preparação	5 a 6 meses antes da atuação	Com a Junta desde janeiro, há reunião com as Associações locais para não haver sobreposição de atividades.	No mesmo ano do desfile, mas no mês de setembro.	Mal acaba o verão, começamos a preparar a próxima marcha.	Logo que se realiza a última saída das marchas. Uns três meses antes a construção de arcos e outros adereços.
P.12 -Estratégias para motivar à participação	É feito de forma voluntária, para quem mostrar interesse em participar.	De forma voluntária e genuína.	Convites pessoais, se as inscrições voluntárias não forem suficientes.	É tudo de forma voluntária.	De forma voluntária, ou convite.
P.13 - Tempo disponibilizado- Horários	Não, tudo é acordado segundo a disponibilidade dos participantes.	Não tem informações que lhe permitam responder.	Sim. Os ensaios são também em dias da semana, ao fim do dia, acabam tarde, de manhã uns vão trabalhar, outros vão para a escola. Em junho é pior, mês de provas e exames escolares.	Sim, por vezes.	Sim. É um bem precioso do qual as pessoas não querem prescindir. Adaptam-se os horários à disponibilidade dos participantes.

Categoria	E. A	E. B	E. C	E. D	E. E
Motivações para participar					
Subcategorias					
P.14 - A rivalidade entre marchas	Já foi mais notada. E era mais com os mais velhos.	Não há, cada marcha tem a sua particularidade.	Há alguma, mas não se manifesta. Cada marcha tenta não copiar nada das outras.	Não, embora queremos fazer sempre melhor. Nem sempre os conseguimos, mas temos uma ótima amizade com as restantes marchas.	É visível essa rivalidade, o que tem levado ao desaparecimento de várias marchas. A exuberância que algumas espelham não foi possível aguentar.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Questionados sobre a atual participação de jovens na marcha da Seara (pergunta 9), as opiniões são díspares. Dois dos entrevistados dizem que é menor, outro refere que há momentos com mais, outros com menos participação de jovens, os “altos e baixos” que indica. Um outro entrevistado diz que o número se tem conseguido manter e, por último, há um elemento que refere dois grupos etários onde se vê menor participação (18 a 20 anos), e um grupo onde tem havido um acréscimo de participantes (dos 8 aos 10 anos).

Quanto à seleção e convite aos padrinhos da marcha, mostram ter conhecimento de como se processam as escolhas. Tudo parte de um convite feito pela Direção da Associação das Marchas, que convida uma mulher e um homem que revelem disponibilidade, podendo ser ou não residentes da Seara, mas que representem alegria e a transmitam ao público no dia da apresentação. Têm a sua importância para a marcha, mas nunca são figuras públicas (pergunta 10).

Três dos entrevistados mencionam que a preparação da marcha seguinte, inicia-se por altura de finais do verão, outros dois falam cinco a seis meses antes do desfile que se realiza em junho (pergunta 11).

Relativamente às motivações que podem levar as pessoas a participar, os quatro indivíduos têm conhecimento que é voluntariamente, que as pessoas se propõem.

Algumas delas já conhecem à Associação, ou algum elemento com quem falam. Ou os próprios membros da Associação falam às pessoas, aos que já costumam participar, ou que poderão vir a participar. Sabem que no final há um jantar convívio (pergunta 12).

Os horários e o tempo disponibilizado para ensaios e construção de adereços não é, do conhecimento de todos os entrevistados. Um dos entrevistados aponta que este fator não pode ser algo que interfere na participação dos marchantes, porque os horários e dias são acordados conforme as suas disponibilidades, inclusive há alturas em que se fazem ensaios de grupos em separado. Três elementos destas entidades entrevistadas, considera que os horários e dias interferem na participação das pessoas. Um dos indivíduos refere que as pessoas têm dificuldade em disponibilizar e prescindir do seu tempo de lazer. Os ensaios ocorrem em dias da semana, à noite depois de um dia de trabalho ou de escola, por vezes acabam tarde e implicam alguns momentos do fim de semana. No entanto são sempre acordados entre a Direção e os participantes (pergunta 13).

As rivalidades entre marchas não se verificam para dois dos entrevistados, um deles refere que isso acontecia com os mais velhos e outros dois elementos apontam que existe alguma, ainda que não se manifeste para o exterior, porque querem levar a melhor marcha. Um dos indivíduos diz que essa rivalidade entre as marchas é visível, o que tem originado a extinção de algumas, pois começaram a mostrar grande exuberância e não foi possível aguentar (pergunta 14).

5.16 - Promoção da cultura popular (freguesia da Seara), elementos integrados em entidades

Tabela 21 - Promoção da cultura popular e identidade, marcha da Seara (elementos integrados em entidades)

Categorias	E. A	E. B	E. C	E. D	E. E
P.15 - Promoção da cultura popular e identidade	Sim. A cumplicidade dos participantes, a divulgação das tradições e a gratidão do público.	Sim. Projetam a identidade do povo, é uma tradição, é o manter viva em várias gerações, momentos ancestrais.	Sim. Todos os anos, uma nova música, as roupas, a coreografia vai-se manter em registos que perduram no futuro.	Sim, já que a nossa gente se envolve muito nas nossas marchas.	Sim, as marchas revivem o passado, a alegria, a música e a dança estão aliadas à tradição.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Todos são unânimes em considerar que as Marchas Populares da Seara colaboram para promover a cultura popular, localmente (tabela 21). Veem-na como uma tradição que projeta a identidade do povo, memória de antepassados, que os marchantes/participantes são cúmplices nessa divulgação, valorizada pelo público que os acompanha (pergunta 15).

5.17 - Contributo para a valorização do património (freguesia da Seara), elementos integrados em entidades

Tabela 22 - Contributo para a valorização do património, na Seara (elementos integrados em entidades)

Categories	E. A	E. B	E. C	E. D	E. E
P.16 - Valorização do património cultural	Sim. As marchas fazem parte desse património. Não podemos deixá-las desaparecer. Transmitem a música, a dança e as artes plásticas.	Sim. Guardam a memória de um povo, comunidade, freguesia. É cultura.	Sim, cada indivíduo ficará com essas memórias e que farão parte da sua formação cultural.	Sim, ficamos todos mais ricos culturalmente.	Sim. As marchas avivam o que está a ficar esquecido no tempo. Os mais velhos vão-se, e nós na apressada vida de hoje esquecemos muitas tradições.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Todos concordam com o facto desta atividade contribuir para a valorização do património (tabela 22), reconhecendo as marchas como um elemento que entra na designação de património. Com elas está associada a música, a dança e as artes plásticas. Acrescentam, também, que fazem parte de uma riqueza cultural que se desenvolve em cada um dos indivíduos; memórias que se guardam e se transmitem, não deixando que desapareçam (pergunta 16).

5.18 - Contributo para o turismo (freguesia da Seara), elementos integrados em entidades

Tabela 23 - Contributo da marcha da Seara para o turismo (elementos integrados em entidades)

Categorias	E. A	E. B	E. C	E. D	E. E
P.17 - Contributo para o turismo	Sim, é uma tradição de longa data. O público vibra com a cor e o brilho.	Sim. Temos a comunicação social local a colaborar connosco. Damos mais dignidade às marchas com as festas da freguesia.	Sim, a freguesia tem beneficiado com a visita de gente, assim como Ponte de Lima e outras localidades onde se vai.	Sim, há uma multidão de gente na rua, para ver as marchas passar.	Sim, as ruas enchem-se e há mais animação.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Os entrevistados concordam que a atividade da marcha, que se realiza anualmente, contribui para um aumento do fluxo de pessoas quer seja na vila, ou na freguesia, quando se faz a apresentação da marcha (tabela 23). Há mais gente na rua e há maior animação. Um dos elementos dá relevo à importância da comunicação social local (rádio e jornais semanais) que divulgam o antes, o durante e o depois dos desfiles. Quem não se poder deslocar, ouve em direto a transmissão do desfile, na vila de Ponte de Lima, os emigrantes podem acompanhar via internet e pelos jornais locais que recebem nos países onde se encontram (pergunta 17).

O indivíduo que responde à entrevista E, é membro de outra Associação local, na freguesia da Seara e respondeu a mais duas questões: “Como membro de outra Associação local, tem conhecimento se costumam fazer parcerias, intercâmbios ou dão alguma colaboração nas marchas populares da Seara? Em quê?” e “Gostaria que houvesse mais participação da vossa Associação com as marchas? Como poderão fazê-lo?” Relativamente à primeira destas questões, o entrevistado indica que há parcerias entre as duas Associações, até porque alguns membros são comuns às duas. Há ajuda nas instalações para que sejam realizados trabalhos ou convívios para angariação de

fundos, assim como há cedência de materiais necessários. Face à colaboração que podem vir a dar, considera, o mesmo indivíduo, que estão abertos a sugestões ou pedidos, no entanto têm vindo a participar formalmente com as marchas. Consideram-se uma Associação muito participativa, na freguesia, quer culturalmente ou desportivamente.

A observação dos dados recolhidos segue com a categorização das entrevistas realizadas com entidades, Junta de Freguesia, Associações, organização das Marchas Populares, na freguesia de Monserrate (bairro da Ribeira).

5.19 - Perfil sociodemográfico de elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate

Tabela 24 - Perfil sociodemográfico de elementos integrados em entidades locais, freguesia de Monserrate

Categorias	E. A	E. B
Perfil sociodemográfico		
Subcategorias		
P.1 - Idade	71	77
P.2 - Género	M	M
P.3 - Atividade profissional	Desenhador projetista nos estaleiros navais-aposentado	Funcionário bancário - aposentado
P.4 - Naturalidade/ Nacionalidade	Braga - portuguesa	Areosa - Viana - portuguesa
P.5 - Habilitações Literárias	Curso industrial	O equivalente ao que é hoje o 12.º ano

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Os dois indivíduos do sexo masculino que participaram nas entrevistas (tabela 24), têm idades aproximadas, um com setenta e um anos e o outro com setenta e sete (pergunta 1 e 2). Encontram-se os dois aposentados, de atividades profissionais distintas: um desenhador projetista e o outro funcionário bancário (pergunta 3). O entrevistado mais

novo é natural de Braga e o entrevistado mais velho é natural da Areosa, Viana do Castelo. Ambos confirmam a sua nacionalidade portuguesa (pergunta 4). Quanto aos estudos e dado que foram realizados noutros tempos, um confirma ter o curso industrial, o outro indivíduo aponta que tem o equivalente ao que é hoje o 12.º ano (pergunta 4).

5.20 - Categorização da opinião sobre a marcha da Ribeira, elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate

Tabela 25 - Opinião sobre a marcha da Ribeira (elementos integrados em entidades locais)

Categoria	E. A	E. B
Opinião sobre a marcha		
Subcategorias		
P.6 - O que pensa da marcha	Excelente evento para reavivar as tradições. A marcha é um convívio.	Há recetividade por parte das pessoas. No caso da Escola de música que represento, vejo jovens e pais muito interessados.
P.7 - Participação dos jovens/motivação	É difícil, têm muita oferta cultural e desportiva. São os mais velhos que participam.	Na escola como há uma função didática das marchas, os jovens ficam interessados e querem participar.
P.8 - Semelhanças/Diferenças nas marchas do passado/presente	As coisas evoluíram. Hoje temos uma banda de música que colabora connosco, as pessoas têm mais “chieira” com as roupas de varina, evoluímos nos arcos para terem mais durabilidade.	Muito. Nas roupas, nas coreografias, nos arcos e nas temáticas escolhidas para abordar. No caso da Ribeira é mantido o seu traje típico e a coroação a S. Pedro.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Sobre o que pensam sobre a marcha do bairro da Ribeira (tabela 25), o primeiro indivíduo aponta o facto de ser um momento de reavivar a memória e as tradições locais, enquanto

que, o segundo valoriza a receptividade que vê nos jovens e nos menos jovens (pergunta 6).

As duas opiniões são diferentes quanto à participação e motivação dos jovens para esta atividade. O entrevistado A é da opinião de que é difícil motivar os jovens, referindo que são os mais velhos a participar. O entrevistado B, que está ligado a uma escola de música, relata o interesse dos jovens em participar, indicando que dão a conhecer esta atividade de forma didática, procurando transmitir alguma mensagem e as tradições locais (pergunta 7).

Concordam os dois entrevistados de que as coisas evoluíram nos trajes, nas músicas e temas; ainda que, a Ribeira mantenha a intenção de mostrar os seus trajes típicos de varinas e pescadores, mais evoluídos, é certo, mas com rigor. Ao mesmo tempo, mantêm o ritual da coroação de S. Pedro (pergunta 8).

5.21 - Conhecimento sobre o planeamento e concretização da marcha da Ribeira, elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate

Tabela 26 - Conhecimento do planeamento e concretização da marcha da Ribeira (elementos integrados em entidades locais)

Categoria	E. A	E. B
Motivações para participar		
Subcategorias		
P.9 - Aumento da participação dos jovens	Não, não. Os arcos deviam levar pares mistos, levaram só raparigas.	Há menos participação. A organização de uma marcha envolve muito trabalho. As nossas tradições não estão a ser bem transmitidas e os jovens são bem motivados.
P.10 - Seleção de convidados e padrinhos da marcha	Não há padrinhos. Só homenageamos o Amadeu Costa, no seu tempo, agora uma das pessoas com mais idade, com flores.	Não há. Homenageavam pessoas como o meu pai, Maestro Zé Pedro, e a Tia Neves, e uma ou outra pessoa que colaborou na marcha. Ofereciam-lhes um ramo de flores.
P.11 - Antecedência da preparação	Um mês antes. Vamos para a rua com seis ensaios.	Leva muito tempo. Vários meses, ou se faz uma coisa bem feita, ou não se faz.
P.12 -Estratégias para motivar à participação	É pedido às pessoas para participar e, no final, há um jantar convívio oferecido pela Junta.	Explica-se aos jovens o porquê das coisas, do tema. No final da apresentação faz-se um convívio entre alunos, pais, e gente da Ribeira.
P.13-Tempo disponibilizado-Horários	São suficientes. Não é fácil juntar toda a gente, devido aos afazeres de cada um.	Pois, o mais difícil. Tanto para ensaios como para construir os adereços.
P.14-A Rivalidade entre marchas	Quando as marchas eram mais, havia, mas dentro do normal.	Em pequeno lembro-me que havia. O meu pai, o maestro Zé Pedro, fazia a música para mais do que uma marcha e houve um ano que os da rua da Bandeira não gostaram muito. Hoje não há.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Face às motivações que levam os jovens a participar ou não nas marchas (tabela 26), os dois entrevistados concordam que há menos jovens a participar, em especial jovens do sexo masculino, como refere um dos indivíduos. O entrevistado B, indica que as tradições não estão a ser bem transmitidas aos jovens, pelo que os jovens não estão bem motivados, acresce o facto de que organizar uma marcha envolve muito tempo e muito trabalho (pergunta 9).

Sobre a seleção dos convidados ou padrinhos da marcha, os dois indivíduos mencionam que no caso da marcha do bairro da Ribeira, não há, nem nunca houve. Sempre homenagearam pessoas que tinham a ver com a marcha e que deram o seu contributo, quer fosse no reavivar a memória da marcha, na execução da letra, ou da música, ou dando o seu contributo como marchante ou cantadeira, há mais de trinta anos (pergunta 10).

Em relação à antecedência de preparação da marcha, as opiniões são diferentes. O entrevistado A, afirma que ocorre apenas um mês antes e são, por isso, poucos ensaios. Há dificuldades na disponibilidade de tempo dos participantes e ensaiadora. Já o entrevistado B, considera que para se realizar uma marcha, são necessários vários meses de preparação e de muito trabalho (pergunta 11).

Quanto às estratégias que são utilizadas para que as pessoas participem, os entrevistados expõem que, no final da atividade, há sempre um lanche, ou jantar de convívio; ainda que o segundo entrevistado faça referência, também, à explicação e ao sentido que dão à realização da marcha, explicando-o a quem participa (pergunta 12).

Os horários e ensaios realizados são uma dificuldade que acresce, dada a pouca disponibilidade e compatibilidade de horários entre todos, marchantes, ensaiadores e músicos (pergunta 13).

Rivalidades entre marchas já houve, quando na cidade existiam várias. Presentemente não, porque são apenas duas, a do bairro da Ribeira e a da Escola de Música Maestro Zé Pedro (pergunta 14). As duas marchas atuais divulgam a sua atividade em dias diferentes. A marcha do bairro da Ribeira faz a coroação a S. Pedro no dia 28 de junho,

enquanto que a marcha da Escola de Música do Maestro Zé Pedro só apresenta a sua, no primeiro fim de semana de julho.

5.22 - Promoção da cultura popular e identidade do bairro da Ribeira, elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate

Tabela 27 - Promoção da cultura popular e identidade do bairro da Ribeira (elementos integrados em entidades)

Categorias	E. A	E. B
P.15 - Promoção da cultura popular e identidade	Não há dúvida. É o reviver das tradições que os antepassados deixaram. Os jovens têm oportunidade de ver.	Ao escolher um tema, estamos a relatar a nossa história desde o campo, serra, o mar...estamos a promover a nossa cultura.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Os dois indivíduos entrevistados concertam opiniões sobre a marcha como uma atividade que promove a cultura popular e a identidade do povo (tabela 27). Com as marchas passam-se mensagens com temas da história local e revivem-se tradições que antepassados nos legaram, promovendo a cultura (pergunta 15).

5.23 - Contributo para a valorização do património do bairro da Ribeira, elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate

Tabela 28 - Contributo para a valorização do património do bairro da Ribeira (elementos integrados em entidades)

Categorias	E. A	E. B
P.16 - Valorização do património cultural	Nos grandes centros são mais. Para além do público que se interessa pela coroação, a comunicação social local não lhe dá relevância.	Sim, algumas sim. Quando fazem sentido, quando ensinam algo e há diversão.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Os elementos que colaboram, possibilitando a entrevista, sugerem opiniões um pouco diferentes (tabela 28). O primeiro indivíduo considera que, localmente, não é feita a valorização devida como noutros locais, nomeadamente, os grandes centros que já têm muita história na organização e apresentação de marchas. Indica mesmo a comunicação local com pouco interesse na divulgação da atividade. O que vê a ser mais valorizado pelo público, como uma tradição, é o ritual da coroação de S. Pedro, junto ao pórtico da igreja de S. Domingos. O segundo indivíduo, afirma que algumas marchas são, devidamente, valorizadas como património cultural local, porque ensinam algo, transmitem mensagens pedagógicas e há diversão (pergunta 16).

5.24 - Contributo para o turismo do bairro da Ribeira, elementos integrados em entidades da freguesia de Monserrate

Tabela 29 - Contributo da marcha da Ribeira para o desenvolvimento do turismo (elementos de entidades)

Categorias	E. A	E. B
P.17 - Contributo para o turismo	Pouco. Para além do momento da coroação, muito pouco. Quando havia os encontros das Marchas Populares isso sim.	Sim. E quando se realizavam os Encontros da Marchas, sim. As pessoas das aldeias vinham à cidade e acompanhavam a sua marcha. Os locais sim, os turistas não tanto.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Novamente, as respostas divergem nos entrevistados (tabela 29). Um diz que a atividade contribui pouco para desenvolvimento do turismo, assinala o momento mais visto a coroação de S. Pedro. O outro indivíduo, considera que sim, sobretudo, os locais, revelam mais interesse e entrega a esta atividade.

Numa coisa convergem as opiniões. Ambos os entrevistados fazem referência ao Encontro de Marchas Populares que se realizou até 2011, na cidade de Viana do Castelo. Atividade promovida pelo município e que fez aumentar, nessas alturas, o número de visitantes e acompanhantes das marchas. As marchas que vinham de várias freguesias de Viana traziam consigo muitos acompanhantes e familiares. Os habitantes da Viana tinham mais curiosidade em ver a variedade de marchas que existia (pergunta 17).

A investigação dos dados reunidos acompanha com a categorização das entrevistas realizadas com elementos do público da marcha da freguesia da Seara.

5.25 - Perfil sócio- demográfico - público da marcha da Seara

Tabela 30- Perfil sociodemográfico do público da marcha da Seara

Categorias	E. I	E. II	E. III	E. IV
Perfil sociodemográfico				
Subcategorias				
P.1 - Idade	41	52	60	46
P.2 - Género	F	M	M	F
P.3 - Atividade profissional	Administrativa	Administrativo	Prof. 1.º Ciclo, aposentado	Docente
P.4 - Nacionalidade/ Naturalidade	Ponte de Lima, portuguesa	Correlhã, Ponte de Lima, portuguesa	Ponte de Lima, portuguesa	Vila Cova, Barcelos, portuguesa
P.5 - Habilitações Literárias	Licenciatura	12.º ano	Licenciatura	Licenciatura com especialização

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Dos indivíduos que, habitualmente, veem e acompanham as marchas populares da Seara (tabela 30), o grupo de dois elementos do sexo feminino e dois do sexo masculino, têm idades compreendidas entre os 41 e os 60 anos (pergunta 1 e 2). A atividade profissional repete-se em cada dois, são administrativos e docentes (pergunta 3). Todos são de nacionalidade portuguesa, quanto à naturalidade, três são do concelho de Ponte de Lima e apenas uma entrevistada é do concelho de Barcelos, distrito de Braga (pergunta 4). Quanto às suas habilitações literárias, três possuem uma licenciatura e um tem estudos completos até ao 12.º ano (pergunta 5).

5.26-Opinião sobre a marcha- público da marcha da Seara

Tabela 31 - Opinião do público sobre a marcha da Seara

Categoria	E. I	E. II	E. III	E. IV
Opinião sobre a marcha				
Subcategorias				
P.6 - O que pensa da marcha	Momentos de alegria e descontração. Pessoas com espírito “festeiro”.	Muito trabalho e dedicação, ao longo do tempo. Trabalho excelente, nem sempre reconhecido.	Pessoas alegres, divertidas e bairristas. Gostam da exposição pública e algum protagonismo.	Ponto alto numa das atividades da freguesia. É o orgulho à freguesia.
P.7 - Participação dos jovens/motivação	Marchas jovens, mas no grupo dos 18/22 não há participantes. Não querem abdicar do seu tempo livre.	Muita participação de jovens. Diversão e camaradagem que a atividade proporciona.	Em grupos pequenos que pertencem a paróquias, escuteiros,...a maioria não se rever no que é tradicional.	Tem crianças, jovens e adultos. Passa de pais para filhos e é o orgulho de representar a freguesia.
P.8 - Semelhanças/Diferenças nas marchas do passado/presente	Os recursos materiais e monetários. Hoje a oferta de recursos materiais é maior.	Antes era o bairrismo. Hoje será um pouco de bairrismo, mas hoje é o manter as tradições e a diversão.	Continua com sentido de bairrismo, com melhores recursos materiais, mais sofisticados e recursos monetários.	Refere não ter conhecimento

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

As opiniões e conhecimentos que os entrevistados têm das marchas revela que veem esta atividade como uma manifestação de bairrismo, com pessoas alegres e divertidas, com orgulho por representar a freguesia, que gostam de se mostrar em público (tabela 31). De destacar que um dos entrevistados refere ser uma atividade de muito trabalho e dedicação ao longo de meses e que nem sempre é um trabalho reconhecido (pergunta 6).

Registam que há participação de jovens, ainda que em algumas marchas não haja grande representação da faixa etária dos 18 aos 20 anos. Motivos apontados para a falta de motivação são o não abdicarem do seu tempo livre para causas mais tradicionais onde não se reveem. Quando os jovens participam evidenciando- se grupos de crianças, adolescentes e adultos, a motivação vem do gosto pelo convívio e camaradagem que vivem e o gosto de representar a sua terra (pergunta 7).

Comparativamente às semelhanças e diferenças encontradas, os entrevistados do público apontam o espírito de bairrismo, ainda que em menor escala, como uma semelhança, e como diferenças, sugerem a evolução nas roupas e adereços, nos arcos e sua iluminação, nos materiais mais sofisticados e com mais brilho e os apoios monetários. Apenas uma entrevistada refere que não tem elementos para responder à questão (pergunta 8).

5.27 - Motivações para participação dos marchantes- público da marcha da Seara

Tabela 32 - Conhecimento do planeamento e concretização das marchas da Seara (público)

Categoria	E. I	E. II	E. III	E. IV
Motivações para participar				
Subcategorias				
P.9 - Aumento da participação dos jovens	É possível. Os pais levam os filhos...	Sempre houve, agora até na organização da marcha.	Sempre houve.	Sempre houve jovens a participar.
P.10 - Seleção de convidados e padrinhos da marcha	Não faz ideia. Julga ser alguém residente no local, ou figura pública.	Figuras ilustres, ou residentes locais com significado para a marcha ou para a terra.	Pessoas com carisma, que mobilizam outros participantes, tem capacidades económica e de angariar patrocínios.	Por convite da Direção.
P.11 - Antecedência da preparação	Talvez 6 meses,	Termina uma marcha, começam a pensar na seguinte. Uns meses antes do desfile...	No início do ano (janeiro) para definir temas e tarefas.	Todo o ano há reuniões, para realizarem atividades e angariar recursos económicos. A partir de fevereiro.
P.12 - Estratégias para motivar à participação	São voluntários, é o gosto de representar a marcha.	Os “convites” são para todos que se querem associar.	Voluntários, mas há convívios pontuais entre os participantes.	Voluntários ou por convite.
P.13 - Tempo disponibilizado -Horários	Sim.	Há uma conjugação de esforços para que todos possam participar.	Sim, todos têm de conjugar a atividade com os seus horários profissionais.	Os ensaios são no final do dia para que todos possam comparecer.
P.14 - A Rivalidade entre marchas	Uma rivalidade saudável. Celebração onde reina a boa disposição.	Noutros tempos sim, mais ativa. Hoje é saudável. Será transversal a todas as idades porque todos quer fazer o melhor pela sua marcha.	É saudável, serve de motivação e empenho a todos.	A participação é voluntária e orgulhosa, mas no público há comparações.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Para os entrevistados, os jovens sempre participaram nas marchas (tabela 32). Uma das entrevistadas refere que há pais que levam sempre os filhos atrás de si e vários acabam por continuar (pergunta 9).

Em relação à escolha de convidados e padrinhos das marchas, ainda que, alguns elementos considerem não ter conhecimentos suficientes, respondem que são pessoas residentes, com importância para a marcha ou para a freguesia, pessoas com carisma, que motivem outros participantes e o público, com alguma influência económica e de conhecimentos (pergunta 10).

Face à questão sobre a antecedência com que se realizam os preparativos de uma marcha, os inquiridos apontam várias respostas. Reconhecem que é com bastante antecedência que se faz a preparação, concluindo que são necessários vários meses: desde que acaba uma, desde o início do ano, desde fevereiro (pergunta 11).

As estratégias para motivar a participação dos marchantes, dizem não haver, três dos entrevistados. Confirmam o sentido de voluntariado, com ou sem convites pessoais, e só um indivíduo considera que podem ser os convívios pontuais que se realizam com organizadores e marchantes (pergunta 12).

A disponibilidade de horários é, segundo estes indivíduos do público, um fator tido em conta para que as pessoas participem, no final do dia após os seus afazeres profissionais (pergunta 13).

Quanto à rivalidade existir ou não existir entre as marchas, três afirmam que existe de forma saudável, entre os participantes; em tempos passados era mais ativa, presentemente, serve de motivação e empenho para todos. Uma das entrevistadas identifica que é o público que faz as comparações no final, e alimenta este aspeto (pergunta 14).

5.28 - Promoção da cultura popular e identidade- público da marcha da Seara

Tabela 33 - Promoção da cultura popular com a marcha da Seara (público)

Categorias	E. I	E. II	E. III	E. IV
P.15 - Promoção da cultura popular e identidade	Sim, reflete o modo de vida de um povo.	Sim, manifestações culturais que envolvem o povo, criam unidade e identidade a preservar.	Sim, como forma de manter a tradição.	Promove a alegria, boa disposição; ajuda a manter a tradição.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Os indivíduos entrevistados, consideram que as marchas ajudam na promoção da cultura popular e identidade do povo (tabela 33), uma vez que implicam manifestações do modo de vida de pessoas daquela localidade e a divulgação de aspetos culturais que ajudam a manter uma tradição local (pergunta 15).

5.29 - Valorização do património cultural - público da marcha da Seara

Tabela 34 - Contributo para a valorização do património com a marcha da Seara (público)

Categorias	E. I	E. II	E. III	E. IV
P.16 - Valorização do património cultural	Talvez, é a imagem de um povo que se está a retratar.	Em algumas terras sim. No passado, uma atividade entre bairros, hoje uma manifestação de vitalidade do associativismo em algumas freguesias.	Sim.	Sim, envolve pessoas, une-as e passado algum tempo fazem parte da tradição.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Todos concordam que a atividade dá o seu contributo para a valorização do património português (tabela 34); é o retrato e imagem do povo, é uma tradição. Um dos entrevistados refere que, antes era uma atividade de bairros, onde haveria alguma confrontação e “despique”, hoje é uma manifestação de vitalidade do associativismo que existe em algumas freguesias (pergunta16).

5.30 - Contributo para o turismo- público da marcha da Seara

Tabela 35 - Contributo da marcha da Seara para o turismo (público)

Categorias	E. I	E. II	E. III	E. IV
P.17 - Contributo para o turismo	Sim, ajudam a desenvolver o local. É mais um motivo para se procurar conhecer o local.	Com a globalização da informação, um maior número de pessoas tem conhecimento destas atividades e procura visitar os locais, para ficar a conhecer e a saber mais.	Sim, é uma forma de divulgar e promover as regiões.	Sim, leva a uma maior deslocalização de pessoas entre vários lugares ao acompanharem as marchas.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Os entrevistados, em unanimidade (tabela 35), apontam o contributo da atividade no desenvolvimento do turismo local. Consideram que auxilia e promove as localidades que as divulgam. O público procura conhecer melhor as tradições, o local, as manifestações populares de cultura; proporcionando deslocalizações temporárias de muitas pessoas locais e não locais. Um dos entrevistados considera que a informação globalizante dá, também, o seu contributo coadjuvando na sua divulgação (pergunta 17).

A investigação de dados recolhidos conclui-se com a categorização das entrevistas realizadas com elementos do público da marcha da freguesia de Monserrate (bairro da Ribeira).

5.31 - Perfil sociodemográfico - público da marcha do bairro da Ribeira

Tabela 36 - Perfil sociodemográfico dos elementos do público da marcha do bairro da Ribeira

Categorias	E. I	E. II	E. III
Perfil sociodemográfico			
Subcategorias			
P.1 - Idade	41	55	35
P.2 - Género	F	F	F
P.3 - Atividade profissional	Educadora de Infância	Empresária em nome individual	Educadora de Infância
P.4 - Naturalidade/ Nacionalidade	Viana do Castelo- portuguesa	Ponte de Lima- portuguesa	Viana do Castelo- portuguesa
P.5 - Habilitações Literárias	Licenciatura com especialização	12.º ano	Licenciatura

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Dos indivíduos que, acompanham a marcha da Ribeira (tabela 36), os entrevistados são todos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 35 e os 55 anos (pergunta 1 e 2).

Profissionalmente duas senhoras são educadoras de infância e uma é empresária em nome individual. Duas são naturais de Viana do Castelo e uma é natural de Ponte de Lima. Todas têm nacionalidade portuguesa (pergunta 3 e 4). As habilitações literárias vão

desde a conclusão do 12.º ano, Ensino Secundário; duas entrevistadas que concluem a licenciatura, uma delas com especialização (pergunta 5).

5.32 - Opinião sobre a marcha do bairro da Ribeira - público

Tabela 37 - Opinião do público da marcha do bairro da Ribeira

Categoria	E. I	E. II	E. III
Opinião sobre a marcha			
Subcategorias			
P.6 - O que pensa da marcha	Tradição que não devia ser extinta. Espírito de companheirismo e alegria, entusiasmo e orgulho das pessoas que participam.	Uma tradição que não devia acabar, devia ter continuidade.	São pessoas dedicadas e empenhadas pela freguesia.
P.7 - Participação dos jovens/motivação	Sim, por influência de familiares, para integrarem um grupo de pertença, revivem a tradição.	Sim, quem participa adora. Quer manter a tradição.	Alguns. Por motivos familiares ou convites de amigos.
P.8 - Semelhanças/Diferenças nas marchas do passado/presente	Semelhanças: sonoridade e as letras das canções. Diferenças: adereços, instrumentos musicais, são inovadores e criativos.	Antes participam as pessoas mais idosas. Agora há jovens, tudo está mais moderno, os arcos, as roupas.	Não responde.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Relativamente ao que pensam sobre a marcha do bairro da Ribeira, duas das entrevistadas consideram-na, uma atividade que faz parte da tradição e que não deveria extinguir-se no tempo. Reconhecem o empenho e a dedicação das pessoas que participam e revivem a atividade, considerando um momento de companheirismo, alegria e orgulho por representar o seu bairro, ou por representar o que os seus familiares antepassados criaram (pergunta 6).

Quanto à participação dos jovens e a motivação que os leva a colaborar na divulgação, duas das entrevistadas apontam que os jovens participam, uma outra, acha que só alguns (pergunta 7). Muitos por influência de familiares ou amigos (grupo de pertença).

Duas das participantes que deram a entrevista sugerem semelhanças e diferenças entre as marchas de hoje e as do passado; apenas uma não responde à questão. Relativamente à idade, ou grupo etário dos participantes, uma entrevistada indica que no passado eram as pessoas mais idosas, os participantes, hoje refere que vê jovens a participar. Uma outra entrevistada expõe mais diferenças como nos adereços, arcos, roupas, instrumentos musicais e uma maior criatividade. Como semelhanças aponta, o facto de existir uma sonoridade idêntica nas músicas (pergunta 8).

5.33 - Motivações para participação dos marchantes- público da marcha do bairro da Ribeira

Tabela 38 - Conhecimento do planeamento e concretização da marcha do bairro da Ribeira (público)

Categoria	E. I	E. II	E. III
Motivações para participar			
Subcategorias			
P.9 - Aumento da participação dos jovens	Sim, conhece gente que tem escolas de música e que participam. Também crianças do 1º Ciclo.	Sempre houve.	Não responde.
P.10 - Seleção de convidados e padrinhos da marcha	São pessoas com uma ligação emocional à marcha; pessoas que exercem influência positiva nos jovens, ou figuras públicas.	Não há padrinhos nesta marcha. Há pessoas que já participam há muitos anos, vão homenageando essas.	São pessoas que se destacam na freguesia e beneficiam a mesma.
P.11 - Antecedência da preparação	Quando termina a marcha daquele ano, pensam já na seguinte, os preparativos fazem alguns meses antes.	Antigamente era mais uns três meses, agora muito menos.	No início do ano civil.
P.12 - Estratégias para motivar à participação	Passam a palavra uns aos outros e por convite.	São voluntários que falam com alguém da Ribeira ou com a Junta de Freguesia.	Voluntariamente.
P.13 - Tempo disponibilizado - Horários	Sim, porque as pessoas envolvidas têm de adaptar os seus horários aos dos ensaios.	Não. Quem tem gosto tenta arranjar tempo de qualquer forma.	Sim.
P.14 - A rivalidade entre marchas	Sim, entre os mais velhos. Ouvem-se comentários nos ensaios e desfile.	Sim, cada marcha quer que a sua seja sempre a melhor. Há vaidade.	Não responde.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Uma das entrevistadas não responde à questão número 9, quando se pretende saber se os jovens participam mais ou menos nas marchas (tabela 38). As outras duas consideram que sim, porque veem jovens envolvidos nas marchas populares da escola do 1.º Ciclo da Avenida, em Viana do Castelo e na Escola de Música Maestro Zé Pedro.

A seleção de convidados para padrinhos da marcha não é bem do conhecimento de todas as entrevistadas. Apenas uma entrevistada indica que a marcha não tem padrinhos. Só fazem homenagens a indivíduos que colaboram, ativamente, como o letrista, o autor da música, a coreógrafa e a pessoa mais idosa e que há mais anos participa na marcha. As outras duas assumem a existência de padrinhos, como sendo alguém com ligações à marcha, à freguesia, que exercem a sua influência junto das pessoas da freguesia, em especial dos jovens (pergunta 10).

As opiniões sobre a antecedência de preparação da marcha, referem que acontece logo quando termina a apresentação da marcha daquele ano, uns três meses antes, ou até menos tempo ou, logo que começa o ano civil, no calendário (pergunta 11).

As estratégias para motivar à participação na marcha são conhecidas pelas entrevistadas, pelos convites que a organização da marcha faz, por familiares e amigos que já são participantes e por voluntariado (pergunta 12).

O tempo e disponibilidade de horários para reuniões de preparação e ensaios, são um fator que contribui para a participação ou não na marcha. Os horários têm de se adaptar os horários profissionais e familiares de quem voluntariamente quer participar. Apenas uma entrevistada aponta que quem quer participar, adapta-se aos ensaios e arranja esse tempo (pergunta 13).

A rivalidade entre marchas existe para duas colaboradoras neste estudo, referem que acontece com os elementos participantes ou colaboradores com mais idade; desejam muito que a sua marcha seja sempre a melhor. Os comentários posteriores à apresentação devem ser muito favoráveis. Uma senhora não responde à questão (pergunta 14).

5.34 - Promoção da cultura popular e identidade- público (freguesia de Monserrate)

Tabela 39 - Promoção da cultura popular e identidade da marcha do bairro da Ribeira (público)

Categorias	E. I	E. II	E. III
P.15 - Promoção da cultura popular e identidade	Sim, pelas letras. Tal como os ranchos folclóricos identifica populações/freguesias.	Sim. As pessoas da Ribeira vivem muito o momento, estão sempre entusiasmadas.	Sim, as marchas são o reflexo do seu local de origem. Há várias diferenças entre freguesias.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

As marchas populares e a atividade que decorre a elas associada (tabela 39), promove a cultura popular e a identidade de um povo e de um local. Há quem evidencie que são o reflexo do local de origem; são comparadas à identificação que, também, acontece com os ranchos folclóricos; as letras que levam nas músicas dizem muito do local, das tradições e das memórias locais. Por isso, o momento é vivido e experienciado com alegria, entusiasmo e emoção (pergunta 15).

5.35 - Valorização do património cultural- público (freguesia de Monserrate)

Tabela 40 - Contributo para a valorização do património, marcha do bairro da Ribeira (público)

Categorias	E. I	E. II	E. III
P.16 - Valorização do património cultural	Sim, preservam tradições identificando os lugares.	Como são antigas, as marchas fazem parte desse património.	Sim, porque as marchas mantem características do antigamente e poucas mudanças.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

As marchas dão o seu contributo para a valorização do património português (tabela 40), na opinião de todas as entrevistadas deste grupo de estudo. Mantem algo antigo, são antigas, preservam tradições e identificam lugares, locais, grupos, comunidades (pergunta 16).

5.36 - Contributo para o turismo- público (freguesia de Monserrate)

Tabela 41 - Contributo da marcha do bairro da Ribeira para o turismo local (público)

Categorias	E. I	E. II	E. III
P.17 - Contributo para o turismo	Sim, sendo bem divulgadas. As marchas são muito portuguesas, pessoas e turistas procuram ver porque já não há em muitas localidades.	A atividade chama mais gente à rua, noto mais movimento de pessoas para ver a marcha.	Poucas pessoas. São pessoas da mesma freguesia.

Fonte: Autora com base nos guiões das entrevistas

Por último, o contributo que a atividade dá ao desenvolvimento do turismo local (tabela 41) , não é visto de igual forma pelas três entrevistadas. Duas delas sugerem que há mais gente nas ruas, o comércio perto da apresentação da marcha, enche mais, a população revela interesse porque é um registo de uma tradição antiga e local. Contudo, uma destas participantes aponta o fator da divulgação da atividade, o ela ser bem divulgada vai contar com mais sucesso no número de público a assistir e acompanhar a marcha. A última entrevistada, considera que o contributo é menor, uma vez que mais atentos vão estar os indivíduos daquela freguesia (pergunta 17).

5.37 - Análise comparativa das informações recolhidas nos grupos de entrevistados da freguesia da Seara e da freguesia de Monserrate (bairro da Ribeira)

Relativamente ao primeiro grupo em estudo, participantes/marchantes nas Marchas Populares, podemos apresentar alguns indicadores, posteriores à análise das entrevistas. O ensaio, individualmente e, por freguesias, proporciona a elaboração de algumas comparações que, sintetizam as informações mais relevantes.

O número de entrevistados possíveis é maior na Seara do que em Monserrate, ainda que, a diferença seja de dois indivíduos. Pode considerar-se que, elementos mais jovens, são mais predominantes na marcha da freguesia da Seara; enquanto que, na marcha do bairro da Ribeira, freguesia de Monserrate, os jovens participam em menor número. Notório é, também, o facto de participantes/marchantes se distribuírem de forma equitativa, no sexo feminino e masculino na Seara e, são maioritariamente do sexo feminino, em Monserrate. Análise que pode ser feita, tendo em conta os registos documentais a que tivemos acesso, fotografias, vídeos, testemunhos de pessoas das duas localidades, notas de campo que surgiram da observação participante.

A atividade profissional das pessoas inquiridas através de entrevista é, predominantemente, no setor terciário, em profissões divergentes nas duas freguesias. Quanto às habilitações literárias é, ligeiramente, mais instruído na freguesia da Seara, existindo uma pessoa com a habilitação de licenciatura. Duas das entrevistadas, uma em cada freguesia, revelam estudos até ao Ensino Primário, hoje denominado de Ensino Básico do 1.º Ciclo; que uma delas não conclui e a outra senhora faz o exame da 4.ª classe.

Tanto numa localidade como na outra, os participantes são, a maioria, residentes na Seara e em Monserrate, são daí naturais e indicam ter nacionalidade portuguesa.

Marchantes e participantes da Seara e do bairro da Ribeira, destacam igualmente as motivações, apontando a alegria, os momentos de convívio e partilha entre diferentes gerações; que no caso do bairro da Ribeira é menor. Dois aspetos surgem com especial

importância e, só uma entrevistada em cada localidade as destaca. No caso da freguesia da Seara, é referido o empenho, a dedicação e o rigor que fazem com que participe, sabe que está a representar e divulgar uma atividade que faz parte da história local. Na freguesia de Monserrate, uma participante expõe, que se sente bem com o seu contributo e o sentido de pertença que vivem consigo e, que gostaria de transmitir aos mais novos para que a tradição não desapareça. Duas opiniões que se mostram indicadores da valorização do associativismo e sentido de coletividade, em prol do bem e do desenvolvimento artístico e cultural do lugar. Os grupos são estruturas organizacionais de menores dimensões, abertas a conhecidos e desconhecidos. O importante é valorizar e representar o propósito, ou interesse principal do grupo. Daí que se vejam indivíduos empenhados, com raízes às localidades, moradores, ou interessados na preservação de aspetos culturais.

Depois surgem as motivações ou incentivos aos participantes habituais ou a quem vem experimentar. Todos dão importância ao convívio, à alegria, à amizade, à camaradagem e ao orgulho de representar aquela localidade. Como uma atividade que promove a troca de saberes e experiências entre gerações, quando assim é possível. Há nos entrevistados quem veja, nesta participação, o enriquecimento pessoal. Apenas na freguesia da Seara, há dois indivíduos que valorizam as áreas artísticas, como a música e a dança; vertentes pelas quais têm interesse.

Nos dois contextos locais, o acesso à participação nas marchas é considerado fácil e acessível a todos que tenham interesse. No caso da Seara, há uma Associação que se preocupa com a divulgação e a promoção da atividade, convidando os interessados a participar. Estes expõem cartazes pelo comércio local e divulgam em grupos das redes sociais. Mesmo que abordados pessoalmente, qualquer elemento que já seja participante, sabe orientar para a inscrição de novos elementos. No caso do bairro da Ribeira, o papel é desempenhado pela Junta de Freguesia de Monserrate que contacta, anteriores marchantes, divulga cartazes e permite a inscrição voluntariamente.

Um grande número de indivíduos, das duas marchas, participa por influência de familiares ou amigos. Muitos foram com os pais, noutros tempos, gostaram e continuam.

Presentemente, não é fácil conseguir o mesmo. Os pais e amigos mantêm-se, mas os filhos não querem participar, em especial na marcha do bairro da Ribeira.

Rivalidade entre marchas dizem que, ainda há e, é uma característica na marcha da Seara; sendo uma rivalidade pequena, de natureza espontânea e saudável e que serve de motivação e maior empenho. Na marcha do bairro da Ribeira, duas entrevistadas consideram que era mais no “antigamente”; já que havia muita rivalidade entre os habitantes do bairro da Ribeira, do bairro Jardim e da rua da Bandeira, em Viana do Castelo. Outras duas participantes do mesmo bairro (Ribeira) sugerem que, ainda, há alguma rivalidade dentro do próprio grupo de marchantes. Cada mulher, a varina, procura exibir a melhor apresentação com as suas roupas pessoais, tradicionais e típicas de um bairro de pescadores. Herdam de familiares ou investem na compra de adereços que as fazem ficar com muita “chieira” (vaidade), em especial o avental com bordado Recheliu.

Indivíduos entrevistados nos dois contextos locais particulares, sugerem que o papel, ou o lugar que ocupam na marcha em que participam, tem importância para os mesmos. Comparativamente, para metade tem importância, para a outra metade, não têm. O tempo disponibilizado para reuniões de preparação e ensaios, é um fator que conta para a sua participação. Tem de haver cedências de parte a parte, compreensão e união para conseguirem realizar a atividade. A freguesia da Seara, disponibiliza mais horários para os ensaios dos vários grupos etários. Realizam-se, pelo menos duas vezes por semana, nos meses de maio e junho; na freguesia de Monserrate, só realizam entre três a quatro ensaios, no total.

Quanto aos anos de participação na marcha, os participantes do bairro da Ribeira são mais experientes do que os marchantes da Seara. Pela investigação realizada e os registos documentais a que tivemos acesso e descritos no capítulo IV, deste estudo, a marcha da freguesia de Monserrate, conta com mais anos de existência. Assim, na marcha do bairro da Ribeira, há marchantes/cantadeiras com vinte e sete e com trinta dois anos de experiência; já na freguesia da Seara, os dados recolhidos apontam para uma análise que nos leva para onze anos, no caso do elemento com mais atividade de marcha.

Todos manifestam igual vontade em continuar a participar na divulgação da atividade, em que já intervém. No caso do bairro da Ribeira, há entrevistadas que se mostram tristes com a falta de gente e, principalmente, de jovens em participar, imaginando com preocupação, o esquecimento e extinção da tradição quando os mais velhos morrerem.

As opiniões, também, são unânimes, apesar de realidades diferentes, quanto ao contributo para a valorização da cultura popular, a identidade de um povo e o património português. Os entrevistados consideram que as marchas promovem essa cultura e identidades locais e que ao terem continuidade, em especial com os mais novos, dá-se continuidade às tradições e promove-se o património que é de todos. Num e noutro local, deste estudo, promovem-se atividades locais, tradições, rituais (coroação de S. Pedro) e os trajes típicos (em especial, no bairro da Ribeira). As pessoas da freguesia de Monserrate, sugerem a desvalorização desta atividade, pelas entidades locais, desde que terminaram com o Encontro de Marchas Populares, em Viana do Castelo (2011).

O aumento e desenvolvimento do turismo local, com nacionais ou estrangeiros, é uma realidade diferente, nas duas situações em análise. Para os participantes da marcha da Seara, é visto como algo que melhora e influencia a apresentação. Desde que são convidados para desfilar na vila do concelho, ao desfile na freguesia e ao intercâmbio com outras marchas do distrito, têm a perceção do número de público que os acompanha, para além de familiares e amigos. Muita gente sai à rua para se inteirar desta tradição, de quais as marchas que participam, das novidades que trazem nos trajes, na música e nas coreografias. No contexto da marcha da Ribeira, as opiniões dividem-se e não são todas favoráveis. Há entrevistadas que, mais uma vez, referem a desvalorização das marchas, em detrimento de outras atividades culturais locais, de cariz popular e tradicional, como acontece com os ranchos folclóricos. Estes recebem mais apoios logísticos e financeiros, têm mais recursos humanos, são mais apoiados na divulgação, organizando-se festivais, apresentações em diferentes locais do país e até estrangeiro; bem como nas festas regionais.

O segundo grupo que nos possibilita uma análise comparativa dos resultados, permitidos através de entrevistas, é o das entidades locais das duas freguesias. Os entrevistados

são indivíduos que pertencem à Junta de Freguesia, a Associações locais e ao grupo organizador da marcha. Os indivíduos da marcha da Seara contactados colaboram mais do que os da Ribeira; cinco intervenientes no primeiro caso, e apenas dois no segundo contexto, sendo este o mais envelhecido. Com melhores habilitações académicas, podemos afirmar que encontramos o grupo da freguesia da Seara.

Nas duas realidades estudadas é apontado o facto de que as marchas são uma manifestação de cultura popular, que reavivam e revitalizam a memória e as tradições. São representações de cenários que fazem parte do seu quotidiano e história local, projetando uma mensagem com significado. Na Seara como em Monserrate, há indivíduos que veem a desvalorização do associativismo, do sentido de coletividade como um aspeto que afasta interessados.

Embora tentem manter as tradições iniciadas por antepassados, destacam as evoluções ocorridas, nomeadamente, nos temas, nas músicas, nas coreografias e nos trajes, ou roupas com que desfilam. Nos dois lugares confirmam, com desânimo a falta de interesse e participação dos jovens nesta atividade. No caso da marcha da Ribeira, com mais dificuldade, ainda, com o aparecimento de elementos novos do sexo masculino.

No caso da freguesia de Monserrate não se convidam padrinhos para a marcha. Tanto no passado como no presente declinam uma homenagem com flores, a pessoas importantes, que deram ou dão o seu contributo com a originalidade da letra, da música, da coreografia, ou por continuarem a ser participantes apesar do avançado na idade. Na freguesia da Seara, há padrinhos na marcha, a convite da Direção da Associação, que visam colaborar na animação e interação com o público.

A antecedência dos preparativos para as duas marchas é diferente. Na freguesia da Seara tudo começa mais cedo, pelo menos logo no início de cada ano civil, com a angariação de recursos monetários através de jantares, feirinhas e workshops. Ao contrário da freguesia de Monserrate, onde tudo se prepara, apenas com um mês de antecedência. Importa dizer que em Monserrate, há um reaproveitamento dos arcos e adereços de anos anteriores, como as roupas que são os trajes das varinas e dos

pescadores; na Seara tudo é construído de novo, ainda que com alguma recuperação ou transformação de adereços.

Nos dois acontecimentos, as pessoas inscrevem-se voluntariamente, sabendo que pelo menos, no final da atividade vão usufruir de um lanche, ou jantar convívio. Os horários para reuniões e ensaios que as pessoas têm de disponibilizar, têm importância para muitos dos colaboradores e organizadores, contudo e de comum acordo, nos dois lugares faz-se por conveniência de todos.

As rivalidades entre marchas são vistas como algo do passado, na Seara como em Monserrate, sobretudo quando havia um número maior de marchas envolvidas no acontecimento. Presentemente, na freguesia da Seara sente-se pouco esta questão; julgam que parte dos mais velhos, mas que é saudável e um fator de motivação e empenho de todos.

Em ambos os locais concordam que as Marchas Populares são um legado dos seus antepassados, que se integram nas manifestações de cultura popular, que identificam um povo e as suas tradições, promovendo-as através das mensagens e histórias que transmitem.

No que diz respeito à valorização do património, as opiniões são mais positivas na freguesia da Seara, do que na freguesia de Monserrate. Na primeira salienta-se, a riqueza cultural que se desenvolve no indivíduo que participa, ou apenas vê estas manifestações de cultura popular, dando importância às memórias que se guardam e se transmitem. Salientam, ainda, a importância de artes como a dança, a música e as artes plásticas. Na segunda localidade, queixam-se da falta de valorização da atividade, como acontece noutras lugares, os meios de comunicação da cidade, também, não ajudam na divulgação. O público local resiste à tradição da celebração do ritual de religiosidade popular, a coroação de S. Pedro. Desde que termina a realização do Encontro de Marchas Populares na cidade de Viana, que sentem um decréscimo do interesse do público em geral, pelo que não veem o turismo a desenvolver-se com esta manifestação cultural. Já na freguesia da Seara, é visível o aumento de pessoas nas ruas e o aumento de vendas no comércio local.

O terceiro e último grupo do estudo, são indivíduos do público que, habitualmente, acompanham a realização das marchas. O número de entrevistados é quase o mesmo, a diferença é apenas de um indivíduo. Coincidência nas opiniões vê-se, quando referem nas duas freguesias que as marchas são uma atividade divertida, com alegria em que os seus participantes revelam orgulho por representar o local. O público da Seara encara, também, como uma manifestação de bairrismo, atividade a que dedicam muito trabalho e que nem sempre é reconhecido.

Nas duas localidades percebem que a participação dos jovens é, maioritariamente, por influência de familiares ou amigos; pouco são os que tomam iniciativa. Na freguesia da Seara são identificados momentos ou anos com mais participação, outros anos com menos. Há menos participações de jovens entre os dezoito e os vinte anos.

Quanto às semelhanças encontradas com o passado, por elementos do público da marcha da freguesia da Seara, há quem evidencie o espírito bairrista; já na freguesia de Monserrate o público, refere a sonoridade musical da marcha. O público dos dois locais, encontra diferenças nos materiais utilizados para a construção dos arcos (sua iluminação) e outros adereços, na evolução dos instrumentos musicais e nas roupas.

Nas duas freguesias alguns entrevistados referem ver jovens como participantes nas marchas, muitos levados e influenciados por familiares. Na freguesia de Monserrate destacam a recriação que os alunos do 1.º Ciclo de uma das escolas da cidade faz no final do ano letivo. A comunidade escolar com o apoio e ajuda da Junta de Freguesia e dos encarregados de educação, apresentam à comunidade local as marchas populares. Alunos, educadores e professores ouviram testemunhos antigos de como se realizavam e realizam as marchas da Ribeira e recriam tradições populares da cidade. Pelo contrário, na freguesia da Seara, não há ainda essa interação entre a Associação e a Comunidade Escolar. No final do ano letivo, todos se juntam para realizar o arraial, mas não existe qualquer alusão às festas populares da freguesia da Seara, as festas em honra de S. Pedro com as conhecidas marchas populares.

Sumário

Este capítulo da investigação permite uma análise comparativa dos resultados, o que nos possibilita compreender e concluir dados da discussão.

A atividade das marchas populares nos dois contextos de estudo, revelam as motivações vistas por marchantes/participantes, por entidades e público. O indivíduo para que se sinta acompanhado, vai pertencer a grupos sociais e é nas suas interações que estabelece contactos com o seu povo e outros povos, com a sua cultura e com outras culturas. Os sentimentos de pertença, associativismo e coletividade, criados por motivações familiares ou de amizade contribuem para a preservação da memória de um povo e das suas tradições. Para uns pode ser considerado um escape às rotinas do dia a dia, para outros é muito mais. É o entusiasmo de falarem num assunto que lhes é muito querido, na questão do orgulho de representar um bairro, uma localidade.

Quando as comunidades locais tratam as marchas como um evento cultural, estão a divulgar, a promover e a valorizar os recursos culturais desse local, dessa região ou desse país. O envolvimento e empenhamento da comunidade, contribui para o desenvolvimento e valorização do património cultural, característico de um meio rural ou citadino.

Nem sempre as entidades municipais colaboram com essas comunidades com apoios financeiros para concretizar uma marcha. Os participantes a troco de nada, a não ser a satisfação em participar pelo seu bairro ou freguesia, estão dispostos a dar o seu tempo de lazer e empenhar toda a sua energia para manter a tradição viva.

A divulgação das marchas populares para além de presentear a identidade, a história, a tradição, a socialização apoia-se, também, nos sentimentos das gentes locais, ou não locais.

Capítulo VI

6- Conclusões

A cultura mais popular, com tradições e com rituais de origem profana ou atividades de natureza de religiosidade popular, são uma forma ampla e holística da expressão de um conjunto de interações sociais, de regras, de valores e de crenças. Todos estes aspetos se relacionam com a identificação ou identidade nacional e local.

O inquérito por entrevista tornou-se a metodologia mais adequada para a recolha e interpretação dos dados. As questões de investigação declinadas ficaram respondidas, no ponto seguinte, com particularidades que não são de generalizar, mas de registar nos ambientes do estudo. O contexto sociodemográfico é distinto e os resultados da investigação são particulares. A análise dos dados recorre à técnica de triangulação, que se revela de enorme significado para a compreensão das intervenções dos participantes na investigação.

Os eventos culturais desempenham um papel importante no desenvolvimento das comunidades ou Associações locais. Estão ligados a valores sociais e culturais, no grupo que está na base da pirâmide social, aquele que pode revelar mais sentido de identidade. Os saberes acumulados diferem nas comunidades e as dinâmicas locais também diferem, especificamente os tipos de apoio que recebem e o enquadramento que têm, por si só, ajuda a explicar o sucesso ou o insucesso das iniciativas locais.

No meio rural e de menores dimensões, a população revela sentido de pertença, conhecem as atividades que se organizam na freguesia e, à partida, não rejeitam o que não conhecem, muitos deles experimentam participar, valorizam as tradições locais e importam-se com a sua divulgação e transmissão, colaborando com um papel ativo e cívico de cidadãos.

McFee (1991, p. 280) sugere que o indivíduo deve ter contacto com elementos culturais diversificados como a língua, os símbolos visuais, os valores e as crenças. Reforça, ainda, que a aprendizagem que realiza deve permitir-lhe reconhecer e compreender valores culturais e pressupostos próprios; bem como melhorar o entendimento da natureza evolutiva que a cultura tem e os processos que originam potenciais de mudança.

Moura, A. Cruz, A. (2005) destacam a importância de o ser humano conhecer e entender as práticas do outro (o social), os seus símbolos e significados culturais. O indivíduo não deve ficar limitado ao que é superficial, deve aprender a interiorizá-los como algo que é seu, conferindo-lhe valor “identitário”. É a construção da identidade pessoal, resultado da sua construção interna, realizada de forma consciente e inconsciente através das experiências que vivencia.

A promoção do desenvolvimento local faz-se através de manifestações patrimoniais no âmbito da educação e do poder político, com o interesse e envolvimento das pessoas locais mas, também, de identidades locais que revelam sentido de comunidade e associativismo. Todos os cidadãos precisam dessas vivências afetivas de interação, comunicação, inovação, criatividade e celebração do património cultural desde tenra idade.

6.1- Resultados alcançados

Este estudo teve como finalidades (i) investigar a origem e a evolução das marchas populares, na freguesia da Seara, concelho de Ponte de Lima e no bairro da Ribeira, freguesia de Monserrate, concelho de Viana do Castelo; O que caracteriza a tradição das marchas populares; (ii) investigar a prática estética e os comportamentos dos participantes nos dois contextos da investigação, um rural e outro citadino; Que influencia tem esta atividade junto da comunidade local; (iii) realizar uma reflexão sobre conceitos como cultura popular, património artístico e cultural e a valorização desse património pelas comunidades ou Associações locais; quais as razões da valorização desta atividade cultural.

(i) A origem e evolução das duas marchas resulta de trilhos diferentes. A marcha do bairro da Ribeira, segundo registos documentais consultados, desfila em 1949, ao lado de outras marchas populares da cidade. Há indicações e testemunhos orais que nos dizem que terão começado muitos anos antes, mas não houve como provar essas informações, com mais certeza. Grupos de pessoas de vários bairros e ruas de Viana do Castelo, organizam as suas marchas para realizarem um desfile. Dão a conhecer a identidade do local, as profissões, tradições e costumes que as caracterizam. Sofrem alguns anos de interrupção e em 1993, a Junta de Freguesia de Monserrate, interessa-se por reavivar a atividade.

A marcha da freguesia da Seara, inicia-se com uma brincadeira realizada por um casal e seus familiares, no ano de 1981. Em casa, depois de jantarem na noite de S. João, combinam vestir umas roupas, levar uns ramos de mimosa e os testos das panelas para tocar. Uma mascote não falta, o cão Piloto que, também, o vestem a rigor. Desfilam por uma das principais ruas e vão até ao largo do Pinheiro manso, onde sabem que poderá haver gente que os vai ver. O sucesso da “brincadeira” foi tanto, que no ano seguinte, algumas pessoas organizam uma marcha, com mais tempo e mais rigor. O casal que iniciou, nunca mais participou, deu o mote para o início de uma atividade que ainda hoje perdura, no entanto contou pelo meio com três ou quatro anos de interrupção. Quando não houve Comissão de Festas, também, não houve marchas. A ideia de serem as marchas a S. Pedro, é referida pelo grupo dos iniciantes como sendo algo copiado pela freguesia vizinha da Correlhã. Na freguesia da Seara não havia tradição de adoração a nenhum dos Santos Populares. Foi a população que o fez, a igreja esteve sempre à margem deste fenómeno.

Pode afirmar-se que ambas as marchas apresentam evolução, como é referido pelos entrevistados, nomeadamente, nos materiais de construção dos adereços, os arcos e a sua iluminação, os tecidos usados para a elaboração das roupas, a impressão de desenhos ou motivos que se relacionam com o tema da marcha, a música e a coreografia.

(ii) Com estas manifestações de cultura popular, surgem expressões de arte popular. Os indivíduos nas comunidades locais desenvolvem formas de criação artística, nas quais expressam emoções e representam situações do imaginário individual e coletivo, representam realidades naturais e sociais que lhes dizem muito, bem como representam perspectivas do mundo e da vida. São estas as suas fontes de inspiração estética, com base nos mais diversos tipos de experiência que o indivíduo vive e que se depositam numa memória individual e coletiva. As populações exprimem-se através de imagens, na pintura e na escultura, na dança, na música e no canto popular, em artes figurativas, assim denominadas por Crespi, F. (1997). Estas formas expressivas autênticas revelam o imaginário e o simbólico do que não é referido em palavras.

(iii) Com registos verbais e visuais realizados pela investigadora, é possível entender que a tradição se mantém nos dias atuais e apresenta características distintas do passado. O seu papel de divulgação das tradições tem vindo a melhorar, em termos de aceitação social, símbolo de identidade e mais-valia para a economia local, no caso mais particular da freguesia da Seara, como revelam os dados recolhidos. Na freguesia de Monserrate, a atividade prevalece com pouco interesse, por parte dos jovens e de entidades locais, o que pode levar, em breve, ao desaparecimento desta manifestação de cultura popular, como indicam vários dos indivíduos entrevistados.

Os participantes no estudo têm consciência de que valorizam o património português, através da cultura que promovem e com a qual se identificam. Na análise das entrevistas é, possível, registar os sentimentos que expõem como a alegria, a satisfação, o orgulho e o amor por promoverem a continuidade de uma tradição com vários anos, nas duas localidades.

A população quer num contexto local quer noutra, apresenta uma enorme vontade e orgulho por esta manifestação popular, muitas vezes com escassos recursos económicos e, apenas, envolvendo algumas gerações. É desta forma que reforça e fortalece laços emocionais e identitários, com algo que marca profundamente o sentimento do povo.

As marchas populares revelam o fortalecimento dos laços de identidade cultural, entre os intervenientes que as promovem e os que assistem à sua representação.

Com as informações recolhidas através deste estudo podemos conhecer e compreender melhor a motivação dos intervenientes e do público que procura ver esta atividade, que interações se estabelecem entre todos, que perspetivas têm os diferentes agentes, na valorização do património cultural local, se há público que acompanha, ano após ano, esta recriação das marchas, se o impacto é positivo e se os marchantes têm vindo a aumentar.

Pretendeu-se com esta investigação chegar ao conhecimento do impacto das marchas, a nível socioeconómico local, fazendo uma ponte entre o passado e o presente, saber que experiências potencia no espetador, que preocupações têm os organizadores das marchas, na formação de indivíduos locais para que aumentem o número de participações mais jovens nesta atividade.

Sendo estas manifestações populares, um meio de transmissão da cultura e património local, espera-se que o estudo possa indicar razões sobre um menor envolvimento dos residentes das freguesias e das escolas, como veículo fundamental para esta divulgação junto de gerações mais novas.

Às Associações locais e às duas Juntas de Freguesia, pretende-se facilitar os resultados do estudo, para que possam fazer uso de um registo escrito, fotográfico e em vídeo da atividade que realizam, para que seja o primeiro registo da manifestação cultural, em benefício da comunidade local, em primeiro lugar e posteriormente, de futuros estudiosos do tema.

6.2- Constrangimentos

O maior constrangimento para o estudo, tem a ver com o facto da investigação, decorrer num espaço de tempo, que não é o mesmo da organização e representação desta atividade. A apresentação das marchas populares de S. Pedro, da freguesia da Seara, ocorre por altura das festividades de S. João, na vila de Ponte de Lima, habitualmente na

noite de 23 de junho, repete-se a 29 de junho, na freguesia da Seara. Relativamente à Ribeira, em Viana do Castelo, o mesmo se passa; a atividade realiza-se por altura de festejar os Santos Populares. É uma atividade inserida no programa das Jornadas de Arte Popular da Freguesia de Monserrate, nos finais do mês de junho, a 28 de junho. A investigação desenvolveu-se num período em que os grupos responsáveis não desenvolvem a atividade das marchas. No entanto, foi possível acompanhar todo o processo de construção e a apresentação da marcha popular da freguesia da Seara, ao longo de vários meses.

A deslocação até ao espaço da Associação, na freguesia da Seara não foi um problema, dista da sede do concelho, seis quilómetros e estamos a falar de uma distância que nos exige dez minutos de automóvel. Por isso, reuniões com os elementos da Direção e os restantes órgãos, foram possíveis.

Já os contactos com a comunidade local da Ribeira causaram mais constrangimentos, já que a distância é maior, vinte e sete quilómetro de Ponte de Lima. Inicialmente tivemos de anular, rapidamente, as barreiras do desconhecido, fomentando a confiança e sinceridade nos primeiros contactos, explicitando, claramente, os objetivos do estudo.

Alguns dos entrevistados preferiram responder à entrevista através do guião enviado por via e-mail, sendo de referir que o número de contactados foi muito maior do que aquele que respondeu ao guião. Acresce o facto de a investigadora ter tido necessidade de relembrar várias vezes, aos intervenientes de que o guião já tinha sido enviado, pedindo novamente a colaboração e compreensão para os prazos em que decorre o estudo e a necessidade de tempo para a realização de uma análise. Ao preferirem o envio do guião da entrevista por correio eletrónico, não foi possível interpelar novamente os entrevistados, no momento, o que teria sido fundamental para ajudar na melhor interpretação de alguma questão e combater os desvios que houve em algumas respostas. Maioritariamente, a amostra é do sexo feminino, não foi intencional, mas foi a possível, foi a que mostrou mais abertura e colaboração.

6.3- Implicações para o futuro

Da experiência adquirida ao longo desta dissertação, surgem recomendações e linhas de orientação para futuras investigações. Todo o processo de investigação incentivou a uma maior reflexão sobre o património cultural e a educação artística, ainda que em ambiente informal, nos tempos modernos.

Cultura e identidade começam por ser dois aspetos fundamentais que devem continuar a ser defendidos, promovidos e investigados, como forma de conseguir enfrentar os desafios globalizantes da atualidade.

É urgente revitalizar e resgatar várias singularidades culturais e identitárias, como as marchas populares, objeto deste estudo, porque a cultura popular possui características singulares e peculiares, na maioria transmitidas por via oral por testemunhas, ainda, vivas. É preciso transmitir um conjunto de dados teóricos e práticos no presente para que fiquem para o futuro, sendo uma necessidade imperiosa a implementação de iniciativas, ou dinâmicas culturais e educativas que surjam do poder político e do poder local.

Deixam-se aqui algumas recomendações que se consideram imprescindíveis para que a atividade tenha mais impacto e visibilidade, onde não a tem.

- (a) A tradição tem-se mantido “viva”, devido à persistência das populações locais. É necessário investigar e determinar até quando pode e como pode sobreviver esta atividade, nos dois contextos do estudo; há marchas que desapareceram, nos dois locais. Como se poderá alargar este ciclo de vida das marchas populares e como a população vê esta questão?
- (b) O afastamento dos mais jovens e a pouca participação dos mesmos nas marchas é sentido; é preciso trabalhar esta questão complexa nos dias de hoje; os jovens não se identificam, pessoalmente, com várias tradições e costumes locais, não se regista um maior envolvimento por parte dos mesmos. É importante identificar estratégias para que indivíduos de faixas etárias mais jovens se associem a

atividades comunitárias populares. Só assim poder-se-á, posteriormente, construir um sentimento de pertença e de preservação da memória coletiva e de património que faz a história de um povo;

- (c) Algumas das testemunhas vivas, já com mais idade, gostam de falar das suas tradições, gostam de ser contactadas, gostam de transmitir os seus conhecimentos sobre as marchas, de falar das suas participações há já vários anos; expressam mágoas por verem e sentirem que há discriminação entre várias das atividades culturais; distinguem a divulgação, a projeção que as atividades têm, umas em detrimento de outras, dos apoios e recursos financeiros; enquanto existem estes testemunhos, os poderes locais devem realizar estudos e registos, para os divulgar em exposições, por exemplo, e guardar em museus; sugere-se uma maior e melhor articulação das propostas culturais projetadas e patrocinadas, nos locais;
- (d) Os espaços para a construção de adereços e ensaios das marchas, nem sempre são os apropriados, são pedidos “favores” a outras instituições ou coletividades (quando há parcerias) para disponibilização de espaço físico, os recursos financeiros são escassos e as Câmara Municipais, nem sempre demonstram o devido interesse pelas marchas populares;
- (e) Os meios de comunicação locais deverão fazer o seu papel, na divulgação das atividades que promovem costumes locais, ainda que, desenvolvidos por pequenas comunidades, ao invés de só dar importância às festividades com maior impacto turístico;
- (f) Em contextos sociodemográficos de menores dimensões, há já muitas parcerias entre as Associações locais, que reúnem com o poder local e apresentam o seu plano anual de atividades; colaboram umas com as outras, calendarizam as atividades de forma a não haver sobreposição de atividades em datas comuns, diversificando as propostas culturais para o público; esta prática revela-se frutífera pelo que deve ser incentivada;

(g) Na freguesia de Monserrate, pelo menos uma escola do 1.º Ciclo desenvolve uma parceria com a Junta de Freguesia, desde há uns anos, revivendo com jovens de tenra idade, as tradições e costumes da cidade, o que acontece com as marchas populares; recolheram testemunhos, acolhem a colaboração dos encarregados de educação e familiares das crianças, para criar as roupas, a música e a coreografia, no final de todos os anos letivos. Desenvolvem a cidadania e preservam o património. A experiência na divulgação e promoção das tradições deve ser incrementada.

Esta investigação procura conhecer e compreender uma pouco mais desta manifestação cultural, em dois contextos diferentes no distrito de Viana do Castelo. Contudo permanece em aberto a necessidade da realização de outras investigações mais aprofundadas, até do ponto de vista de outras entidades que poderão envolver-se mais nestes eventos. É reconhecida, também, a necessidade de ouvir os participantes e comunidades locais que valorizam e, ainda, perpetuam esta memória, conhecendo os seus pontos de vista, angústias e medos em relação ao futuro da atividade, perspetivando o futuro e a continuidade da mesma.

Referências bibliográficas

- Albarelo, L. e. (1997). *Práticas e Métodos em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Almeida, C. A. (1993). *Património-Riegl e Hoje* (II Série ed., Vol. X). Porto: Universidade do Porto. Obtido de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14519/2/5741.pdf>.
- Amaral, R. d. (1992). Povo-desanto, Povo-de-festa. Um estudo antropológico do estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista. *Dissertação de Mestrado em Antropologia*. S. Paulo, Brasil: PPGAS/USP.
- Bell, J. (2004). *Como Realizar um Projeto de Investigação: Um Guia para a Pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos* (Coleção Ciências da Educação ed.). Porto: Porto Editora.
- Cannadine, D. (1997). *Contexto, execução e significado do ritual: a Monarquia Britânica e a "invenção da tradição"-1820 a 1977* In Hobsbawm, Eric e Ranger, Terence. Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra.
- Cardoso, A., & Cachadinha, M. (2018). Cultura, desenvolvimento e demografia: dos conceitos e dos atores à ação. *Diálogos com Arte- Revista de Arte, Cultura e Educação*, nº8, pp. 50-61. Obtido em 14 de janeiro de 2020, de <http://www.es.e.ipv.pt/revistadiálogoscomaarte>
- Carmo, H. e. (1998). *Metodologias de Investigação-Guia para autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cohen, L., & Manion, L. e. (2007). *Research Methods in Education* (6th Edition ed.). London: Routledge.
- Comissão Nacional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a. C. (2006). *Roteiro para a Educação artística*. Lisboa: Touch Artes Gráficas.
- Costa, A. (1998). *Tradições da Ribeira* (Vols. Obras Completas de Amadeu Costa-3). (C. M. Castelo, Ed.) Viana do Castelo, Viana do Castelo, Portugal.
- Coutinho, A. (1986). *A cidade de Viana no presente e no passado*. Viana do Castelo: Paróquia de Nossa Senhora de Fátima.
- Crespi, F. (1997). *Manual de Sociologia da Cultura*. Lisboa: Editorial Estampa.

- Digital, M. (10 de janeiro de 2019). Marchas Populares juntaram milhares de pessoas em Viana do Castelo. (M. Digital, Ed.) Obtido em 10 de outubro de 2019, de <https://www.minhodigital.com/news/marchas-populares-juntaram>
- Dix, S. (2010). *As esferas seculares e religiosas na sociedade portuguesa*. Lisboa.
- Durkheim, E. (1989). *As formas elementares da vida religiosa. O sistema totémico na Austrália*. São Paulo, Brasil: Paulinas.
- Eça, T. (maio de 2008). Educação artística em Portugal: entre a tradição e a ruptura. (E. d. UFMG, Ed.) *POS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes*, 1(1), pp. 26-36. Obtido em 3 de janeiro de 2019, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15402/12259>
- Educação, M. d. (julho de 2018). *Aprendizagens Essenciais- Ensino Básico- 1.º Ciclo. Aprendizagens Essenciais- Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação. Obtido em 5 de novembro de 2019, de <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>
- Educação, M. d. (2017). *Perfil de Aprendizagens dos Alunos no Final do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação. Obtido em 5 de novembro de 2019, de https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Ferretti, S. (25 a 28 de setembro de 2007). *Religião e cultura popular. (XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas em América Latina), Mesa redonda & religiões/Culturas Populares*, 1-12. Buenos Aires.
- Fonseca, J. J. (2002). *Metodologia da Pesquisa Científica*. Fortaleza: UEC: Apostila.
- Fróis, J. P. (2000). *Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares*. (F. C. Serviço de Educação e Bolsas, Ed.) Lisboa.
- Geertz, C. (1973). *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: E. d. Guanabara.
- Godinho, M. (2006). *A Expressão Livre na Arte Infantil: O seu contributo para a formação do carácter*. 39. Lisboa: Universidade Católica.
- Leal, J. (2000). *Etnografias Portuguesas (1870-1970) Cultura Popular e Identidade Nacional*. Dom Quixote.

- Leal, J. (agosto de 2016). A antropologia em Portugal e o englobamento da cultura popular. *Sociologia e Antropologia- Universidade Nova de Lisboa*, 6, 293-319. Obtido de <http://hdl.handle.net/10362/21012>
- Leniaud, J. (1992). *"L' utopie française: essai sur le patrimoine"*. Paris: Mengès.
- Lind, W. (2004). *A importância dos rituais familiares na construção da família*. Cidade Solidária.
- Lisboa, A. d. (2001). *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea* (Vols. II G-Z). Verbo.
- Marroy, C. (1997). *Análise qualitativa de entrevistas* (Vol. Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais). (F. In Abarello, C. Dignef, D. Maroy, & e. S.-G. Ruquoy, Edits.) Lisboa, Portugal: Gradiva.
- Massonetto, B., Esteves, E., Ferreira, E., Andrade, E., & e Christofolletti, R. (2012). *Uma mudança do olhar em favor do património*. UNISANTA Humanitas.
- McFee, J. K. (1991). *Change and the cultural dimensions of art education*. University of Oregon: Unpublished paper.
- McMillan, J. H., & Schumacher, S. (2010). *Research in Education*. Boston: Pearson.
- Merriam, S. B. (1998). *Qualitative research and case study applications in education*. San Francisco, CA: John Wiley e Sons, Inc.
- Ministros, P. d. (6 de julho de 2018). Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho. *Diário da República n.º 129/2018, Série I*, 2928-2943. Lisboa. Obtido em 5 de novembro de 2019, de <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/55/2018/07/06/p/dre/pt/html>
- Moura, A. (s.d.). Uma crítica multicultural ao ensino do património artístico nas escolas portuguesas do 2.º Ciclo. *Revista Galega de Ensino*, pp. 191-213. Obtido em 6 de janeiro de 2020, de <http://www.edu.xunta.es/ftpserver/portal/DXPL/revistagalega/rge34.pdf>
- Moura, A., & Cachadinha, M. (2007). A arte como instrumento de educação social e de desenvolvimento cívico. (M. O. Oliveira, Ed.) *Arte, Educação e Cultura* (7), pp. 197-214.
- Moura, A., & Cruz, A. (2005). "Hiddenstream Art Forms: The Bridge Between Theory and Practice". *Internacional Journal of Education Though Art*, 1 (3), pp. 237-247.

- Oliveira, M. (2017). *A Educação Artística para o desenvolvimento da cidadania, Atividades integradoras para o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a. C. (17 de outubro de 2003). *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. (UNESCO, Ed.) Obtido em 12 de outubro de 2019, de <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>
- Organização das Nações Unidas para a Educação, C. e. (17 de outubro de 1972). *Convenção para o Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*. Obtido em 12 de outubro de 2019, de <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>
- Peirano, M. (2001). *O Dito e o feito Ensaio de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumarà/NuAP.
- Sampieri, H. e. (2006). *Metodologia de Pesquisa* (3.ª ed.). S. Paulo: McGraw-Hill.
- Sarmiento, C. (2008). A cultura popular portuguesa e o discurso do poder: práticas e representações do moliceiro. (10), pp. 53-54.
- Seara, J. d. (s.d.). <https://www.freguesiadaseara.com/>. (J. d. Seara, Editor) Obtido em 3 de dezembro de 2018, de <https://www.freguesiadaseara.com/>
- Segalen, M. (2002). *Ritos e Rituais Contemporâneos*. FGV Editora.
- Silva, A. S. (1994). *Entre a Razão e o Sentido Durkheim, Weber e a Teoria das Ciências Sociais*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Silva, L. L. (2008). Educação pela Arte: revista Iberoamericana de Educación OEI-Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación Ciência e Cultura. p. 2. Obtido em 15 de novembro de 2019, de Educação pela Arte: Revista Iberoamericana de Educación OEI–Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación
- Spradley, J. (1979). *The Ethnographic Interview*. Orlando: Holt, Rinehart and Winston.
- Trice, H. e. (1986). *Como os ritos de uma organização revelam a sua cultura*. Dinâmica Social in Academy of Management.
- Unidas, O. d. (1989). *Convenção dos Direitos da Criança*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: ONU.
- Viana, M. C. (1990). *Ferro-Velho: memórias e estudos* (Vol. II). Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Woods, P. (1987). *La escuela por dentro*. Barcelona: Paidós.

Páginas da web

Vídeo marcha da Seara 2019 <https://www.youtube.com/watch?v=coP2P8IYPIg>, acedido em 10 de setembro de 2019

Vídeo coroação de S. Pedro <https://www.youtube.com/watch?v=gEXUVpkfyRU>, acedido em 10 de setembro de 2019

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -crianças (Seara)

Concordo em deixar participar de forma voluntária o (a) meu (minha) filho (a) _____, no estudo de investigação (TESE), que tem como responsável, Cristina Maria Cerqueira de Araújo, a aluna do Mestrado em Educação Artística, na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.

Tenho conhecimento de que, o referido estudo, pretende recolher informações através de inquéritos por questionários, ou entrevistas, a recolha de imagens (fotografias e/ou vídeos), a presença em reuniões e ensaios, ou noutras atividades que visam a preparação, o desenvolvimento, a apresentação e a divulgação das Marchas Populares, com a Associação Sementes Anónimas- Associação recreativa da freguesia da Seara.

Entendo que o estudo possui finalidade de pesquisa académica, que os dados recolhidos não serão divulgados sem a minha autorização prévia, e que será preservado o anonimato dos participantes, assegurando a privacidade de cada um.

A aluna do mestrado facultará, sempre que lhe for solicitado, a consulta e cópias de entrevistas, dos registos de imagem, entre outros instrumentos que possa vir a utilizar no estudo.

Tenho consciência que, a qualquer momento, posso deixar de participar na investigação, bem como não está previsto nenhum pagamento por esta participação.

_____, ____ de _____ de 2019

O (A) responsável pelo (a) menor, _____

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - adultos (Seara)

Eu, _____, concordo participar de forma voluntária no estudo de investigação (TESE), que tem como responsável, Cristina Maria Cerqueira de Araújo, a aluna do Mestrado em Educação Artística, na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.

Tenho conhecimento de que, o referido estudo, pretende recolher informações através de inquéritos por questionários, ou entrevistas, a recolha de imagens (fotografias e/ou vídeos), a presença em reuniões e ensaios, ou noutras atividades que visam a preparação, o desenvolvimento, a apresentação e a divulgação das Marchas Populares, com a Associação Sementes Anónimas- Associação recreativa da freguesia da Seara.

Entendo que o estudo possui finalidade de pesquisa académica, que os dados recolhidos não serão divulgados sem a minha autorização prévia, e que será preservado o anonimato dos participantes, assegurando a privacidade de cada um.

A aluna do mestrado facultará, sempre que lhe for solicitado, a consulta e cópias de entrevistas, dos registos de imagem, entre outros instrumentos que possa vir a utilizar no estudo.

Tenho consciência que, a qualquer momento, posso deixar de participar na investigação, bem como não está previsto nenhum pagamento por esta participação.

_____, ____ de _____ de 2019

O (A) responsável, _____

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - crianças (Monsserrate)

Concordo em deixar participar de forma voluntária o (a) meu (minha) filho (a) _____, no estudo de investigação (TESE), que tem como responsável, Cristina Maria Cerqueira de Araújo, a aluna do Mestrado em Educação Artística, na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.

Tenho conhecimento de que, o referido estudo, pretende recolher informações através de inquéritos por questionários, ou entrevistas, a recolha de imagens (fotografias e/ou vídeos), a presença em reuniões e ensaios, ou noutras atividades que visam a preparação, o desenvolvimento, a apresentação e a divulgação das Marchas Populares da Ribeira, freguesia de Monsserrate, Viana do castelo.

Entendo que o estudo possui finalidade de pesquisa académica, que os dados recolhidos não serão divulgados sem a minha autorização prévia, e que será preservado o anonimato dos participantes, assegurando a privacidade de cada um.

A aluna do mestrado facultará, sempre que lhe for solicitado, a consulta e cópias de entrevistas, dos registos de imagem, entre outros instrumentos que possa vir a utilizar no estudo.

Tenho consciência que, a qualquer momento, posso deixar de participar na investigação, bem como não está previsto nenhum pagamento por esta participação.

_____, ____ de _____ de 2019

O (A) responsável pelo (a) menor, _____

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - adultos (Monsserrate)

Eu, _____, concordo participar de forma voluntária no estudo de investigação (TESE), que tem como responsável, Cristina Maria Cerqueira de Araújo, a aluna do Mestrado em Educação Artística, na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.

Tenho conhecimento de que, o referido estudo, pretende recolher informações através de inquéritos por questionários, ou entrevistas, a recolha de imagens (fotografias e/ou vídeos), a presença em reuniões e ensaios, ou noutras atividades que visam a preparação, o desenvolvimento, a apresentação e a divulgação das Marchas Populares na freguesia de Monsserrate, Viana do Castelo.

Entendo que o estudo possui finalidade de pesquisa académica, que os dados recolhidos não serão divulgados sem a minha autorização prévia, e que será preservado o anonimato dos participantes, assegurando a privacidade de cada um.

A aluna do mestrado facultará, sempre que lhe for solicitado, a consulta e cópias de entrevistas, dos registos de imagem, entre outros instrumentos que possa vir a utilizar no estudo.

Tenho consciência que, a qualquer momento, posso deixar de participar na investigação, bem como não está previsto nenhum pagamento por esta participação.

_____, ____ de _____ de 2019

A responsável, _____

Guião de Entrevista aos participantes/marchantes

A aluna do Mestrado em Educação Artística da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo e está a efetuar um trabalho de investigação sobre as Marchas Populares, para o qual necessita de fazer entrevistas.

Irá dar início à entrevista, lembrando que a mesma vai ser objeto de estudo para a sua tese de dissertação de mestrado. Agradece a autorização para gravar a entrevista e a disponibilidade para participar neste estudo. Caso tenha alguma dúvida ou alguma questão a colocar pode fazê-lo.

A qualquer momento se decidir não continuar, deve informar a entrevistadora.

Obrigada pela sua colaboração.

1- Qual a sua idade?

2- Género? Masculino___ feminino_____

3- Atividade profissional?

4- Naturalidade e nacionalidade?

5- Habilitações literárias (até que ano estudou)?

6- Qual a sua residência?

7- Como descreve a atividade das marchas populares?

8- O que pode dizer sobre as marchas para incentivar outras pessoas a participar?

9- Desfila pelo seu bairro, ou sua freguesia?

10- Como é feito o processo de inscrição dos marchantes?

11- Como podem os jovens residentes ou não residentes, ter acesso à inscrição?

12- É visível alguma rivalidade entre as freguesias ou bairros com marchas? Como se manifesta, ou vê essa rivalidade? É mais comum entre os mais novos, ou os mais velhos?

13- Quais são as motivações que o (a) levam a participar nas marchas populares?

14- Habitualmente participa sozinho (a) nas marchas? Com amigos? Com familiares? Conhece alguém que já tivesse participado, ou que participa?

15- O que o (a) levou a começar a participar na marcha?

16- O lugar que ocupa, ou já ocupou na marcha é decisivo para a sua participação?

17- O tempo que disponibiliza para a marcha é um fator decisivo? Se fosse mais tempo, continuava a participar?

18- Há quantos anos participa na marcha? Sempre foi marchante? 19- Pretende continuar a participar e a marchar? Até quando?

20- No caso de ser não residente do bairro ou freguesia da marcha, gostava que a sua localidade tivesse uma marcha popular?

21- Considera que esta atividade promove a cultura popular e a identidade do povo? Porquê?

22- Entende que as marchas populares contribuem para a valorização do património cultural português?

23- Considera que as marchas trazem mais pessoas a visitar o seu bairro, ou freguesia e ajuda a desenvolver o turismo? Porquê?

Guião de Entrevista às Entidades

(Presidentes da Junta de Freguesia, outras Associações culturais e desportivas, organizadores da marcha), público e coreógrafas

A aluna do Mestrado em Educação Artística da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo e está a efetuar um trabalho de investigação sobre as Marchas Populares, para o qual necessita de fazer entrevistas.

Irá dar início à entrevista, lembrando que a mesma vai ser objeto de estudo para a sua tese de dissertação de mestrado. Agradece a autorização para gravar a entrevista e a disponibilidade para participar neste estudo. Caso tenha alguma dúvida ou alguma questão a colocar pode fazê-lo.

A qualquer momento se decidir não continuar, deve informar a entrevistadora.

Obrigada pela sua colaboração.

1- Qual a sua idade?

2- Género? Masculino_____ Feminino_____

3- Atividade profissional?

4- Naturalidade e nacionalidade?

5- Habilitações literárias (até que ano estudou)?

6- Qual a sua opinião sobre as marchas e as pessoas que participam, ativamente, nas marchas populares da freguesia ou do bairro?

7- Os jovens participam nas marchas? Qual será a motivação para o fazerem, ou não o fazerem?

8- Identifica semelhanças, ou diferenças nas marchas de hoje, com outras realizadas no passado?

9- Há mais jovens a participar nas marchas, no presente, ou sempre houve?

10- Como são selecionados, ou indicados os convidados ou padrinhos da marcha? São pessoas com influência sobre os jovens, são residentes, são figuras públicas?

11- Com que antecedência começam os preparativos para a realização da marcha?

12- Utilizam alguma estratégia para motivar as pessoas a participar, ou fazem-no de forma voluntária?

13- O tempo que os participantes disponibilizam para os ensaios e os horários são um fator que interfere na sua participação?

14- É visível alguma rivalidade entre as freguesias ou bairros com marchas? Como se manifesta, ou vê essa rivalidade? É mais comum entre os mais novos, ou os mais velhos?

15- Considera que esta atividade promove a cultura popular e a identidade do povo? Porquê?

16- Entende que as marchas populares contribuem para a valorização do património cultural português? Porquê?

17- Considera que as marchas trazem mais pessoas a visitar o seu bairro, ou freguesia e ajuda a desenvolver o turismo? Porquê?